



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Bruno Brandão Daniel

**Título: Tradução comentada da obra *Le Petit Prince*,  
de Antoine de Saint-Exupéry**

Florianópolis – SC  
2019

Bruno Brandão Daniel

**Título: Tradução comentada da obra *Le Petit Prince*,  
de Antoine de Saint-Exupéry**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dirce Waltrick do Amarante

Florianópolis – SC

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Daniel, Bruno Brandão  
Tradução comentada da obra *Le Petit Prince*, de Antoine  
de Saint-Exupéry / Bruno Brandão Daniel ; orientadora,  
Dirce Waltrick do Amarante, 2019.  
174 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução comentada. 3.  
Literatura Francesa. 4. Literatura Infantojuvenil. 5.  
Tradução literária. I. Waltrick do Amarante, Dirce . II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Bruno Brandão Daniel

**Título:** Tradução comentada da obra *Le Petit Prince*,  
de Antoine de Saint-Exupéry

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca  
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marie-Hélène Catherine Torres  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Santana Dias Debus  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Guerini  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi  
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Guerini  
Coordenadora do Programa

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dirce Waltrick do Amarante  
Orientadora

Florianópolis, 2019.

Aos meus pais pelo amor, pela educação e por nunca deixarem de acreditar em mim.

## AGRADECIMENTOS

A minha família, por todos os esforços para me apoiar ao longo de minha vida.

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dirce Waltrick do Amarante, que me fez descobrir a tradução literária e que se tornou uma grande incentivadora em todas as vezes quando pensei em desistir.

Às professoras integrantes de minha banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marie-Hélène Catherine Torres, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Santana Dias Debus e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Guerini, por todo o apoio e pelas recomendações quanto ao texto, abordagem e leituras, os quais foram fundamentais para que eu me engajasse ainda mais na área de estudos da tradução de literatura infantojuvenil.

Aos meus professores das disciplinas do mestrado, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Cesco, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosvitha Friesen Blume, Prof. Dr. Werner Heidermann, Prof. Dr. Bernd Stefanink, pela acolhida neste programa de pós-graduação, pelas discussões durante as aulas e pela atenção aos meus questionamentos.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), por sua paciência e presteza com os quais sempre me atenderam. Aos colegas das disciplinas do mestrado, pela riqueza das discussões dentro e fora de sala e por tudo que fez a diferença ao longo de meus estudos e minha pesquisa.

À Coordenadora Pedagógica da *Escola Internacional de Florianópolis* e professora de Inglês, Ms. Neves, pelo incentivo e suporte ilimitados, pelas proficuas discussões sobre literatura traduzida e por uma amizade que virou irmandade.

Às professoras de Inglês, Ms. Mello e Ms. Pinfield, pela grande contribuição quanto às discussões sobre a obra *Le Petit Prince* em língua inglesa e várias outras reflexões sobre tradução. À professora de Francês, Mme Herkenhoff, pela atenção e carinho, bem como por todas as discussões sobre língua e literatura francesas.

À *entourage* de pessoas muito especiais, que me ofereceram sua paciência e compreensão na minha ausência, jamais deixando de acreditar no meu trabalho.

Ao Djonathan Oliveira, pelo companheirismo absoluto ao longo deste período.

## RESUMO

Este trabalho traz uma tentativa de traduzir a obra *Le Petit Prince*, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, para o português brasileiro, buscando-se reproduzir no texto-alvo a sonoridade de partes do texto-fonte. Ao longo do processo, o objetivo foi reproduzir um texto sem perdas significativas. Através do cotejo entre texto-fonte e texto-alvo, bem como de vários trechos, é possível analisar as escolhas do tradutor e também compreender os desafios que devem ser enfrentados. Além de descrever e comentar o processo de tradução, trazer as teorias a ele relacionadas, fazemos também um breve panorama sobre a relevância da obra tanto para os Estudos da Tradução – sendo uma das razões o fato de ser o livro não religioso mais traduzido do mundo – quanto para o mercado editorial, quando falamos sobre a profusão de novas traduções no mercado de literatura infanto-juvenil no país, em razão da recente extinção dos direitos autorais. A pesquisa apresenta ainda um estudo sobre alguns termos da obra e as soluções encontradas e utilizadas na tradução contida neste trabalho.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. O Pequeno Príncipe. Literatura Francesa.

## ABSTRACT

This work brings an attempting of translating the book *Le Petit Prince*, by the French author Antoine de Saint-Exupéry, into Brazilian Portuguese, looking forward to reproduce, on the target text, the sonority found on the source text. Throughout the process, the objective was to reproduce a text without any significant losses. By fully comparing both source and target texts, and some excerpts, it is possible to analyze the translator's choices and understand the challenges to face. The translation process is described, commented, including the theories about it. We also show a brief overview on the relevance of this book to the Translation Studies - it is the most translated non-religious work in the world – and the publishing business, when we refer to the profusion of new translations in the market of books for children in Brazil, due to the recent cession of copyrights. This research also presents a brief study on some specific words and the solutions found and used on the text.

**Keywords:** Translation Studies. The Little Prince. French Literature

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Obras catalogadas como fábula francesa ou ficção francesa – Códigos: CDD:843 /  
CDU: 840-3.....24

Tabela 2 - Obras catalogadas como literatura infantil/literatura infantojuvenil/literatura juvenil  
– Código CDD-028.5.....24

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>TRADUÇÃO E LITERATURA INFANTOJUVENIL .....</b>	<b>17</b>
2.1	TRADUÇÃO E TEORIAS .....	17
2.2	SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL .....	23
<b>2.2.1</b>	<b>O mercado editorial e a tradução de livros infantojuvenis .....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>COTEJO DO TEXTO-FONTE E A TRADUÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>COMENTÁRIOS À TRADUÇÃO.....</b>	<b>120</b>
4.1	SOBRE O TEXTO-FONTE.....	121
4.2	SOBRE O TÍTULO DA OBRA .....	123
4.3	O USO DO PRONOME PESSOAL <i>TU</i> .....	124
4.4	SOBRE CARNEIROS, OVELHAS E BODES .....	127
4.5	O QUE QUER DIZER “APPRIVOISER”? .....	130
4.6	COMENTÁRIOS POR CAPÍTULO .....	134
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>164</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>168</b>
	<b>APÊNDICE A –Relação das traduções da obra “Le Petit Prince” para o português brasileiro disponíveis no mercado.....</b>	<b>171</b>
	<b>APÊNDICE B - Comparação das traduções para os termos “mouton” e “bélier”.....</b>	<b>173</b>
	<b>APÊNDICE C – Diferenciação dos termos “mouton”, “bélier”, “brébis” e “bouc” em sua tradução para a língua portuguesa .....</b>	<b>174</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ano de 2015 constitui-se num marco no Brasil para a obra *Le Petit Prince*, do escritor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry. Conforme a lei 9.610/98, contados 70 anos do falecimento de um autor, sua obra intelectual passa a integrar o domínio público, ou seja, pode ser livremente utilizada. Com isto, a partir deste ano, à primeira tradução publicada no Brasil pela Editora Agir em 1952, feita por Dom Marcos Barbosa, juntaram-se várias outras, cada uma com características particulares: posfácios, edições em diversos formatos, novos tradutores, entre outras peculiaridades. A fim de enumerar as diferentes edições que disponíveis no mercado e aquelas às quais tivemos acesso ao longo da pesquisa, elaboramos o Apêndice I, que se encontra neste trabalho.

Tal liberação dos direitos autorais também refletiu-se na série de artigos, das mais diferentes finalidades, com a temática do *Le Petit Prince*. De material escolar à roupas de cama para crianças, acessórios de moda e à mais ampla gama de itens de decoração. Também foi em 2015 que o diretor norte-americano Mark Osborne lançou o filme “O Pequeno Príncipe”, incluindo a obra na história de uma menina e sua descoberta do mundo pelos olhos de um vizinho, um aviador, que lhe apresenta o livro de Saint-Exupéry. O fato de o diretor reproduzir no filme vários trechos da obra literária repercutiu bastante, principalmente em virtude da estética utilizada para reproduzir os desenhos do autor. Ao invés de reproduzir as famosas aquarelas, presentes na maioria das traduções, Osborne optou por utilizar a técnica de *stop-motion*, na qual são feitas reproduções fotográficas quadro a quadro de uma imagem, sendo que, neste caso, para contar a história do príncipezinho, sua equipe utilizou modelos em papel e argila.

Com essas novas traduções publicadas a partir de 2015 vieram variações, principalmente no campo lexical, comparadas à tradução de Dom Marcos Barbosa. Alguns tradutores como Denise Bottmann e Ivone Benedetti publicaram textos expondo os desafios desta tradução; outros tradutores, como Mônica Cristina Corrêa, comentaram brevemente, sob a forma de posfácio, os desafios da tradução e prováveis diferenças de seus trabalhos e a primeira tradução publicada no Brasil. Esta tradução de Dom Marcos Barbosa encontra-se praticamente canonizada no mercado brasileiro, não somente pelo aspecto editorial, pois a obra chegou à sua 53ª edição, conforme edição consultada de 2015, como também pela proliferação de produtos, imagens divulgadas e compartilhadas à exaustão pelas redes sociais, cujas frases são de sua tradução, exemplo de: “*tu te tornas eternamente responsável por aquilo que*

*cativas*”. Dado este cenário, sugerir ou mudar frases já consagradas da obra poderia ser tarefa quase que impraticável no mercado editorial, porém vários tradutores o fizeram, como por exemplo, trocando o pronome *tu* pelo pronome de tratamento *você*.

Cada tradução, ao nosso ver, representa o que chamaremos neste trabalho de “a escolha do tradutor”, denominação através da qual fazemos referência ao célebre ensaio *Die Aufgabe des Übersetzers*<sup>1</sup> (A tarefa do tradutor), de Walter Benjamin (2010), e ao que puder ser variado dele. Buscamos reforçar a defesa da importância e valorização do trabalho do tradutor, pois acreditamos que todo ato tradutório esteja permeado de escolhas, passando às edições por parte de outrem (revisores, editores, comitês editoriais), não restando muitas vezes espaço para o profissional explicar o porquê delas. A escolha do tradutor passa por uma teia ampla de vários questionamentos: estrangeirizar ou domesticar? Trair ou ser fiel? São tantos os adágios e os desafios que habitam o universo da tradução, que o trabalho do profissional de tradução, na nossa crença, pode refletir o seu momento, suas escolhas e seu entendimento da obra à época. Complementarmente, há ainda o que chamamos de projeto de tradução, ou seja, as orientações que o profissional recebe quando da contratação do serviço, as quais incluem, por exemplo, o público de destino da publicação. Estas são algumas variáveis que influenciarão diretamente no resultado. Neste trabalho elencamos, posteriormente, quais são as variáveis utilizadas para o projeto de tradução de *Le Petit Prince* para a língua portuguesa, em sua variante brasileira.

Outro aspecto que particulariza a tarefa e as escolhas ao traduzir *Le Petit Prince* é o fato de a obra ser considerada como literatura infantojuvenil nas fichas catalográficas da maioria das traduções publicadas no Brasil. Seria a tradução da literatura infantil e juvenil diferente das demais modalidades? Quais os desafios do tradutor? Como lidar com o paratexto? As ilustrações desta obra destacam-se pelo fato de elas terem sido feitas pelo próprio autor, tendo este acompanhado de perto a diagramação das primeiras edições, de modo a obter os efeitos que desejava. Este era o único livro de Saint-Exupéry com ilustrações, enquanto suas publicações anteriores versavam mais sobre sua vida de piloto. Há algumas traduções que classificaram esta obra como uma fábula. De fato, um dos recursos utilizados por Exupéry é a repetição, não só de termos num mesmo trecho, como também ao longo da obra, como por exemplo “*J’avais été découragé par l’insuccès de mon dessin numéro 1 et de mon dessin numéro 2*” (SAINT-EXUPÉRY, 2015), através do qual ele procura dar este tom tanto didático

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. *Die Aufgabe des Übersetzers / A Tarefa do Tradutor*. Trad. De Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner. *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, 2010. V. 1. 344p.

quanto enumerativo que permeiam as fábulas infantis. Neste trabalho apontaremos, brevemente, como foi classificada cada tradução disponível no mercado brasileiro, bem como os motivos pelos quais a tomamos como uma obra infantojuvenil. Em um trabalho de pós-graduação posterior, no nível de doutorado, faremos um estudo mais aprofundado sobre esta classificação, bem como nos aprofundaremos sobre a questão da própria tradução de obras infanto-juvenis em si.

Hoje em dia, o público leitor da obra *Le Petit Prince* é bem vasto, sendo considerada também como uma espécie de literatura autoajuda, em virtude de seu enredo ter uma linguagem universal, atingindo adultos e crianças, de diferentes povos e falares, por sua sensibilidade e simplicidade. Ela resgata valores simples, porém significativos que conseguem atingir o mais variado público, como a ingenuidade da infância, a tolerância, a descoberta, as relações de afetividade e todo o simbolismo de seus personagens. Sobre as crianças, o próprio Exupéry se desculpa por não dedicar seu livro com traços de conto infantil a elas: “Peço perdão às crianças por ter dedicado este livro a um adulto.” (SAINT-EXUPÉRY, 2015. p. 7, tradução nossa). Em seguida, nos apresenta Léon Werth, a quem chama de melhor amigo no mundo, nos dizendo ainda que este está na França e passa dificuldade. A complexidade do livro traz à discussão uma problemática existencial do nosso cotidiano, revelando à criança a vida conformista e materialista dos adultos. A estranheza e os questionamentos, tanto por parte do Aviador quanto do Príncipezinho, mostram que o homem não sabe ver além da superficialidade das coisas. Daí o fato de estar sozinho no mundo.

A oportunidade de um trabalho acadêmico como este, o qual oferece mais tempo para pesquisa e para a realização da tradução do que geralmente o mercado editorial oferece aos tradutores profissionais, permite que possamos propor alternativas de tradução ao texto-fonte que poderiam ser até rejeitadas pelo público em geral e/ou por editores. Como mudar o “*tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*” enraizado no repertório do público brasileiro, seja em cadernos, tatuagens, ou mesmo no falar do cotidiano? De modo a tentarmos entender os percalços pelos quais os tradutores podem ter passado, elaboramos a nossa tradução, buscando um texto mais fluído, menos literal, que busque uma aproximação do texto-fonte no quesito da sonoridade, por exemplo, de vários trechos. Uma das características da literatura infantojuvenil, conforme Riitta Oitiinnen (2000), é o fato de poder ser lida em voz alta, muitas vezes com uma cadência ou poesia dentro da própria prosa. Ao longo de nossas leituras e análise do texto-fonte, identificamos trechos que traziam esta característica e, por isso, buscamos reproduzi-las no texto-alvo, sem detrimento da matriz lexical. Não temos registro de

que o autor tenha tido esta preocupação com o texto-fonte, porém na leitura em voz alta do mesmo, percebemos que este é um item que os tradutores não haviam explorado até então.

Além de apresentar nossas soluções com base na sonoridade, remetemo-nos a três edições da tradução de Dom Marcos Barbosa, sendo uma edição de 1979 –a edição impressa mais antiga à qual tivemos acesso durante a pesquisa –, uma de 2006 e outra de 2015, para mostrarmos a evolução do texto confrontado da primeira à terceira edição. Ao comentarmos como fizemos a tradução de vários trechos, elencamos como Dom Marcos Barbosa tratou dos mesmos, sendo que, quando há divergência em demasiado com a nossa, explicamos o por quê de termos escolhido tal termo ou estilística. Não apresentamos critérios detalhados de avaliação, pois nosso objetivo não é criticar nem avaliar as traduções e sim ilustrar nossas soluções frente àquelas do primeiro tradutor da obra no Brasil. Valemo-nos das palavras de Paul Ricoeur<sup>2</sup> sobre uma boa tradução:

Mas então, por que este desejo de traduzir deve pagar o preço de um dilema, o dilema *fidelidade/traição*? Pois não existe um critério absoluto da boa tradução; para que tal critério fosse disponível, seria necessário comparar o texto de partida e o texto de chegada com um terceiro texto que seria portador do sentido idêntico suposto circular do primeiro ao segundo. (RICOEUR, 2004, p.39 – tradução nossa/grifos do autor)

Reforçamos, ainda, não só a ideia de tradução como arte, ou seja, o tradutor como trabalhador do texto, tentando restituir sua rede de significados na língua-alvo, sem desvio do significado e de seu papel no contexto, e sim trazemos à tona mais esta característica que pode ser levada em consideração na tradução de prosa. Muitas vezes, por pressão do próprio mercado editorial para a conclusão daquela tradução, o tradutor pode restringir tanto sua tarefa de reescrever o texto de maneira compreensível na língua-alvo, que certas características podem acabar passando despercebidas. Neste caso da obra *Le Petit Prince*, nos ocorreu tentar reproduzir a sonoridade quando da leitura em voz alta do texto-fonte, numa primeira vez, em sala de aula, momento no qual, além da musicalidade da língua francesa, pudemos perceber vários aspectos que vinham à tona na oralidade. Em seguida, ao rascunharmos uma provável tradução para aquele trecho, não encontramos soluções iguais àquelas nas traduções que consultamos. Além disso, conforme pode ser visto no Apêndice II, as novas traduções trouxeram um universo tão variado de traduções para termos como *mouton* e *bélier*, que nos

---

<sup>2</sup>Mais alors, pourquoi ce désir de traduire doit-il être payé du prix d'un dilemme, le dilemme *fidélité/trahison*? Parce qu'il n'existe pas de critère absolu de la bonne traduction; pour qu'un tel critère soit disponible, il faudrait qu'on puisse comparer le texte de départ et le texte d'arrivée à un troisième texte qui serait porteur du sens identique supposé circuler du premier au second.

justificaria, pelo menos, elencá-los aqui. Além de fazermos esse apanhado, apresentamos nossa justificativa para a solução a qual chegamos durante a pesquisa.

Por conseguinte, mesmo se nosso projeto não fosse a tentativa de reproduzir a sonoridade do texto de partida no texto de chegada, nem fazermos uma tradução para entendermos as dificuldades e a tarefa do tradutor, elencamos algumas justificativas para a escolha da tradução de *Le Petit Prince* como tema de dissertação na pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina:

- as traduções e a repercussão da obra pelo mundo seguiram-se logo após o lançamento, somando até a atualidade mais de 250 idiomas, tornando-se o segundo livro mais lido e traduzido no mundo, atrás somente da Bíblia Sagrada. Numa lista elaborada pela *The Translation Company*<sup>3</sup>, o livro figura em primeiro lugar, numa comparação com várias obras da literatura, como *Pinóquio*, de Carlo Collodi e *O Diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank;

- além da tradução da obra para o público em geral do mercado editorial, ela também faz parte de projetos a fim de preservar línguas consideradas quase extintas, ou dialetos, como, por exemplo, ocorreu na Alemanha, Itália, Coreia e China. Foram publicadas<sup>4</sup> recentemente versões em três variedades de quéchua, em guarani e até em línguas/escritas antigas como inglês arcaico e a escrita hieroglífica egípcia. Na Argentina é esperada a publicação em mapuche, uma língua em risco de extinção em regiões daquele país e do Chile. Estima-se que o número de falantes desta língua seja algumas centenas de milhares de pessoas, embora como a maioria deles são idosos, a língua possa desaparecer em menos de 50 anos. Este trabalho, por exemplo, está sendo realizado pela *The Jean-Marc Probst Foundation for the Little Prince*, instituição fundada em Lausanne, Suíça, em 2013, que detém uma coleção das traduções da obra e promove o acesso tanto a esta coleção, quanto a realização de novas traduções com este fim;

- em várias instituições de ensino fundamental no Brasil, em virtude deste fenômeno, os professores fomentam a leitura da obra em reflexo desse universo exterior, ou seja, a disponibilidade de produtos com a temática d'O *Pequeno Príncipe*. Mesmo com uma vasta gama de autores brasileiros e estrangeiros traduzidos, a obra ainda possui seu público e sua utilidade. Em outros países, o livro também é utilizado como suporte de leitura, tal como, por exemplo, a publicação de uma versão na língua tifinague direcionada ao povo tuaregue e uma

---

<sup>3</sup> Lista disponível em : <https://thetranslationcompany.com/news/blog/language-news/worlds-translated-books/> Página acessada em 13/06/2015 .

<sup>4</sup> Detalhes disponíveis em <http://www.thelittleprince.com/work/the-phenomenon/publishing/> . Página acessada em 02/07/2016

versão na língua khmer publicada no Cambódia, sendo ambas ações em prol do combate ao analfabetismo;

- fenômeno editorial – as estimativas<sup>5</sup> são de cerca de 145 milhões de exemplares vendidos pelo mundo, o que faz do livro um fenômeno editorial mundial que atravessou o século XX e ganha as mais diversas adaptações no século XXI. Dados apontam que no Brasil já foram vendidos cerca de 2 milhões de títulos desde 1952;

- a popularização da obra ultrapassou o meio literário, atingindo o cinema (um filme 1974, dirigido por Stanley Donen, e o de animação, por Mark Osborne, de 2015, sobre o qual brevemente falamos anteriormente), o teatro e até a indústria do entretenimento, com um parque temático localizado em Ungersheim, na região da Alsácia, França. Em Hakone, no Japão, encontra-se um museu dedicado à obra;

- conforme pesquisa realizada no banco de teses e dissertações da CAPES, não foram encontrados registros nos últimos anos de trabalhos sobre a tradução da obra, tanto no nível de mestrado quanto doutorado. Em virtude de alguns sistemas de dados virem a apresentar inconsistências, esta pesquisa foi refeita várias vezes, ou seja, atualizada, tendo sido a última realizada em 10/02/2017;

- o interesse pela obra ganha cada vez mais força e, neste momento, deriva para mais uma tradução, desta vez atingindo uma obra até então desconhecida do público brasileiro. É esperada para o ano de 2017 a publicação, pela Editora Piu, das obras *O Pequeno Patachou* e *As Histórias do Pequeno Patachu*, de Tristan Derème, a serem traduzidas por Júlia da Rosa Simões. Conforme a mídia tem usado para chamar a atenção para esta publicação, este livro teria inspirado Saint-Exupéry a escrever *O Pequeno Príncipe*;

- como piloto contratado da companhia Aéropostale, criada por Pierre-Georges Latécoère, Saint-Exupéry, em suas rotas para a América do Sul, fez várias escalas no Brasil, sendo uma delas na cidade de Florianópolis, particularmente no bairro Campeche, onde ficou conhecido como Zéperri<sup>6</sup>. Na cidade, hoje funciona a AMAB - Associação Memória da Aéropostale no Brasil, presidida por Mônica Cristina Corrêa, que citamos anteriormente como uma das tradutoras da obra no Brasil.

Esta dissertação traz em seu primeiro capítulo os elementos biográficos de Saint-Exupéry; já no segundo capítulo, apresentamos nossa tradução e reproduzimos o texto de

---

<sup>5</sup> Conforme reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1676404-em-dominio-publico-desde-janeiro-o-pequeno-principe-dispara-nas-vendas.shtml/> Página acessada em 06/02/2016

<sup>6</sup> O documentário “De Saint-Exupéry a Zéperri”, de Mônica Cristina Corrêa, pode ser assistido em: <http://www.zeperri.org/saint-exupery/saint-exupery-perfil/> Página acessada em 07/02/2015

partida; no terceiro capítulo, falamos sobre as teorias e práticas da tradução, trazendo também e brevemente a tradução da literatura infantil e juvenil; no quarto capítulo apresentamos comentários sobre partes bem específicas da obra, apresentando nossas soluções e comparando-as com as de Dom Marcos Cabral e com alguns tradutores; também demonstramos os trechos da nossa tradução nos quais tentamos reproduzir a sonoridade do texto de partida; por fim, apresentamos nossas considerações finais, bem como as referências deste trabalho e os apêndices.

## **2 TRADUÇÃO E LITERATURA INFANTOJUVENIL**

### **2.1 TRADUÇÃO E TEORIAS**

Ao falar-se em tradução, há quem visualize um processo praticamente mecânico, no qual um indivíduo conhecedor de duas línguas vai substituindo uma palavra de uma frase da língua A por seus equivalentes na língua B. (RÓNAI, 2012a, p.20). Entretanto, a tarefa do tradutor vai muito além, ainda mais quando se trata da tradução literária, na qual o sentido vai além das palavras. Ao nosso ver, apontar e/ou eleger somente uma teoria da tradução poderia nos induzir ao erro devido à inexistência de uma teoria unificada, tal como nos traz Nida:

A falta de uma teoria da tradução plenamente aceitável não deveria ser uma surpresa, pois traduzir é essencialmente um fenômeno bastante complicado e os critérios relacionados a esta atividade interlingual são derivados de várias disciplinas diferentes, tais como a linguística, sociolinguística, psicologia, sociologia, antropologia cultural, teoria da comunicação, crítica literária, estética e sócio-semiótica. O fato que não haja teoria aceita no geral para qualquer uma destas disciplinas deveria constituir-se numa razão suficiente para as pessoas compreenderem que não há basicamente coisa alguma inadequada sobre tradução simplesmente porque aqueles que traduzem não podem sempre justificar precisamente, através de alguma teoria compreensível, o que fazem. (NIDA, 2001, p. 107 – tradução nossa)

Com isso, neste breve percurso teórico, trazemos as ideias com as quais refletimos tanto sobre a tradução de Dom Marcos Cabral quanto a nossa da obra *Le Petit Prince*, na qual prezamos por uma tradução mais livre, conceito este que é controverso e leva muitas vezes à uma compreensão equivocada. À tradução literal associa-se o conceito de neutra, fiel, objetiva, enquanto à tradução livre o pensamento seja de parcialidade, infidelidade e subjetividade. Ao longo da história da tradução, temos alguns exemplos célebres de preferência pela tradução livre, embora muitas vezes o maior temor fosse o fato de o tradutor distanciar-se da obra (original) em questão. São Jerônimo (347-420), por exemplo, o patrono dos tradutores, contrariando a tendência da sua época, seguiu esta linha em sua tradução da Bíblia para o latim, tendência esta que era passível de ser considerada como infiel ou herege, podendo levar o tradutor à alguma condenação pela Inquisição. Posteriormente, a Bíblia de Martinho Lutero também seguiu esta linha da tradução livre.

Antoine Berman (2007) nos mostra, através dos exemplos que traz com a tradução de provérbios de uma língua para a outra, o dilema do tradutor em traduzi-los "literalmente" ou "palavra por palavra". "No entanto, traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir 'palavra por palavra'. É preciso também traduzir seu ritmo, ou seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliteraões etc. Pois um provérbio é uma forma (BERMAN, 2007, p.16). Para reforçar a importância do contexto, destacamos neste trabalho a Hermenêutica segundo Schleiermacher (1999), por pensar que interpretar o texto seja uma das tarefas primazes da tradução, pois a mecanicidade do suposto ato de simplesmente encontrar palavras que cumpram a mesma função semântica na língua-alvo não resume o trabalho do tradutor. As palavras interagem com todo o texto, podendo a elas, muitas vezes, serem atribuídas características e utilizações semânticas diferentes até num mesmo enunciado.

Embora analisemos, posteriormente, variações de utilização de vocábulos na tradução da obra *Le Petit Prince*, há vários outros fatores a serem levados em conta no momento da tradução, sendo que eles perpassam a questão do significado das palavras. Este fator enfraquece

a ideia do fator mecânico da tradução, permitindo considerar a ação como um trabalho criativo, no qual "o tradutor não é necessariamente um traidor" (BRITTO, 2012, p.18), sendo possível traduzir a obra pela recriação, levando em consideração a forma e o conteúdo, tornando-a tanto bela quanto fiel. Ao compreender o sentido do texto e refletir sobre ele, a tarefa do tradutor será a de evidenciar seus elementos fundamentais no texto-alvo, ou seja, refletir sua essência nele.

Traduzir obras de literatura infantojuvenil nos remete a uma série de questões bem específicas, como, por exemplo, a linguagem infantil, na qual podemos geralmente encontrar a utilização mais frequente de palavras no diminutivo. Isto nos leva a justificar e sugerir a tradução do título da obra de *Le Petit Prince* para *O Príncipezinho*, na língua portuguesa em sua variante brasileira, contrariando o que tanto o primeiro tradutor fez quando os posteriores. Além da linguagem, há as questões culturais, pois muitos textos refletem a cultura daquela nação ou pertencentes aos leitores daquele idioma, que levam o tradutor a optar por refletir estas características no texto-alvo, proporcionando a quebra de barreiras, expansão de visão de mundo daquela criança, levando-a a conhecer uma realidade bem diferente da sua, ou então uma adaptação daquele viés cultural à realidade da língua de chegada - e por que não do país de publicação da obra? Esta "adaptação" costuma também ser chamada de "domesticação", ou seja, o texto é adaptado à cultura de chegada. Lawrence Venutti, a partir dos anos 90, cunhou estes conceitos de "estrangeirização" e "domesticação". Desta forma, as estratégias que o tradutor optar refletirão no texto de chegada muito além do que numa simples escolha de termos. Na tradução de literatura infantojuvenil há muitas vezes uma preocupação muito mais centrada na legibilidade do texto a fim de aproximá-lo ao contexto daquela cultura, facilitando a compreensão do leitor.

Ao partirmos do ato de traduzir para uma teoria da tradução de literatura infantojuvenil, percorremos um caminho no qual especificamos e descrevemos as razões pelas quais a destacamos das outras. "A tradução literária de textos infantojuvenis envolve várias questões que geralmente não existem nos textos literários no geral, tais como adaptações culturais, manipulação ideológica, público duplo – já que além das crianças, os adultos também têm acesso a este tipo de leitura, fatores ligados à oralidade e a relação entre o texto e as ilustrações" (ALVSTAD, 2010). Em razão de tais especificidades, consideramos a literatura infantojuvenil como intencional, não somente em relação ao público. Peter Hunt (2010, p.48-49) destaca estas mesmas questões que citamos através de Alvstad (2010) como características importantes para a aceitação da literatura infantojuvenil no meio acadêmico, sendo que teóricos respeitados como Antoine Berman, já afirmaram que a tradução de literatura infantojuvenil pode ser levada em conta como uma categoria à parte.

Zohar Shavit (1986) usa o termo "liberdade de manipulação" implicando que o tradutor possa se permitir ao ajuste e às mudanças no texto, o que incluiria fazer supressões ou adições, de modo que o texto final (ou texto-alvo) seja compreensível ao público. Ele diz que "o tradutor pode inclusive ajustar o enredo, os personagens e a linguagem considerando a habilidade da criança em ler e compreender"<sup>7</sup> (1986, p.112-113, tradução nossa). Com isto, o tradutor deve seguir os aspectos morais do público infantil e seu nível assumido de compreensão (Shavit, 1986,p.121).

Puurtinen (1995, apud O'Connell, 2006, p.22) apresenta também características bem específicas dos leitores infantis que devem ser levadas em conta pelo tradutor, como habilidades de leitura e compreensão do texto, experiência e conhecimento. Ao passo que para um adulto leitor seja mais fácil compreender um texto com nomes estrangeiros, sintaxe mais complexa, referências a eventos ou lugares de interesse geral de algumas culturas, muitas vezes as crianças não têm acesso a estas informações. Zena Sutherland defende que, para estes casos, o texto possa ser domesticado (1981, p.69)

No caso da tradução de literatura infantojuvenil, acreditamos ser importante que o tradutor pelo menos tente refletir em seu texto as emoções que as crianças leitoras do texto de partida tiveram. Se o texto de chegada se distanciar em demasiado tanto do contexto cultural quanto das capacidades de leitura das crianças, pode haver tanto uma perda de interesse quanto uma concepção equivocada da obra. Uma obra destinada ao público adulto permitiria uma explicação de uma anedota ou jogo de palavras através de nota de rodapé ou mesmo o uso dos parênteses, porém duvidamos que tal recurso servirá para crianças. Ao nosso ver, é preferível buscar um termo na língua-alvo que produza o mesmo efeito no público-alvo. Utilizamos das palavras de Christiane Nord (2003, p.195) para embasar nosso pensamento:

The problem with the explanations of puns and jokes is that it kills them. A joke that has to be explained is a dead as Dodo.[...] the decision for, or against, annotations must be guided by addressee-orientation. For an adult readership, it may be interesting to read the two texts, either "side by side" or one after another. For children, one text will probably be sufficient.

Gillian Lathey (2006) também apresenta que a tradução de literatura infantil deve ser voltada ao leitor, sem qualquer detrimento ao texto original, principalmente em virtude de o

---

<sup>7</sup> "the translator may even adjust the plot, characters and language considering the child's ability to read and comprehend" (SHAVIT, 1986,p.112-113)

conhecimento de mundo da criança ser mais limitado, o que leva o tradutor a realizar adequações a fim de entregar um texto compreensível a este público. Para autora<sup>8</sup>:

Não pode-se esperar que os jovens leitores tenham adquirido a amplitude de compreensão de outras culturas, línguas e geografias, presumidos numa leitura feita por adultos. Em razão de as notas de rodapé serem uma solução insatisfatória para este problema, a ‘domesticação’ é frequentemente usada, embora seja controversa, nos textos infantis. (LATHEY, 2006, p.8 – tradução nossa)

Com base nestes aspectos, podemos afirmar que a tradução de literatura infantojuvenil geralmente é guiada pelo público-alvo, no qual o texto final buscará comunicar aos leitores o que o autor disse, em sua língua e cultura de origem, de forma que aquelas palavras possam trazer os mesmos horizontes do texto de partida. Ao longo deste processo, podem acontecer algumas modificações, supressões, porém não defendemos que o texto seja alterado substancialmente, por haver o risco de se desviar das ideias originais.

Por outro lado, entendemos que há que se “negociar” com o texto-fonte, por entendermos que a literatura infantojuvenil traduzida também permite ao leitor ampliar seus horizontes, encarnando também a característica informativa e não somente de entretenimento. Ao apreciar a literatura traduzida, o leitor infantil pode vir a deparar-se com alguns elementos que não pertencem à sua cultura, porém, para aquele texto, eles são tão imprescindíveis que não se pode simplesmente trocá-los por algum outro de maior e melhor acesso pertencente à sua cultura.

Na obra *Le Petit Prince*, temos vários exemplos destes termos, que, em nossa análise, defendemos que sejam mantidos, como é o caso da árvore chamada *baobá*, de predominância no continente africano e no Oriente Médio, porém de existência ínfima no Brasil. Nesta obra especificamente, uma das vantagens é que Saint-Exupéry traz sua ilustração da árvore, levando o leitor à descoberta e à ampliação de seus horizontes culturais. Temos um outro caso que se refere à cultura, porém que já passou por despercebido pelos leitores brasileiros, que é a figura da raposa, a quem geralmente se atribui em nossa cultura um aspecto de esperteza de conotação negativa. Na literatura francesa a raposa aparece em várias obras com função e conotação completamente opostos à realidade brasileira, não sendo diferente em *Le Petit Prince*, quando suas falas se transformaram em ensinamentos ao príncipezinho, bem como citações repetidas à exaustão pelo público cativo da obra.

---

<sup>8</sup> Young readers cannot be expected to have acquired the breadth of understanding of other cultures, languages and geographies that are taken for granted in an adult readership. Since translators’ footnotes are an unsatisfactory solution to this problem, ‘domestication’ is a frequently used but contentious tactic in children’s texts. (LATHEY, 2006, p.8)

A mesma estratégia que utilizamos para manter a palavra *baobá* nos serviu para não traduzir a palavra *francs* por *reais*, domesticando o trecho. Mesmo que atualmente na França a moeda não seja mais o *franco*, optamos pela tradução por *francos*, a fim de tanto trazer esta característica cultural da França daquela época à tona, quanto evitar a nacionalização do texto ao traduzir por *reais*. No trecho, mesmo que a criança não compreenda o que são “francos”, fica claro que se refere a uma moeda ou a algum custo, em virtude do uso do numeral:

*“J’ai vu une maison de cent mille francs”*  
(Saint-Exupéry, 2005, p.23)

Trecho o qual traduzimos por:

“Vi uma casa que custa cem mil francos”

É evidente também que, ao acrescentarmos a palavra “custa”, reforçamos o aspecto monetário de “cem mil francos”, sendo que na própria continuação do texto, evidencia-se que se trata de algo diferente, notável pelo seu valor:

*Alors elles s’écrient : “Comme c’est joli !”*  
(Saint-Exupéry, 2005, p.23)

na nossa tradução:

Então eles exclamam: “Ah, que legal! ”

Na tradução de literatura infantil podemos ver que há fatores que podem influenciar a obra, tais como o perfil do texto de partida, seu nível de complexidade, registro, as finalidades do ponto de vista didático ou ainda ligados à cultura ou ideologia do público do texto de chegada. Exemplos como os anteriores podem dizer muito sobre as escolhas do tradutor ou editor da tradução. Neste exemplo anterior dos “*francs*”, as primeiras edições da tradução de Dom Marcos Barbosa traziam o termo “*francos*”, vindo a ser substituído por “*reais*” nas revisões e na edição de 2016, da editora Agir. A tradução de Ferreira Gullar, da mesma editora, datada de 2014, traz o termo como “*francos*”. Portanto, é uma questão bem particular de cada tradutor.

## 2.2 SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL

O que faz o texto ser considerado como literatura infantojuvenil? Segundo Hunt (2010), não há uma definição única de “literatura infantil”, em razão de um livro ser considerado como “bom” em termos de prescrição por uma corrente literária ou acadêmica predominante, ou ainda por sua finalidade na vida das crianças – entretenimento, promoção de valores morais, religiosos ou políticos. Para Riitta (2000), a denominação de literatura infantojuvenil é aquela escrita para e/ou lida por crianças e jovens.

Em grande parte das obras disponíveis no mercado, é o adulto quem escreve para crianças, fazendo com que, de certa forma, prevaleçam seus valores e visões de infância. O adulto escritor lida constantemente com a chamada finalidade, ou seja, ele constitui seu texto direcionado ao público infantojuvenil. Além disso, a própria nomenclatura *infantojuvenil* abrange um universo bem amplo, tanto das crianças quanto dos jovens, sendo que no caso destes últimos, são os próprios jovens que em boa parte das vezes adquirem seus livros, ao contrário das crianças.

Sobre os propósitos dos livros infantis, citamos Hunt que afirma que:

Os livros infantis são usados para diferentes propósitos em diferentes épocas – para mais coisas do que os outros livros. Alguns são “ótimos” passatempos; outros são “bons” para alguém se tornar letrado; outros ainda são “bons” para expandir a imaginação ou para inculcar uma atitude social geral (ou específica); ou são “bons” para lidar com tarefas ou enfrentar problemas, ou “bons” para (aprender a) ler naquele jeito “literário”, que representa um pouco da cultura dos adultos, ou “bons” para lidar com o racismo... e a maioria dos livros fazem inúmeras coisas. (HUNT, 2002, p.11).

Para Cecília Meireles, "a dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer" (MEIRELLES, 1984, p.20). Para as pesquisadoras de literatura infantojuvenil no país, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, esse segmento literário é considerado pelo mercado como inferior à literatura adulta:

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior. (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p.9-10)

No caso de *Le Petit Prince*, passados os 70 anos da primeira publicação, percebemos que o público brasileiro é bem vasto, sendo composto tanto por adultos quanto por crianças. No entanto, para este trabalho, considero o livro como obra infantojuvenil, da qual depreendem-se todas as análises. No Brasil, a classificação da obra segundo os dados da ficha catalográfica das traduções à venda e às quais tivemos acesso durante a pesquisa, divergem-se quanto à catalogação na fonte ou CIP-Brasil (*Cataloging in Publication*) como literatura infantil/infantojuvenil ou como fábula/ficção francesa, tal como vemos nas tabelas seguintes:

**Tabela 1. Obras catalogadas como fábula francesa ou ficção francesa – Códigos: CDD:843 / CDU: 840-3**

<b>Tradutor (a)</b>	<b>Editora</b>	<b>Edição/Ano</b>
Ari Roitman	Garamond	1ª ed./2015
André Teles e Rodrigo Lacerda	Zahar	1ª ed./2015
Carlos Nougué	Petra	1ª ed. / 2016
Dom Marcos Barbosa	Agir	20ª ed. / 1979 48ª ed. / 2006 1ª ed. / 2016
	Harper Collins Brasil	53ª ed. / 2015
Ferreira Gullar	Agir	1ª ed. / 2013
Ivone Benedetti	L&PM Pocket	1ª ed./2015

**Tabela 2. Obras catalogadas como literatura infantil/literatura infantojuvenil/literatura juvenil – Código CDD-028.5**

<b>Tradutor (a)</b>	<b>Editora</b>	<b>Edição/Ano</b>
Bruno Anselmi Matangrano	Giz Editorial	1ª ed./2015
Denise Bottmann	Novo Século	1ª ed./2015
Frei Beto	Geração Editorial	2ª ed./2015
Gabriel Perissé	Autêntica Editora	1ª ed./2015
Herculano Villas-Boas	Martin-Claret	1ª ed./2015
Isolina Bresolin Vianna	Via Leitura	1ª ed./2015

Neste trabalho lidamos com *Le Petit Prince* como sendo uma infanto-juvenil, principalmente para que possamos destacar o trabalho de tradução para este gênero. Nada impede que os adultos tenham acesso ao texto, embora ainda há que ser estudada essa classificação que acaba sendo dúbia até mesmo para o mercado editorial, tal como foi mostrado nas tabelas anteriores.

### 2.2.1 O mercado editorial e a tradução de livros infantojuvenis

Embora a literatura infantojuvenil tenha despontado na Europa em meados do século XVII, o Brasil começou a presenciar este fenômeno somente no final do século XIX, quando da obrigatoriedade de frequência ao ensino primário regular. Com isso, houve o aumento tanto de produção de literatura infantojuvenil quanto tradução. Anteriormente, a produção que era consumida no país tinha origem em Portugal. Segundo Lajolo & Zilberman (2007):

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças; a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Münchhausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. (2007, p. 21)

No Brasil, nomes como Carlos Jansen (tradutor de narrativas como *Robison Crusoe* e *Viagens de Gulliver*) e Alberto Figueiredo Pimentel (*Histórias da Baratinha*, *Contos da Carochinha*) foram precursores na tradução e adaptação de clássicos de origem europeia. Posteriormente, um grande nome foi Monteiro Lobato, que, talvez movido pela ávida crítica às edições portuguesas, as quais alcunhava de "traduções galegas" (LOBATO, 1946), dedicou-se a dar um toque brasileiro às traduções de obras como *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll e *Pinóquio*, de Carlo Collodi. Outros nomes como Jules Verne e Mark Twain são traduzidos, numa época na qual já existe um cenário melhor definido para a recepção destas obras, quando “emerge a vertente brasileira do gênero, cuja história, particular e com elementos próprios, não desmente o roteiro geral” (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p.20).

Um aspecto interessante a ressaltar aqui é o nascimento da literatura infantojuvenil brasileira, que sofreu influência da europeia e inspirada num modelo de narrativa moralizante. Segundo Lajolo e Zilberman, traziam um "amor à pátria, sentimento de família, noções de obediência, prática das virtudes civis" (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p. 30-31), com o intuito

de perpetuar estes valores entre os jovens. Podemos dizer que as lições, tanto as mostradas pelo personagem da raposa em *Le Petit Prince*, quanto aquelas que ele aprende em suas visitas aos planetas, possuam um fundo moralizante, embora não seja nesse mesmo nível tal como as obras brasileiras daquela época e apresentadas aqui pelas estudiosas.

Atualmente, podemos dizer que a literatura vai muito além dos livros, não só por seu papel como elemento de integração da produção cultural do mundo e sua interação com várias outras artes (teatro, cinema, música), como também os meios de consumo da literatura. O que vemos é uma urgência na disseminação de ideias e informações a todos, fazendo-nos repensar a forma de lidar com a tradução, a editoração, a distribuição e o consumo. É cada vez maior o número de livros disponibilizados no Brasil no formato digital (e-book) e o consumo deles também vem mudando. Uma das maiores distribuidoras de livros digitais no mundo, a empresa norte-americana Amazon, possui um acervo de mais de 700 mil obras, sendo 10 mil em português (entre traduções e títulos originais). Recentemente a empresa lançou um serviço de acesso ao seu acervo apenas com o pagamento de uma mensalidade, sem a necessidade de comprar cada livro separadamente. Hoje em dia, a rapidez com que uma obra estrangeira é disponibilizada no mercado nacional é superior a tempos anteriores, principalmente em virtude da divulgação de vendas no exterior e pressão do público brasileiro por determinado título, por exemplo.

A literatura infantojuvenil também faz parte deste fenômeno, principalmente com o lançamento de livros impulsionados pelas produções do cinema, como o que ocorreu com a série Harry Potter, da escritora inglesa J.K. Rowling. Com o passar dos anos, a produção literária destinada a este público tem que ser renovada, pois o público se renova e os conceitos de infância também. Esta pressão do público leva muitas vezes tanto à publicação de traduções feitas pelos próprios fãs em meios eletrônicos, quanto às exigências das editoras aos seus tradutores por um trabalho bom e entregue em tempo hábil para publicação. Neste ponto, a realidade do mercado difere-se do que seria o ideal, o ato de traduzir através da análise do texto de partida e a construção do texto de chegada, ato este permeado pela análise dos termos entre os dois textos, pesquisa, tomada de decisões, entre outros.

Traduzir para o público infantojuvenil pode, à primeira vista, soar como uma tarefa menos árdua do que para o público em geral, por muitas vezes a linguagem ser erroneamente considerada como simples demais. Lathey (2006) nos mostra o que espera-se que o tradutor de literatura infantojuvenil deve fazer:

É essencial para um tradutor de literatura infantil ter em mente as qualidades intrínsecas da escrita bem-sucedida para crianças e da leitura infantil. Um dos aspectos mais exigentes, e ao mesmo tempo inspiradores da tradução infantil, é o potencial para uma criatividade que caracteriza a "infantilidade" dos textos infantis: a qualidade de ser criança - dinâmica, imaginativa, experimental, interativa e instável.<sup>9</sup> (LATHEY, 2006, p.9 – tradução nossa)

Segundo relatório<sup>10</sup> da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas realizado para o Sindicato Nacional de Editores de Livros, publicado em 2016, cujo ano-base é 2014/2015, foram publicados 4.781 títulos oriundos de tradução, atingindo uma tiragem de 19.877.367 de exemplares. Para fins de comparação, no mesmo período foram publicados 47.646 títulos de autores nacionais, com tiragem de 426.971.204 exemplares. Somados, autores nacionais e traduções, chegamos a 52.427 títulos e 501.371.513 exemplares. Em levantamento<sup>11</sup> para o mesmo sindicato, realizado pela Nielsen Bookscan, contemplando dados de 2015 e 2016, o mercado contemplou 38,14% de suas vendas de obras de gênero infantil, juvenil e educacional, percentual esse que saltou para 42,34% em 2016. Apesar de relatórios como estes não especificarem qual percentual destes títulos refere-se à literatura infantojuvenil traduzida, podemos dizer que ainda há mercado para a tradução no país, embora números precisos desta área não sejam disponibilizados com amplitude e detalhes ao público em geral.

---

<sup>9</sup> It is essential for a translator of children's literature to keep in mind the intrinsic qualities of successful writing for children and of childhood reading. One of the most demanding, and at the same time inspiring, aspects of translating for children is the potential for a creativity that characterises the 'childness' of children's texts: the quality of being a child – dynamic, imaginative, experimental, interactive and unstable.3 (LATHEY, 2006, p.9).

<sup>10</sup> Disponível na íntegra no endereço: <http://pesquisaeditoras.fipe.org.br/Home/Download?id=06026eab-9c5f-4432-815c-fba1485e8868>

<sup>11</sup> Disponível na íntegra no endereço:

<http://www.publishnews.com.br/estaticos/uploads/2016/03/ptRI3tjHJ4rs29Epn5vOzYwMKxfjfoKCP50dQF9OcKngL2P0NM7xOMvN73WD0ezJGiTT4YLT2k196uGC.pdf>

### 3. COTEJO DO TEXTO-FONTE E NOSSA TRADUÇÃO

Como o objetivo deste capítulo é cotejar o texto-fonte e o texto-alvo, ou seja, nossa tradução, apresentamos as ilustrações somente para dar apoio e referência ao texto, não tendo sido possível colocá-las em tamanho e forma a ficarem iguais à qualidade e disposição das obras impressas.

Optamos por preservar a posição das ilustrações conforme a edição francesa de *Le Petit Prince*, de 2007, que foi utilizada como referência e texto-fonte para este trabalho.

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

LE PETIT PRINCE

O PRINCIPEZINHO

avec les aquarelles de l'auteur

ilustrado pelo autor

À Léon Werth.

Je demande pardon aux enfants d'avoir dédié ce livre à une grande personne. J'ai une excuse sérieuse : cette grande personne est le meilleur ami que j'ai au monde. J'ai une autre excuse : cette grande personne peut tout comprendre, même les livres pour enfants. J'ai une troisième excuse : cette grande personne habite la France où elle a faim et froid. Elle a bien besoin d'être consolée. Si toutes ces excuses ne suffisent pas, je veux bien dédier ce livre à l'enfant qu'a été autrefois cette grande personne. Toutes les grandes personnes ont d'abord été des enfants. (Mais peu d'entre elles s'en souviennent.) Je corrige donc ma dédicace :

À Léon Werth  
quand il était un petit garçon.

Para León Werth

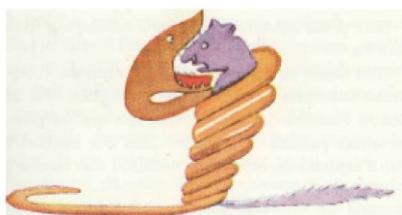
Peço perdão às crianças por ter dedicado este livro a uma pessoa adulta. Tenho uma boa desculpa: esse adulto é o melhor amigo que tenho no mundo. Tenho uma outra desculpa: esse adulto é capaz de compreender tudo, até mesmo os livros infantis. Tenho uma terceira desculpa: esse adulto mora na França, onde está passando fome e frio. Ele precisa ser consolado. Se nenhuma desculpa destas bastar, desejo então este livro dedicar à criança que ele já foi um dia. Todos os adultos crianças já foram, mas poucos deles se lembram. Sendo assim, corrijo minha dedicatória:

Para León Werth  
quando ele era um menininho.

## I

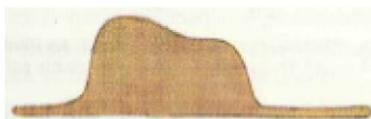
## Capítulo I

Lorsque j'avais six ans j'ai vu, une fois, une magnifique image, dans un livre sur la forêt vierge qui s'appelait *Histoires vécues*. Ça représentait un serpent boa qui avalait un fauve. Voilà la copie du dessin.



On disait dans le livre : « Les serpents boas avalent leur proie tout entière, sans la mâcher. Ensuite ils ne peuvent plus bouger et ils dorment pendant les six mois de leur digestion. »

J'ai alors beaucoup réfléchi sur les aventures de la jungle et, à mon tour, j'ai réussi, avec un crayon de couleur, à tracer mon premier dessin. Mon dessin numéro 1. Il était comme ça :

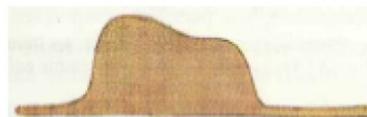


Quando eu tinha seis anos vi, certa vez uma magnífica imagem num livro sobre a floresta virgem, que se chamava *Histórias vividas*. Representava uma jiboia engolindo uma fera. Aí está a cópia do desenho.



No livro dizia: “As jiboias engolem sua presa por inteiro, sem mastigar. Em seguida, não conseguem se movimentar e dormem durante os seis meses de sua digestão”.

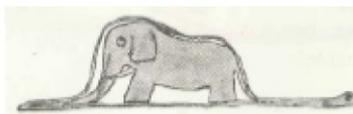
Então, refleti muito sobre as aventuras da selva e, na minha vez, consegui traçar meu primeiro desenho, usando um lápis de cor. Meu desenho número 1. Ele era assim:



J'ai montré mon chef-d'oeuvre aux grandes personnes et je leur ai demandé si mon dessin leur faisait peur.

Elles m'ont répondu : « Pourquoi un chapeau ferait-il peur ? »

Mon dessin ne représentait pas un chapeau. Il représentait un serpent boa qui digérait un éléphant. J'ai alors dessiné l'intérieur du serpent boa, afin que les grandes personnes puissent comprendre. Elles ont toujours besoin d'explications. Mon dessin numéro 2 était comme ça :

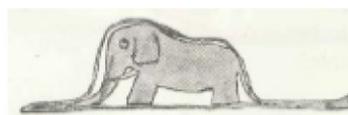


Les grandes personnes m'ont conseillé de laisser de côté les dessins de serpents boas ouverts ou fermés, et de m'intéresser plutôt à la géographie, à l'histoire, au calcul et à la grammaire. C'est ainsi que j'ai abandonné, à l'âge de six ans, une magnifique carrière de peintre. J'avais été découragé par l'insuccès de mon dessin numéro 1 et de mon dessin numéro 2. Les grandes personnes ne comprennent jamais rien toutes seules, et c'est fatigant, pour les enfants, de toujours et toujours leur donner des explications.

Mostrei minha obra-prima aos adultos e lhes perguntei se meu desenho lhes dava medo.

Eles responderam-me: "Por que um chapéu daria medo?"

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia que digerira um elefante. Então desenhei o interior da jiboia, para que os adultos entendessem. Eles sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e a me interessar mais pela geografia, história, matemática e gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos de idade, uma magnífica carreira de pintor. Eu tinha sido desencorajado pelo fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os adultos nunca entendem as coisas sozinhos e é cansativo para as crianças ter que ficar sempre explicando e explicando...

J'ai donc dû choisir un autre métier et j'ai appris à piloter des avions. J'ai volé un peu partout dans le monde. Et la géographie, c'est exact, m'a beaucoup servi. Je savais reconnaître, du premier coup d'oeil, la Chine de l'Arizona. C'est très utile, si l'on est égaré pendant la nuit.

J'ai ainsi eu, au cours de ma vie, des tas de contacts avec des tas de gens sérieux. J'ai beaucoup vécu chez les grandes personnes. Je les ai vues de très près. Ça n'a pas trop amélioré mon opinion.

Quand j'en rencontrais une qui me paraissait un peu lucide, je faisais l'expérience sur elle de mon dessin numéro 1 que j'ai toujours conservé. Je voulais savoir si elle était vraiment compréhensive. Mais toujours elle me répondait : « C'est un chapeau. » Alors je ne lui parlais ni de serpents boas, ni de forêts vierges, ni d'étoiles. Je me mettais à sa portée. Je lui parlais de bridge, de golf, de politique et de cravates. Et la grande personne était bien contente de connaître un homme aussi raisonnable.

Tive então que escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei quase pelo mundo inteiro. E a geografia, claro, me ajudou muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. Isso é muito útil quando a gente se perde durante a noite. Assim, tive, ao longo da minha vida, muitos contatos com muitas pessoas sérias. Vivi muito entre os adultos. Eu os vi de muito perto. Isto não melhorou muito minha opinião.

Quando encontrava um adulto que me parecia um pouco lúcido, fazia com ele a experiência de meu desenho número 1, que sempre guardei comigo. Queria saber se ele era realmente uma pessoa compreensiva. Mas a resposta era sempre: “É um chapéu.” Então não lhe falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Eu me colocava ao seu nível. Falava-lhe do jogo de bridge, de golfe, de política e de gravatas. E o adulto ficava muito contente por conhecer um homem tão sensato.

## II

J'ai ainsi vécu seul, sans personne avec qui parler véritablement, jusqu'à une panne dans le désert du Sahara, il y a six ans. Quelque chose s'était cassé dans mon moteur. Et comme je n'avais avec moi ni mécanicien, ni passagers, je me préparai à essayer de réussir, tout seul, une réparation difficile. C'était pour moi une question de vie ou de mort. J'avais à peine de l'eau à boire pour huit jours.

Le premier soir je me suis donc endormi sur le sable à mille milles de toute terre habitée. J'étais bien plus isolé qu'un naufragé sur un radeau au milieu de l'océan. Alors vous imaginez ma surprise, au lever du jour, quand une drôle de petite voix m'a réveillé. Elle disait :

— S'il vous plaît... dessine-moi un mouton !

— Hein !

— Dessine-moi un mouton...

J'ai sauté sur mes pieds comme si j'avais été frappé par la foudre. J'ai bien frotté mes yeux. J'ai bien regardé. Et j'ai vu un petit bonhomme tout à fait extraordinaire qui me considérait gravement.

## Capítulo II

Assim vivi sozinho, sem alguém com quem pudesse conversar de verdade, até uma pane no deserto do Saara, há seis anos atrás. Alguma coisa havia quebrado no meu motor. E como não havia nem mecânico nem passageiros comigo, preparei-me para tentar sozinho um conserto difícil. Era para mim uma questão de vida ou morte. Eu tinha água para beber por apenas oito dias.

Então, na primeira noite adormeci sobre a areia a mil milhas de qualquer terra habitada. Eu estava mais isolado que um naufrago numa jangada no meio do oceano. Então, imaginem minha surpresa, ao amanhecer, quando uma vozinha estranha me acordou, dizendo:

—Por favor.... Desenhe para mim um carneiro.

— Ah?

—Desenhe para mim um carneiro...

Levantei-me num pulo como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei bem meus olhos. Olhei bem. E vi um rapazinho absolutamente extraordinário que me observava com seriedade.



*Voilà le meilleur portrait que, plus tard, j'ai réussi à faire de lui.*

Voilà le meilleur portrait que, plus tard, j'ai réussi à faire de lui. Mais mon dessin, bien sûr, est beaucoup moins ravissant que le modèle. Ce n'est pas ma faute. J'avais été découragé dans ma carrière de peintre par les grandes personnes, à l'âge de six ans, et je n'avais rien appris à dessiner, sauf les boas fermés et les boas ouverts.

Je regardai donc cette apparition avec des yeux tout ronds d'étonnement. N'oubliez pas que je me trouvais à mille milles de toute région habitée. Or mon petit bonhomme ne me semblait ni égaré, ni mort de fatigue, ni mort de faim, ni mort de soif, ni mort de peur. Il n'avait en rien l'apparence d'un enfant perdu au milieu du désert, à mille milles de toute région habitée. Quand je réussis enfin à parler, je lui dis :



*Eis aqui o melhor desenho que, mais tarde, consegui fazer dele.*

Eis aqui o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Mas meu desenho, claro, é muito menos encantador do que o modelo. Não é minha culpa. Fui desencorajado a seguir minha carreira de pintor pelos adultos, aos seis anos de idade, e não tinha aprendido a desenhar qualquer outra coisa a não ser jiboias fechadas e jiboias abertas.

Olhava então para aquela aparição com olhos arregalados de espanto. Não se esqueçam que eu me encontrava a mil milhas de qualquer local habitado. No entanto, o rapazinho não me parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Ele não tinha qualquer aparência de uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas de qualquer região habitada. Quando por fim consegui falar, disse-lhe:

— Mais... qu'est-ce que tu fais là ?

Et il me répéta alors, tout doucement, comme une chose très sérieuse :

— S'il vous plaît... dessine-moi un mouton...

Quand le mystère est trop impressionnant, on n'ose pas désobéir. Aussi absurde que cela me semblât à mille milles de tous les endroits habités et en danger de mort, je sortis de ma poche une feuille de papier et un stylographe. Mais je me rappelai alors que j'avais surtout étudié la géographie, l'histoire, le calcul et la grammaire et je dis au petit bonhomme (avec un peu de mauvaise humeur) que je ne savais pas dessiner. Il me répondit :

— Ça ne fait rien. Dessine-moi un mouton.

Comme je n'avais jamais dessiné un mouton je refis, pour lui, l'un des deux seuls dessins dont j'étais capable. Celui du boa fermé. Et je fus stupéfait d'entendre le petit bonhomme me répondre :

— Non ! Non ! Je ne veux pas d'un éléphant dans un boa. Un boa c'est très dangereux, et un éléphant c'est très encombrant. Chez moi c'est tout petit. J'ai besoin d'un mouton. Dessine-moi un mouton.

— Mas... o que você está fazendo aqui?

E ele me repetiu então, bem devagarinho, como se fosse algo muito sério:

— Por favor.... Desenhe para mim um carneiro...

Quando o mistério é impressionante demais, não se ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a mil milhas de todos os locais habitados e com risco de morrer, tirei do meu bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas lembrei-me então que havia estudado geografia, história, matemática e gramática e disse ao rapazinho (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar. Ele me respondeu:

— Não faz mal. Desenhe para mim um carneiro.

Como eu jamais havia desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que sabia. Aquele da jiboia fechada. E fiquei muito espantado ao ouvir o rapazinho me responder:

—Não! Não! Não quero um elefante numa jiboia. Uma jiboia é muito perigosa e um elefante é grande demais. Onde vivo é tudo pequeno. Preciso de um carneiro. Desenhe para mim um carneiro.

Alors j'ai dessiné.

Il regarda attentivement, puis :

— Non ! Celui-là est déjà très malade. Fais-en un autre.

Je dessinai :

Mon ami sourit gentiment, avec indulgence:

— Tu vois bien... ce n'est pas un mouton, c'est un bélier. Il a des cornes...

Je refis donc encore mon dessin :

Mais il fut refusé, comme les précédents :

— Celui-là est trop vieux. Je veux un mouton qui vive longtemps.

Então desenhei.

Ele olhou atentamente e disse:

—Não! Este carneiro já está muito doente. Faça um outro.

Então desenhei:

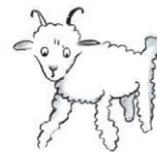
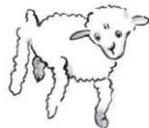
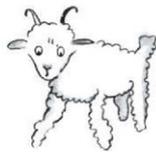
Meu amigo sorriu gentilmente, com indulgência:

—Veja bem... este carneiro já é um adulto. Ele tem chifres...

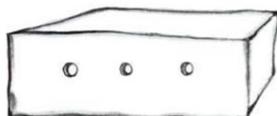
Refiz então meu desenho.

Mas ele foi recusado, como os anteriores:

—Esse aí é velho demais. Quero um carneiro que viva por muito tempo.



Alors, faute de patience, comme j'avais hâte de commencer le démontage de mon moteur, je griffonnai ce dessin-ci :



Et je lançai :

— Ça c'est la caisse. Le mouton que tu veux est dedans.

Mais je fus bien surpris de voir s'illuminer le visage de mon jeune juge :

— C'est tout à fait comme ça que je le voulais ! Crois-tu qu'il faille beaucoup d'herbe à ce mouton?

— Pourquoi ?

— Parce que chez moi c'est tout petit...

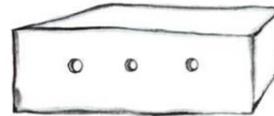
— Ça suffira sûrement. Je t'ai donné un tout petit mouton.

Il pencha la tête vers le dessin :

— Pas si petit que ça... Tiens ! Il s'est endormi...

Et c'est ainsi que je fis la connaissance du petit prince.

Então, já sem paciência e com pressa para começar a desmontar meu motor, rabisquei este desenho:



E arrisquei:

— Esta é a caixa. O carneiro que você deseja está dentro dela.

Mas fiquei muito surpreso de ver iluminar-se o rosto de meu jovem juiz:

— Era assim que eu queria! Será necessário muito capim para esse carneiro?

— Por quê?

— Porque onde moro tudo é pequeno...

— Com certeza será o bastante. Te dei somente um carneirinho.

Ele inclinou sua cabeça sobre o desenho:

— Não é tão pequeno assim... Olha! Ele adormeceu...

E foi assim que conheci o pequeno príncipe.

## III

## Capítulo III

Il me fallut longtemps pour comprendre d'où il venait. Le petit prince, qui me posait beaucoup de questions, ne semblait jamais entendre les miennes. Ce sont des mots prononcés par hasard qui, peu à peu, m'ont tout révélé. Ainsi, quand il aperçut pour la première fois mon avion (je ne dessinerai pas mon avion, c'est un dessin beaucoup trop compliqué pour moi) il me demanda:

— Qu'est-ce que c'est que cette chose-là ?

— Ce n'est pas une chose. Ça vole. C'est un avion. C'est mon avion.

Et j'étais fier de lui apprendre que je volais. Alors il s'écria :

— Comment ! tu es tombé du ciel !

— Oui, fis-je modestement.

— Ah ! ça c'est drôle...

Precisei de muito tempo para compreender de onde ele vinha. O principezinho, que me fazia tantas perguntas, parecia jamais ouvir qualquer uma minha. Foram as palavras ditas ao acaso que, pouco a pouco, me revelaram tudo. Assim, quando ele notou pela primeira vez o meu avião (não vou desenhar meu avião, é um desenho complicado demais para mim), ele me perguntou:

— O quê que é aquela coisa ali?

— Não é uma coisa. Ele voa. É um avião. É o meu avião.

E fiquei orgulhoso por contar a ele que eu sabia pilotar. Então, ele exclamou:

— Como? Você caiu do céu?

— Sim - respondi modestamente.

— Ah! Que engraçado!

Et le petit prince eut un très joli éclat de rire qui m'irrita beaucoup. Je désire que l'on prenne mes malheurs au sérieux. Puis il ajouta :



— Alors, toi aussi tu viens du ciel ! De quelle planète es-tu ?

J'entrevis aussitôt une lueur, dans le mystère de sa présence, et j'interrogeai brusquement :

— Tu viens donc d'une autre planète ?

Mais il ne me répondit pas. Il hochait la tête doucement tout en regardant mon avion :

— C'est vrai que, là-dessus, tu ne peux pas venir de bien loin...

~

E o pequeno príncipe soltou uma linda risada que me irritou muito. Estou querendo que levem meus problemas a sério. Em seguida, ele acrescentou:



— Então você também vem do céu! De que planeta você é?

Vislumbrei uma luz sobre o mistério que era sua presença e o perguntei bruscamente:

—Então você vem de outro planeta?

Mas ele não me respondeu. Lentamente balançava sua cabeça, enquanto olhava para meu avião:

—A verdade é que, em cima disso aí, você não pode ter vindo de muito longe...

Et il s'enfonça dans une rêverie qui dura longtemps. Puis, sortant mon mouton de sa poche, il se plongea dans la contemplation de son trésor.

Vous imaginez combien j'avais pu être intrigué par cette demi-confiance sur « les autres planètes ». Je m'efforçai donc d'en savoir plus long :

— D'où viens-tu, mon petit bonhomme ? Où est-ce « chez toi » ? Où veux-tu emporter mon mouton ?

Il me répondit après un silence méditatif :

— Ce qui est bien, avec la caisse que tu m'as donnée, c'est que, la nuit, ça lui servira de maison.

— Bien sûr. Et si tu es gentil, je te donnerai aussi une corde pour l'attacher pendant le jour. Et un piquet.

La proposition parut choquer le petit prince :

— L'attacher? Quelle drôle d'idée!

E ele embarcou num devaneio que durou uma eternidade. Então, tirando o meu carneiro de seu bolso, ficou contemplando seu tesouro.

Imaginem o quanto eu estava intrigado por esta meia confiança em “outros planetas”. Forcei-me então a saber um pouco mais sobre isso:

—De onde você vem, garotinho? Onde é a “sua casa”? Para onde você deseja levar meu carneiro?

Ele me respondeu após um silêncio pensativo:

—O bom é que a caixa que você me deu, durante a noite, servirá de casa para ele.

—Claro. E se você for bonzinho, te darei também uma corda par amarrá-lo durante o dia. E uma estaca.

A proposta pareceu chocar o príncipezinho:

—Amarrá-lo? Que pensamento bizarro!

— Mais si tu ne l'attaches pas, il ira n'importe où, et il se perdra...

Et mon ami eut un nouvel éclat de rire :

— Mais où veux-tu qu'il aille ?

— N'importe où. Droit devant lui...

Alors le petit prince remarqua gravement :

— Ça ne fait rien, c'est tellement petit, chez moi !

Et, avec un peu de mélancolie, peut-être, il ajouta :

— Droit devant soi on ne peut pas aller bien loin...



*Le petit prince sur l'astéroïde B 612.*

— Mas se você não o amarrar, ele sairá por aí e acabará se perdendo...

E meu amigo caiu na risada novamente:

— Mas onde você acha que ele vai?

—Qualquer luar. Ele vai seguindo reto...

Então o príncipezinho enfatizou bem seriamente:

—Não tem problema, é tão pequenininho onde moro!

E, com um pouco de melancolia, talvez, ele acrescentou:

— Seguindo reto não se pode ir muito longe...



*O príncipezinho no asteroide B 612.*

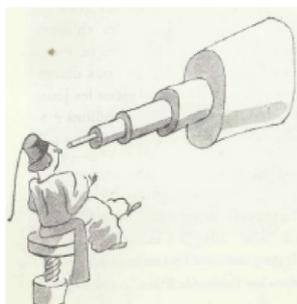
## IV

J'avais ainsi appris une seconde chose très importante : C'est que sa planète d'origine était à peine plus grande qu'une maison !

Ça ne pouvait pas m'étonner beaucoup. Je savais bien qu'en dehors des grosses planètes comme la Terre, Jupiter, Mars, Vénus, auxquelles on a donné des noms, il y en a des centaines d'autres qui sont quelquefois si petites qu'on a beaucoup de mal à les apercevoir au télescope. Quand un astronome découvre l'une d'elles, il lui donne pour nom un numéro. Il l'appelle par exemple : «l'astéroïde 325».

J'ai de sérieuses raisons de croire que la planète d'où venait le petit prince est l'astéroïde B 612. Cet astéroïde n'a été aperçu qu'une fois au télescope, en 1909, par un astronome turc.

Il avait fait alors une grande démonstration de sa découverte à un Congrès International d'astronomie. Mais personne ne l'avait cru à cause de son costume. Les grandes personnes sont comme ça.



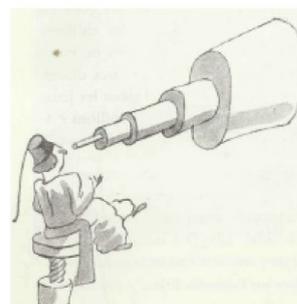
## Capítulo IV

Aprendi, assim, uma segunda coisa muito importante: seu planeta de origem era um pouco maior do que uma casa!

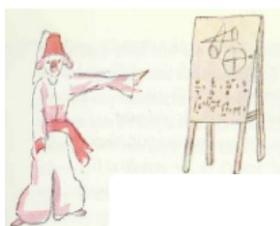
Isto não me surpreendia muito. Eu sabia bem que, além de grandes planetas como a Terra, Júpiter, Marte e Vênus, aos quais foram atribuídos nomes, há centenas de outros que são às vezes tão pequenos que fica difícil vê-los pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre um deles, dá-lhe um nome utilizando um número. Ele o chama por exemplo como: “o asteroide 325”.

Tenho sérias razões para crer que o planeta de onde vinha o principzinho é o asteroide B 612. Este asteroide foi visto só uma vez por telescópio, em 1909, por um astrônomo turco.

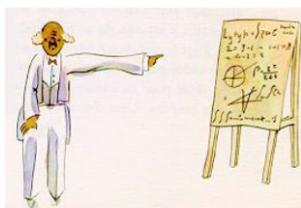
Ele tinha feito então uma grande apresentação de sua descoberta em um congresso internacional de astronomia. Mas ninguém acreditou nele por causa de sua vestimenta. Os adultos são assim mesmo.



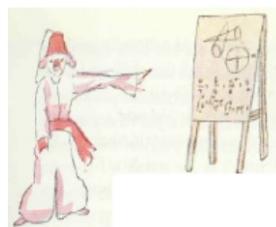
Heureusement pour la réputation de l'astéroïde B 612, un dictateur turc imposa à son peuple, sous peine de mort, de s'habiller à l'européenne. L'astronome refit sa démonstration en 1920, dans un habit très élégant. Et cette fois-ci tout le monde fut de son avis.



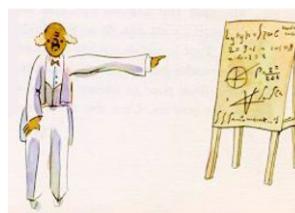
Si je vous ai raconté ces détails sur l'astéroïde B 612 et si je vous ai confié son numéro, c'est à cause des grandes personnes. Les grandes personnes aiment les chiffres. Quand vous leur parlez d'un nouvel ami, elles ne vous questionnent jamais sur l'essentiel. Elles ne vous disent jamais : « Quel est le son de sa voix ? Quels sont les jeux qu'il préfère ? Est-ce qu'il collectionne les papillons ? » Elles vous demandent : « Quel âge a-t-il ? Combien a-t-il de frères ? »



Felizmente, para a reputação do Asteroide B 612, um ditador turco impôs ao seu povo, sob pena de morte, que se vestisse como os europeus. O astrônomo repetiu sua apresentação em 1920, num traje com muita elegância. E desta vez conseguiu a concordância de cada ouvinte.



Se lhes contei estes detalhes do asteroide B 612 e se lhes confiei seu número, é por causa dos adultos. Os adultos amam os números. Quando você fala com eles sobre um novo amigo, eles nunca perguntam sobre o essencial. Eles nunca te dizem: “Qual é o som da voz dele? Quais jogos ele gosta? Ele coleciona borboletas?”. Os adultos perguntam: “Qual a idade dele? Quantos irmãos ele tem?”



Combien pèse-t-il ? Combien gagne son père ? » Alors seulement elles croient le connaître. Si vous dites aux grandes personnes : « J'ai vu une belle maison en briques roses, avec des géraniums aux fenêtres et des colombes sur le toit... » elles ne parviennent pas à s'imaginer cette maison. Il faut leur dire : « J'ai vu une maison de cent mille francs. » Alors elles s'écrient : « Comme c'est joli ! »

Ainsi, si vous leur dites : « La preuve que le petit prince a existé c'est qu'il était ravissant, qu'il riait, et qu'il voulait un mouton. Quand on veut un mouton, c'est la preuve qu'on existe », elles hausseront les épaules et vous traiteront d'enfant ! Mais si vous leur dites : « La planète d'où il venait est l'astéroïde B 612 », alors elles seront convaincues, et elles vous laisseront tranquille avec leurs questions. Elles sont comme ça. Il ne faut pas leur en vouloir. Les enfants doivent être très indulgents envers les grandes personnes.

Mais, bien sûr, nous qui comprenons la vie, nous nous moquons bien des numéros ! J'aurais aimé commencer cette histoire à la façon des contes de fées. J'aurais aimé dire :

Quanto ele pesa? Quanto o pai dele ganha?”. Só então eles acham que o conhecem. Se você disser aos adultos: “Vi uma bela casa de tijolos rosados, com gerânios nas janelas e pombas no telhado...” eles não conseguem imaginar esta casa. É preciso dizer-lhes: “Vi uma casa que custa cem mil francos! Então eles exclamam: “Ah, que legal!”

Então, se você lhes disser: “A prova que o pequeno príncipe existiu, é que ele era encantador, que ele ria e que ele queria um carneiro. Quando alguém quer um carneiro, aí está a prova de sua existência”, as pessoas não vão dar importância e o tratarão como uma criança! Mas se você lhes disser: “O planeta de onde ele vem é o asteroide B 612”, então elas estarão convencidas e não irão o incomodar com suas perguntas. Os adultos são assim. É melhor não ir contra eles. As crianças devem ser muito compreensivas com os adultos.

Porém, claro, nós que compreendemos a vida, pouco nos importamos com os números! Eu adoraria ter começado esta história ao modo dos contos de fadas. Eu adoraria ter dito:

« Il était une fois un petit prince qui habitait une planète à peine plus grande que lui, et qui avait besoin d'un ami... » Pour ceux qui comprennent la vie, ça aurait eu l'air beaucoup plus vrai.

Car je n'aime pas qu'on lise mon livre à la légère. J'éprouve tant de chagrin à raconter ces souvenirs. Il y a six ans déjà que mon ami s'en est allé avec son mouton. Si j'essaie ici de le décrire, c'est afin de ne pas l'oublier. C'est triste d'oublier un ami. Tout le monde n'a pas eu un ami. Et je puis devenir comme les grandes personnes qui ne s'intéressent plus qu'aux chiffres. C'est donc pour ça encore que j'ai acheté une boîte de couleurs et des crayons.

C'est dur de se remettre au dessin, à mon âge, quand on n'a jamais fait d'autres tentatives que celle d'un boa fermé et celle d'un boa ouvert, à l'âge de six ans ! J'essaierai, bien sûr, de faire des portraits le plus ressemblants possible. Mais je ne suis pas tout à fait certain de réussir. Un dessin va, et l'autre ne ressemble plus. Je me trompe un peu aussi sur la taille. Ici le petit prince est trop grand. Là il est trop petit. J'hésite aussi sur la couleur de son costume. Alors je tâtonne comme ci et comme ça, tant bien que mal.

“Era uma vez um pequeno príncipe que morava num planeta um pouco maior do que ele e que precisava de um amigo...” Para aqueles que compreendem a vida, isto pareceria bem mais verdadeiro.

Pois não gosto que leiam meu livro superficialmente. Sinto tanta dor ao contar estas histórias. Já se passaram seis anos desde que meu amigo se foi levando consigo seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é para não esquecê-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo teve um amigo. E posso me tornar, tal como os adultos, uma pessoa que não se interesse em outra coisa a não ser em números. E é por isso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis.

É difícil retornar ao desenho, na minha idade, quando as tentativas não foram mais do que uma jiboia fechada e uma jiboia aberta, aos seis anos de idade! Certamente tentarei fazer com que meus retratos sejam os mais realistas possíveis. Mas não tenho certeza que conseguirei. Um desenho dá certo, o seguinte não tem qualquer semelhança. Também me engano quanto ao seu tamanho. Neste o pequeno príncipe está alto demais. Naquele está baixo demais. Tenho dúvida também sobre a cor de sua roupa. Então, vou tentando por aqui e por ali, como posso.

Je me tromperai enfin sur certains détails plus importants. Mais ça, il faudra me le pardonner. Mon ami ne donnait jamais d'explications. Il me croyait peut-être semblable à lui.

Mais moi, malheu-reusement, je ne sais pas voir les moutons à travers les caisses. Je suis peut-être un peu comme les grandes personnes. J'ai dû vieillir.

Acabarei me enganando enfim sobre alguns detalhes mais importantes. Mas nisso precisarei ser perdoado. Meu amigo nunca dava explicações. Ele achava que eu talvez era parecido com ele.

Porém eu, infelizmente, não consigo ver os carneiros através de caixas. Eu sou um pouco, talvez, como os adultos. Eu devo ter envelhecido.

## V

## Capítulo V

Chaque jour j'apprenais quelque chose sur la planète, sur le départ, sur le voyage. Ça venait tout doucement, au hasard des réflexions. C'est ainsi que, le troisième jour, je connus le drame des baobabs.

Cette fois-ci encore ce fut grâce au mouton, car brusquement le petit prince m'interrogea, comme pris d'un doute grave :

— C'est bien vrai, n'est-ce pas, que les moutons mangent les arbustes ?

— Oui. C'est vrai.

— Ah ! Je suis content !

Je ne compris pas pourquoi il était si important que les moutons mangeassent les arbustes. Mais le petit prince ajouta :

A cada dia eu aprendia algo sobre o planeta, sobre a partida, sobre a viagem. Isto surgia suavemente, ao acaso das reflexões. Foi assim que, no terceiro dia, eu soube do drama dos baobás.

Desta vez foi graças ao carneiro, pois o pequeno príncipe de repente me perguntou, como se tivesse uma dúvida preocupante:

—É verdade, não é, que os carneiros comem os arbustos?

—Sim. É verdade.

—Ah! Fiquei contente.

Não entendi por que era tão importante que os carneiros comessem os arbustos. Mas o pequeno príncipe acrescentou:

— Par conséquent ils mangent aussi les baobabs ?

Je fis remarquer au petit prince que les baobabs ne sont pas des arbustes, mais des arbres grands comme des églises et que, si même il emportait avec lui tout un troupeau d'éléphants, ce troupeau ne viendrait pas à bout d'un seul baobab.

L'idée du troupeau d'éléphants fit rire le petit prince :

— Il faudrait les mettre les uns sur les autres...



Mais il remarqua avec sagesse:

—Les baobabs, avant de grandir, ça commence par être petit.

— C'est exact ! Mais pourquoi veux-tu que tes moutons mangent les petits baobabs ?

Il me répondit : « Ben ! Voyons ! » comme s'il s'agissait là d'une évidence. Et il me fallut un grand effort d'intelligence pour comprendre à moi seul ce problème.

Et en effet, sur la planète du petit prince, il y avait comme sur toutes les planètes, de bonnes herbes et de mauvaises herbes.

—E então eles comem também os baobás?

Enfatizei para o pequeno príncipe que os baobás não são arbustos, e sim árvores tão altas quanto as igrejas e que, mesmo se ele levasse uma manada de elefantes, essa manada não conseguiria destruir um único baobá.

A ideia da manada de elefantes fez o pequeno príncipe rir:

—Seria preciso colocar um em cima do outro....



Mas ele observou com sabedoria:

—Os baobás, antes de crescerem, são pequenos.

—Exatamente! Mas por que você quer que seu carneiro coma os pequenos baobás?

Ele me respondeu: “Pois então!” como se estivesse falando sobre algo óbvio, uma evidência. E tive que usar a inteligência para entender sozinho este problema.

E de fato, no planeta do príncipezinho, existiam, como em todos os planetas, ervas boas e ervas daninhas.

Par conséquent de bonnes graines de bonnes herbes et de mauvaises graines de mauvaises herbes. Mais les graines sont invisibles. Elles dorment dans le secret de la terre jusqu'à ce qu'il prenne fantaisie à l'une d'elles de se réveiller. Alors elle s'étire, et pousse d'abord timidement vers le soleil une ravissante petite brindille inoffensive.

S'il s'agit d'une brindille de radis ou de rosier, on peut la laisser pousser comme elle veut. Mais s'il s'agit d'une mauvaise plante, il faut arracher la plante aussitôt, dès qu'on a su la reconnaître. Or il y avait des graines terribles sur la planète du petit prince... c'étaient les graines de baobabs. Le sol de la planète en était infesté. Or un baobab, si l'on s'y prend trop tard, on ne peut jamais plus s'en débarrasser. Il encombre toute la planète. Il la perfore de ses racines. Et si la planète est trop petite, et si les baobabs sont trop nombreux, ils la font éclater.

« C'est une question de discipline, me disait plus tard le petit prince. Quand on a terminé sa toilette du matin, il faut faire soigneusement la toilette de la planète. Il faut s'astreindre régulièrement à arracher les baobabs dès qu'on les distingue d'avec les rosiers auxquels ils ressemblent beaucoup quand ils sont très jeunes. C'est un travail très ennuyeux, mais très facile. »

Portanto, sementes boas de ervas boas e sementes ruins de ervas daninhas. Mas as sementes eram invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma delas decide acordar. Então ela se estica e começa a brotar timidamente em direção ao sol, um lindo raminho inofensivo.

Se for um broto de rabanete ou de roseira, podemos deixá-la brotar como quiser. Porém, se for uma erva daninha, é necessário arrancá-la assim que for identificada. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe... eram as de baobá. O solo do planeta estava infestado delas. Ora, no caso de um baobá, se houver alguma demora, pode ser impossível se livrar dele. Ele cobre o planeta todo. Suas raízes o perfuram. E se o planeta for pequeno demais e os baobás numerosos demais, eles vão acabar estourando-o.

“É uma questão de disciplina”, me dizia mais tarde o pequeno príncipe. Ao terminar a higiene pessoal da manhã, é preciso fazer cuidadosamente a higiene do planeta”. É necessário se dedicar regularmente a arrancar os baobás, distinguindo-os das roseiras, com as quais se parecem muito, quando ainda pequeninhos. É uma tarefa bem chata, mas muito fácil. ”

Et un jour il me conseilla de m'appliquer à réussir un beau dessin, pour bien faire entrer ça dans la tête des enfants de chez moi. « S'ils voyagent un jour, me disait-il, ça pourra leur servir. Il est quelquefois sans inconvénient de remettre à plus tard son travail. Mais, s'il s'agit des baobabs, c'est toujours une catastrophe. J'ai connu une planète, habitée par un paresseux. Il avait négligé trois arbustes... »



Et, sur les indications du petit prince, j'ai dessiné cette planète-là. Je n'aime guère prendre le ton d'un moraliste. Mais le danger des baobabs est si peu connu, et les risques courus par celui qui s'égarerait dans un astéroïde sont si considérables, que, pour une fois, je fais exception à ma réserve. Je dis : « Enfants ! Faites attention aux baobabs ! » C'est pour avertir mes amis d'un danger qu'ils frôlaient depuis longtemps, comme moi-même, sans le connaître, que j'ai tant travaillé ce dessin-là. La leçon que je donnais en valait la peine. Vous vous demanderez peut-être :

E um dia ele me aconselhou a esforçar-me em fazer um belo desenho, para colocar isso na cabeça das crianças onde vivo. “Se um dia elas viajarem, dizia-me ele, isso pode lhes ser útil. Às vezes não há inconveniente em adiar o trabalho. Mas, se tratando de baobás, é sempre uma catástrofe. Eu conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele tinha se descuidado de três arbustos...”



E, com as indicações do pequeno príncipe, desenhei o tal planeta. Não gosto de falar num tom moralista. Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido e os riscos a que está sujeito quem se perder num asteroide são tão grandes que, por uma vez, abro uma exceção à minha regra. Digo: “Crianças! Tenham cuidado com os baobás!” Foi para alertar meus amigos de um perigo que há muito tempo os ameaçava, e a mim também, sem o percebermos, que tanto trabalhei naquele desenho. A lição que eu dava valia a pena. Talvez vocês se perguntem: “Por que não

Pourquoi n'y a-t-il pas, dans ce livre, d'autres dessins aussi grandioses que le dessin des baobabs ? La réponse est bien simple: J'ai essayé mais je n'ai pas pu réussir. Quand j'ai dessiné les baobabs j'ai été animé par le sentiment de l'urgence.

há, neste livro, outros desenhos tão grandiosos quanto os dos baobás"? A resposta é bem simples: eu tentei, mas não consegui. Quando desenhei os baobás, estava inspirado por um sentimento de urgência.

## VI



Ah ! petit prince, j'ai compris, peu à peu, ainsi, ta petite vie mélancolique. Tu n'avais eu longtemps pour distraction que la douceur des couchers de soleil. J'ai appris ce détail nouveau, le quatrième jour au matin, quand tu m'as dit :

—J'aime bien les couchers de soleil. Allons voir un coucher de soleil...

— Mais il faut attendre...

— Attendre quoi ?

—Attendre que le soleil se couche.

Tu as eu l'air très surpris d'abord, et puis tu as ri de toi-même. Et tu m'as dit :

— Je me crois toujours chez moi !

## Capítulo VI



Ah, Príncipezinho! Compreendi, pouco a pouco, assim, sua vidinha triste. Durante muito tempo você não teve como distração nada mais do que a doçura dos pores do sol. Eu soube deste novo detalhe no quarto dia pela manhã, quando você me disse:

—Gosto muito dos pores do sol. Vamos ver um pôr do sol...

—Mas é preciso esperar...

—Esperar o quê?

—Esperar que o sol se ponha.

No início você pareceu muito surpreso, mas depois você riu de si mesmo e disse:

—Sempre acho que estou em casa!

En effet. Quand il est midi aux États-Unis, le soleil, tout le monde le sait, se couche sur la France. Il suffirait de pouvoir aller en France en une minute pour assister au coucher du soleil. Malheureusement la France est bien trop éloignée. Mais, sur ta si petite planète, il te suffisait de tirer ta chaise de quelques pas. Et tu regardais le crépuscule chaque fois que tu le désirais...

— Un jour, j'ai vu le soleil se coucher quarante-quatre fois!

Et un peu plus tard tu ajoutais:

—Tu sais... quand on est tellement triste on aime les couchers de soleil...

— Le jour des quarante-quatre fois tu étais donc tellement triste ?

Mais le petit prince ne répondit pas.

## VII

Le cinquième jour, toujours grâce au mouton, ce secret de la vie du petit prince me fut révélé. Il me demanda avec brusquerie, sans préambule, comme le fruit d'un problème longtemps médité en silence :

— Un mouton, s'il mange les arbustes, il mange aussi les fleurs ?

—Un mouton mange tout ce qu'il rencontre.

De fato, quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, está se pondo na França. Bastaria poder ir à França num minuto para assistir ao pôr do sol lá. Infelizmente a França fica bem longe. Mas em seu pequeno planeta, bastaria que você puxasse um pouco a cadeira. E você assistiria o crepúsculo cada vez que o desejasse...

—Um dia vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!

E pouco depois acrescentou:

—Você sabe... Quando a gente está muito triste, gosta de ver os pores do sol...

—No dia das quarenta e quatro vezes você estava tão triste assim?

Porém o pequeno príncipe não respondeu.

## Capítulo VII

No quinto dia, sempre graças ao carneiro, este segredo da vida do pequeno príncipe me foi revelado. Ele me perguntou bruscamente, sem rodeios, como fruto de um problema longamente refletido em silêncio:

—Um carneiro, se ele come arbustos, ele come também flores?

—Um carneiro come tudo que ele encontra.

—Même les fleurs qui ont des épines ?

— Oui. Même les fleurs qui ont des épines.

—Alors les épines, à quoi servent-elles?

Je ne le savais pas. J'étais alors très occupé à essayer de dévisser un boulon trop, serré de mon moteur. J'étais très soucieux car ma panne commençait de m'apparaître comme très grave, et l'eau à boire qui s'épuisait me faisait craindre le pire.

— Les épines, à quoi servent-elles ?

Le petit prince ne renonçait jamais à une question, une fois qu'il l'avait posée. J'étais irrité par mon boulon et je répondis n'importe quoi:

— Les épines, ça ne sert à rien, c'est de la pure méchanceté de la part des fleurs ! — Oh !

Mais après un silence il me lança, avec une sorte de rancune :

— Je ne te crois pas ! Les fleurs sont faibles. Elles sont naïves. Elles se rassurent comme elles peuvent. Elles se croient terribles avec leurs épines...

Je ne répondis rien. À cet instant-là je me disais : « Si ce boulon résiste encore, je le ferai sauter d'un coup de marteau. » Le petit prince déranger de nouveau mes réflexions:

—Até mesmo as flores que têm espinhos?

—Sim. Até mesmo as flores que têm espinhos.

—Então os espinhos servem para quê?

Eu não sabia disso. Estava muito ocupado tentando desatarraxar um parafuso apertado demais no meu motor. Preocupava-me, pois a pane sofrida começava a se mostrar muito grave, e a água que tinha para beber estava acabando, me fazia temer o pior.

—Os espinhos servem para quê?

O principzinho jamais desistia de alguma pergunta, uma vez tendo-a formulado. Eu estava irritado com o parafuso e respondi qualquer coisa:

—Os espinhos não servem para coisa alguma, são pura maldade por parte das flores!

— Oh!

Porém, após um certo silêncio, falou-me com uma espécie de rancor:

—Não acredito em você! As flores são frágeis. Elas são ingênuas. Elas se protegem como podem. Elas acham que são terríveis com seus espinhos...

Não lhe respondi nada. Naquele momento, eu me dizia: “Se o parafuso continuar resistindo, vou arrancá-lo com uma martelada.” O pequeno príncipe interrompeu novamente minhas reflexões:

— Et tu crois, toi, que les fleurs...

—Mais non ! Mais non ! Je ne crois rien ! J'ai répondu n'importe quoi.

Je m'occupe, moi, de choses sérieuses !

Il me regarda stupéfait.

—De choses sérieuses !

Il me voyait, mon marteau à la main, et les doigts noirs de cambouis, penché sur un objet qui lui semblait très laid.

— Tu parles comme les grandes personnes !

Ça me fit un peu honte. Mais, impitoyable, il ajouta :

— Tu confonds tout... tu mélanges tout !

Il était vraiment très irrité. Il secouait au vent des cheveux tout dorés :

— Je connais une planète où il y a un monsieur cramoisi. Il n'a jamais respiré une fleur. Il n'a jamais regardé une étoile. Il n'a jamais aimé personne. Il n'a jamais rien fait d'autre que des additions. Et toute la journée il répète comme toi :

« Je suis un homme sérieux ! Je suis un homme sérieux ! » et ça le fait gonfler d'orgueil. Mais ce n'est pas un homme, c'est un champignon !

—Un quoi ?

—Un champig-non!

Le petit prince était maintenant tout pâle de colère.

—E você acha então que as flores...

—Não! Não! Não acho coisa alguma! Respondi qualquer coisa. Estou ocupado com coisas sérias!

Ele me olhou estupefato:

— Coisas sérias!

Ele me olhava com o martelo na mão e os dedos pretos de graxa, debruçado sobre um objeto que lhe parecia muito feio.

—Você fala como os adultos!

Isso me deixou um pouco envergonhado. Mas, impiedoso, ele acrescentou:

— Você confunde tudo... você mistura tudo!

Ele estava de fato muito irritado. Seu cabelo dourado sacudia ao vento.

—Conheço um planeta onde há um homem cor de carmim. Ele jamais cheirou uma flor. Jamais viu uma estrela. Jamais amou alguém. Jamais fez algo que não fossem contas. E o dia inteiro ele repete como você:

“Sou um homem sério! Sou um homem sério!”, e isso o enche de orgulho. Mas não é um homem, é um cogumelo!

— Um quê ?

— Um cogumelo!

O príncipezinho agora estava pálido de raiva.

— Il y a des millions d'années que les fleurs fabriquent des épines. Il y a des millions d'années que les moutons mangent quand même les fleurs. Et ce n'est pas sérieux de chercher à comprendre pourquoi elles se donnent tant de mal pour se fabriquer des épines qui ne servent jamais à rien ?

Ce n'est pas important la guerre des moutons et des fleurs ? Ce n'est pas plus sérieux et plus important que les additions d'un gros monsieur rouge ? Et si je connais, moi, une fleur unique au monde, qui n'existe nulle part, sauf dans ma planète, et qu'un petit mouton peut anéantir d'un seul coup, comme ça, un matin, sans se rendre compte de ce qu'il fait, ce n'est pas important ça ! Il rougit, puis reprit :

— Si quelqu'un aime une fleur qui n'existe qu'à un exemplaire dans les millions et les millions d'étoiles, ça suffit pour qu'il soit heureux quand il les regarde. Il se dit : « Ma fleur est là quelque part... » Mais si le mouton mange la fleur, c'est pour lui comme si, brusquement, toutes les étoiles s'éteignaient ! Et ce n'est pas important ça !

Il ne put rien dire de plus. Il éclata brusquement en sanglots. La nuit était tombée. J'avais lâché mes outils. Je me moquais bien de mon marteau, de mon boulon, de la soif et de la mort.

— Há milhões de anos as flores produzem espinhos. Há milhões de anos que, apesar disso, os carneiros comem flores. E não é sério tentar entender por que elas perdem tanto tempo para criar seus espinhos que não servem para nada?

Não é importante a guerra dos carneiros e das flores? Não é mais sério e mais importante que os cálculos de um homem gordo e vermelho? E se eu conheço uma flor única no mundo, que não existe em parte alguma, a não ser no meu planeta, e que um carneirinho pode aniquilar com uma mordida só, assim, numa manhã, sem se dar conta do que faz, isso não tem importância?!

Ele ficou vermelho, depois continuou:

— e se alguém ama uma flor da qual só existe um único exemplar, em milhões e milhões de estrelas, isso é suficiente para que fique feliz quando as contempla. Ele diz a si mesmo: “Minha flor está em algum lugar...” Mas, se o carneiro come a flor, é como se para ele, num instante, todas as estrelas se extinguissem! E isso não é importante!

Ele não conseguiu dizer mais nada. Ele disparou a soluçar de repente. A noite caíra. Eu tinha deixado de lado as ferramentas. Não me importava mais com o martelo, o parafuso, a sede e a morte.

Il y avait, sur une étoile, une planète, la mienne, la Terre, un petit prince à consoler ! Je le pris dans les bras. Je le berçai. Je lui disais : « La fleur que tu aimes n'est pas en danger... Je lui dessinerai une muselière, à ton mouton... Je te dessinerai une armure pour ta fleur... Je... » Je ne savais pas trop quoi dire. Je me sentais très maladroit. Je ne savais comment l'atteindre, où le rejoindre... C'est tellement mystérieux, le pays des larmes.

Havia, numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, um príncipezinho a ser consolado! Eu o tomei nos braços. Eu o embalei. Eu lhe dizia: « A flor que você ama não corre perigo... Vou desenhar uma flocina para seu carneiro... Vou desenhar uma cerca para sua flor... Eu... » Não sabia muito bem o que dizer. Eu me sentia tão sem jeito. Eu não sabia como chegar até ele, onde o alcançar... É tão misteriosa a terra das lágrimas!



## VIII

## Capítulo VIII

J'appris bien vite à mieux connaître cette fleur. Il y avait toujours eu, sur la planète du petit prince, des fleurs très simples, ornées d'un seul rang de pétales, et qui ne tenaient point de place, et qui ne dérangeaient personne. Elles apparaissaient un matin dans l'herbe, et puis elles s'éteignaient le soir. Mais celle-là avait germé un jour, d'une graine apportée d'on ne sait où, et le petit prince avait surveillé de très près cette brindille qui ne ressem-blait pas aux autres brindilles. Ça pouvait être un nouveau genre de baobab. Mais l'arbuste cessa vite de croître, et commença de préparer une fleur. Le petit prince, qui assistait à l'installa-tion d'un bouton énorme, sentait bien qu'il en sortirait une apparition miraculeuse, mais la fleur n'en finissait pas de se préparer à être belle, à l'abri de sa chambre verte. Elle choisissait avec soin ses couleurs. Elle s'habillait lentement, elle ajustait un à un ses pétales. Elle ne voulait pas sortir toute fripée comme les coquelicots. Elle ne voulait apparaître que dans le plein rayonnement de sa beauté. Eh ! oui. Elle était très coquette! Sa toilette mystérieuse avait donc duré des jours et des jours. Et puis voici qu'un matin, justement à l'heure du lever du soleil, elle s'était montrée.

Aprendi bem rápido a conhecer melhor esta flor. Sempre houve, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas com uma só fileira de pétalas, que não ocupavam espaço nem incomodavam as pessoas. Elas surgiam de manhã na relva e à tarde já se extinguíam. Mas aquela havia germinado um dia, de uma semente vinda não se sabe de onde, e o pequeno príncipe decidiu vigiar de perto esse broto que não se parecia com qualquer outro. Podia ser uma nova espécie de baobá. Mas o arbusto logo parou de crescer e nele começou a brotar uma flor. O príncipe-zinho, que assistia ao surgimento de um botão enorme, pressentiu que dali nasceria uma aparição miraculosa, mas a flor jamais terminava de se embelezar, abrigada em seu aposento verde.

Ela escolhia com muito cuidado suas cores. Ela vestia-se lentamente, ajeitando uma a uma suas pétalas. Não queria sair toda amarrotada como as papoulas. Queria aparecer no pleno esplendor de sua beleza. Ah, sim! Ela era muito vaidosa! Sua misteriosa toaleta havia durado dias e dias. E eis que afinal, certa manhã, justamente ao nascer do sol, ela se fez presente.

Et elle, qui avait travaillé avec tant de précision, dit en bâillant :

— Ah ! je me réveille à peine... Je vous demande pardon... Je suis encore toute décoiffée...

Le petit prince, alors, ne put contenir son admiration :

— Que vous êtes belle !

— N'est-ce pas, répondit doucement la fleur. Et je suis née en même temps que le soleil...

Le petit prince devina bien qu'elle n'était pas trop modeste, mais elle était si émouvante !



— C'est l'heure, je crois, du petit déjeuner, avait-elle bientôt ajouté, auriez-vous la bonté de penser à moi...

Et le petit prince, tout confus, ayant été chercher un arrosoir d'eau fraîche, avait servi la fleur.



E ela, que tinha trabalhado com tanto capricho, disse bocejando:

— Ah! Acabo de despertar.... Peço-lhe perdão... Ainda estou toda despenteada...

O principezinho então, não pôde conter sua admiração:

— Como a senhorita é bela!

— Não sou mesmo? – respondeu-lhe docemente a flor. – E nasci ao mesmo tempo que o sol...

O principezinho percebeu logo que ela não era nem um pouco modesta, porém era tão sedutora!



— É a hora do café da manhã, eu acho, – disse ela, logo acrescentando:

— O senhor teria a bondade de servir-me?

E o principezinho, bem confuso, buscou um regador com água fresca e molhou a flor.



Ainsi l'avait-elle bien vite tourmenté par sa vanité un peu ombrageuse. Un jour, par exemple, parlant de ses quatre épines, elle avait dit au petit prince :

— Ils peuvent venir, les tigres, avec leurs griffes !

— Il n'y a pas de tigres sur ma planète, avait objecté le petit prince, et puis les tigres ne mangent pas l'herbe.

— Je ne suis pas une herbe, avait doucement répondu la fleur.

— Pardonnez-moi...

— Je ne crains rien des tigres, mais j'ai horreur des courants d'air. Vous n'auriez pas un paravent ?

« Horreur des courants d'air... ce n'est pas de chance, pour une plante, avait remarqué le petit prince. Cette fleur est bien compliquée... »

— Le soir vous me mettez sous globe. Il fait très froid chez vous. C'est mal installé. Là d'où je viens...

Mais elle s'était interrompue. Elle était venue sous forme de graine. Elle n'avait rien pu connaître des autres mondes. Humiliée de s'être laissé surprendre à préparer un mensonge aussi naïf, elle avait toussé deux ou trois fois, pour mettre le petit prince dans son tort :



Assim, logo ela começou a atormentá-lo com sua vaidade um pouco insegura. Certo dia, por exemplo, falando de seus quatro espinhos, tinha dito ao pequeno príncipe:

— Que venham os tigres com suas garras!

— Não há tigres no meu planeta – tinha refutado o pequeno príncipe – e além do mais, os tigres não comem capim.

— Não sou capim – teria respondido docemente a flor.

— Queira me perdoar...

— Não tenho medo dos tigres, mas tenho pavor das correntes de ar. O senhor não teria, por acaso, um pára-vento?

“Horror a correntes de ar... Isso não é bom para uma planta”, pensou o pequeno príncipe. “Essa flor é muito complicada...”

— À noite, você me pode me cobrir com uma redoma de vidro. Faz muito frio em seu planeta. Não é confortável. Lá de onde vim...

Mas ela ficou calada. Tinha vindo em forma de semente. Não poderia ter conhecido outros mundos. Encabulada por ter sido pega numa mentira tão boba, tossiu duas ou três vezes e, para deixar o pequeno príncipe sem jeito, perguntou:



— Ce paravent ?...

—J'allais le chercher mais vous me parliez !

Alors elle avait forcé sa toux pour lui infliger quand même des remords.

Ainsi le petit prince, malgré la bonne volonté de son amour, avait vite douté d'elle. Il avait pris au sérieux des mots sans importance, et était devenu très malheureux.

« J'aurais dû ne pas l'écouter, me confia-t-il un jour, il ne faut jamais écouter les fleurs. Il faut les regarder et les respirer. La mienne embaumait ma planète, mais je ne savais pas m'en réjouir.

Cette histoire de griffes, qui m'avait tellement agacé, eût dû m'attendrir... »

Il me confia encore :

« Je n'ai alors rien su comprendre ! J'aurais dû la juger sur les actes et non sur les mots. Elle m'embaumait et m'éclairait. Je n'aurais jamais dû m'enfuir ! J'aurais dû deviner sa tendresse derrière ses pauvres ruses. Les fleurs sont si contradictoires ! Mais j'étais trop jeune pour savoir l'aimer. »

—E o pára-vento?

—Eu ia buscá-lo, mas a senhorita estava falando comigo...

Ela então forçou uma tosse para que ele sentisse mais remorso ainda.

Assim, o príncipezinho, apesar da sinceridade de seu amor, logo começou a duvidar dela. Levou a sério coisas sem importância, o que o deixou muito infeliz.

—Não devia ter lhe dado ouvidos – confiou-me ele um dia. – Nunca se deve ouvir o que dizem as flores. Basta admirá-las e sentir seu perfume. A minha perfumava todo o planeta, mas eu não conseguia desfrutar disso. Esta história de garras, que me deixou irritado, deveria ter me enternecido.

Ele me confiou ainda:

— Não fui capaz de compreender coisa alguma. Deveria tê-la julgado por seus atos e não por suas palavras. Ela me perfumava e me iluminava. Jamais deveria ter fugido. Deveria ter percebido a ternura que existia por trás de suas pobres astúcias. As flores são tão contraditórias! Mas eu era ainda jovem demais para saber amá-la.

## IX

Je crois qu'il profita, pour son évacion, d'une migration d'oiseaux sauvages. Au matin du départ il mit sa planète bien en ordre. Il ramona soigneusement ses volcans en activité. Il possédait deux volcans en activité. Et c'était bien commode pour faire chauffer le petit déjeuner du matin. Il possédait aussi un volcan éteint. Mais, comme il disait : « On ne sait jamais ! » Il ramona donc également le volcan éteint. S'ils sont bien ramonés, les volcans brûlent doucement et régulièrement, sans éruptions. Les éruptions volcaniques sont comme des feux de cheminée. Évidemment sur notre terre nous sommes beaucoup trop petits pour ramoner nos volcans. C'est pourquoi ils nous causent des tas d'ennuis.

Le petit prince arracha aussi, avec un peu de mélancolie, les dernières pousses de baobabs. Il croyait ne jamais devoir revenir. Mais tous ces travaux familiers lui parurent, ce matin-là, extrêmement doux. Et, quand il arrosa une dernière fois la fleur, et se prépara à la mettre à l'abri sous son globe, il se découvrit l'envie de pleurer.

— Adieu, dit-il à la fleur.

Mais elle ne lui répondit pas.

— Adieu, répéta-t-il.

## Capítulo IX

Chego a crer que ele se fez valer para fugir, de uma migração de pássaros selvagens. Na manhã da partida, colocou seu planeta em ordem. Ele limpou cuidadosamente os vulcões em atividade. Ele possuía dois vulcões em atividade. E isso lhe facilitava esquentar o café da manhã. Ele possuía também um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: “Nunca se sabe.” Por isso, limpou também o vulcão extinto. Se estão bem limpos, queimam calma e regularmente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como as labaredas das lareiras. Evidentemente, em nossa terra, somos pequenos demais para limpar nossos vulcões. É por isso que eles nos causam tantos aborrecimentos.

O príncipezinho arrancou também, com certeza tristeza, os últimos brotos de baobá. Ele pensava em nunca mais voltar. Mas naquela manhã todos aqueles trabalhos rotineiros lhe pareceram extremamente agradáveis. E quando regou a flor pela última vez e se preparava para colocá-la na redoma, teve vontade de chorar.

— Adeus – disse à flor.

Mas ela não lhe respondeu.

— Adeus – repetiu ele.

La fleur toussa. Mais ce n'était pas à cause de son rhume.

—J'ai été sotte, lui dit-elle enfin. Je te demande pardon. Tâche d'être heureux.

Il fut surpris par l'absence de reproches. Il restait là tout déconcerté, le globe en l'air. Il ne comprenait pas cette douceur calme.

— Mais oui, je t'aime, lui dit la fleur. Tu n'en as rien su, par ma faute. Cela n'a aucune importance. Mais tu as été aussi sot que moi. Tâche d'être heureux... Laisse ce globe tranquille. Je n'en veux plus.

— Mais le vent...

— Je ne suis pas si enrhumée que ça... L'air frais de la nuit me fera du bien. Je suis une fleur.

— Mais les bêtes...

— Il faut bien que je supporte deux ou trois chenilles si je veux connaître les papillons. Il paraît que c'est tellement beau. Sinon qui me rendra visite ? Tu seras loin, toi. Quant aux grosses bêtes, je ne crains rien. J'ai mes griffes.

Et elle montrait naïvement ses quatre épines. Puis elle ajouta :

— Ne traîne pas comme ça, c'est agaçant. Tu as décidé de partir. Va-t'en.

A flor tossiu. Mas não foi por causa do resfriado.

—Tenho me comportado como uma tola – disse ela finalmente. – Peça-lhe perdão. Trate de ser feliz.

Ele ficou surpreso com a ausência de queixas. Parou meio sem jeito, a redoma nas mãos. Não compreendia aquela delicadeza.

—É claro que amo você – disse-lhe a flor. – Se nunca percebeu foi por culpa minha. Mas não tenho importância alguma. Você tem sido tão tolo quanto eu. Trate de ser feliz... Deixe aí essa redoma. Não a quero mais.

—Mas o vento...

—Não estou tão resfriada assim... A brisa fresca da noite me fará bem. Sou uma flor.

—Mas os bichos...

—Preciso aguentar duas ou três larvas se eu desejar conhecer as borboletas. Parece que é algo tão belo. Senão, quem virá me visitar? Você estará distante. Quanto aos bichos grandes, não tenho medo deles. Tenho em minhas garras.

E ela mostrou ingenuamente seus quatro espinhos. Em seguida, disse:

— Não fique aí fazendo hora, perdendo tempo, isso me irrita. Você decidiu partir. Vá embora!

Car elle ne voulait pas qu'il la vît pleurer. C'était une fleur tellement orgueilleuse...

Ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

## X

## Capítulo X

Il se trouvait dans la région des astéroïdes 325, 326, 327, 328, 329 et 330. Il commença donc par les visiter pour y chercher une occupation et pour s'instruire.

Le premier était habité par un roi. Le roi siégeait, habillé de pourpre et d'hermine, sur un trône très simple et cependant majestueux.

— Ah ! voilà un sujet, s'écria le roi quand il aperçut le petit prince.

Et le petit prince se demanda :

« Comment peut-il me reconnaître puisqu'il ne m'a encore jamais vu ? »

Il ne savait pas que, pour les rois, le monde est très simplifié. Tous les hommes sont des sujets.

—Approche-toi que je te voie mieux, lui dit le roi qui était tout fier d'être enfin roi pour quelqu'un.

Le petit prince chercha des yeux où s'asseoir, mais la planète était tout encombrée par le magnifique manteau d'hermine. Il resta donc debout, et, comme il était fatigué, il bâilla.

Ele se encontrava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou então a visitar cada um deles e a procurar uma ocupação e para instruir-se.

O primeiro era habitado por um rei. O rei, vestido de púrpura e arminho, sentava-se num trono simples, porém majestoso.

—Ah! Eis aqui um súdito! — exclamou o rei quando viu o pequeno príncipe.

E o principezinho se perguntou: “Como pode ele me reconhecer se nunca me viu antes?”

Ele não sabia que, para os reis, o mundo é bem mais simplificado. Todas as pessoas são seus súditos.

—Aproxime-se que eu quero vê-lo melhor—disse-lhe o rei, se sentindo orgulhoso de finalmente ser rei para alguém.

O principezinho olhou em volta e procurou onde se sentar, mas o planeta estava todo coberto pelo magnífico manto de arminho. Por isso ficou em pé e, como estava cansado, ele bocejou.

—Il est contraire à l'étiquette de bâiller en présence d'un roi, lui dit le monarque. Je te l'interdis.

— Je ne peux pas m'en empêcher, répondit le petit prince tout confus. J'ai fait un long voyage et je n'ai pas dormi...

— Alors, lui dit le roi, je t'ordonne de bâiller. Je n'ai vu personne bâiller depuis des années. Les bâillements sont pour moi des curiosités. Allons ! bâille encore. C'est un ordre.

—Ça m'intimide... je ne peux plus... fit le petit prince tout rougissant.

— Hum ! Hum ! répondit le roi. Alors je... je t'ordonne tantôt de bâiller et tantôt de...

Il bredouillait un peu et paraissait vexé.

Il bredouillait un peu et paraissait vexé.

Car le roi tenait essentiellement à ce que son autorité fût respectée. Il ne tolérait pas la désobéissance. C'était un monarque absolu. Mais, comme il était très bon, il donnait des ordres raisonnables.

« Si j'ordonnais, disait-il couramment, si j'ordonnais à un général de se changer en oiseau de mer, et si le général n'obéissait pas, ce ne serait pas la faute du général. Ce serait ma faute. »

—Puis-je m'asseoir? s'enquit timidement le petit prince.

—É contra a etiqueta bocejar na presença de um rei – disse-lhe o monarca. – Eu te proíbo.

—Não consigo evitar – respondeu constrangido o principezinho. – Fiz uma longa viagem e não dormi...

—Então – disse-lhe o rei, te ordeno a bocejar. Há anos que não vejo alguém bocejar. Os bocejos, para mim, são uma curiosidade. Vamos! Boceje de novo! Isto é uma ordem.

—Isso me intimida.... Agora não consigo mais – replicou o pequeno príncipe, envergonhado.

—Hum, hum – fez o rei. – Então eu... eu te ordeno a ora bocejar, ora...

Ele gaguejou um pouco e parecia contrariado.

Ele gaguejou um pouco e parecia contrariado.

A preocupação do rei era que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava a desobediência. Era um monarca absoluto. Mas, como era também muito bondoso, só dava ordens razoáveis.

—Se eu ordenasse – disse ele naturalmente -, se eu ordenasse a um general que se transformasse numa gaivota e ele não obedecesse, não seria culpa dele. Isto seria minha culpa.

—Posso me sentar? – perguntou timidamente o principezinho.

— Je t'ordonne de t'asseoir, lui répondit le roi, qui ramena majestueusement un pan de son manteau d'hermine.

Mais le petit prince s'étonnait. La planète était minuscule. Sur quoi le roi pouvait-il bien régner ?

—Sire..., lui dit-il, je vous demande pardon de vous interroger...

—Je t'ordonne de m'interroger, se hâta de dire le roi.

—Sire... sur quoi réglez-vous?

—Sur tout, répondit le roi, avec une grande simplicité.

— Sur tout ?

Le roi d'un geste discret désigna sa planète, les autres planètes et les étoiles.

— Sur tout ça ? dit le petit prince.

— Sur tout ça... répondit le roi.

Car non seulement c'était un monarque absolu mais c'était un monarque universel.

—Et les étoiles vous obéissent?

— Bien sûr, lui dit le roi. Elles obéissent aussitôt. Je ne tolère pas l'indiscipline.

Un tel pouvoir émerveilla le petit prince. S'il l'avait détenu lui-même, il aurait pu assister, non pas à quarante-quatre, mais à soixante-douze, ou même à cent, ou même à deux cents couchers de soleil dans la même journée, sans avoir jamais à tirer sa chaise !

—Ordeno que se sente – respondeu o rei, puxando majestosamente a aba de seu manto de arminho.

Mas o pequeno príncipe estava surpreso. O planeta era minúsculo. Sobre o que reinaria o rei?

—Majestade... – disse-lhe ele – peço-lhe perdão por vos fazer perguntas...

—Ordeno que você me faça perguntas – apressou-se a dizer o rei.

—Majestade, sobre quem reinais? —Reino sobre tudo – respondeu o rei, com grande simplicidade.

— Sobre tudo?

O rei, com um gesto discreto mostrou-lhe seu planeta, os outros planetas, as estrelas.

—Tudo isso? – perguntou o príncipezinho.

—Tudo isso... – respondeu-lhe o rei.

Porque ele não era apenas um monarca absoluto, e sim um monarca universal.

—E as estrelas vos obedecem?

—Claro – disse-lhe o rei. —Elas me obedecem prontamente. Não admito indisciplina.

Tamanho poder deixou o pequeno príncipe maravilhado. Se o possuísse, poderia ter assistido não a quarenta e quatro, mas a setenta e dois ou mesmo a cem ou até duzentos pores do sol

Et comme il se sentait un peu triste à cause du souvenir de sa petite planète abandonnée, il s'enhardit à solliciter une grâce du roi:

— Je voudrais voir un coucher de soleil... Faites-moi plaisir... Ordonnez au soleil de se coucher...

— Si j'ordonnais à un général de voler d'une fleur à l'autre à la façon d'un papillon, ou d'écrire une tragédie, ou de se changer en oiseau de mer, et si le général n'exécutait pas l'ordre reçu, qui, de lui ou de moi, serait dans son tort ?

—Ce serait vous, dit fermement le petit prince.

—Exact. Il faut exiger de chacun ce que chacun peut donner, reprit le roi. L'autorité repose d'abord sur la raison. Si tu ordonnes à ton peuple d'aller se jeter à la mer, il fera la révolution. J'ai le droit d'exiger l'obéissance parce que mes ordres sont raisonnables.

—Alors mon coucher de soleil? rappela le petit prince qui jamais n'oubliait une question une fois qu'il l'avait posée.

—Ton coucher de soleil tu l'auras. Je l'exigerai. Mais j'attendrai, dans ma science du gouvernement, que les conditions soient favorables.

em um mesmo dia, sem precisar sequer mover sua cadeira! E como se sentisse um pouco triste por conta da lembrança de seu pequeno planeta, que então deixara, atreveu-se a solicitar ao rei uma graça:

—Gostaria de ver um pôr do sol... Dai-me este prazer. Ordenai ao sol que ele se ponha...

—Se eu ordenasse a um general que voasse de uma flor a outra, como uma borboleta, ou que escrevesse uma tragédia, ou que se transformasse numa gaivota, e ele não me obedecesse, quem de nós dois estaria errado, ele ou eu?

—Vós – disse, sem hesitar, o pequeno príncipe.

—Exato. É preciso demandar, de cada um, apenas o que cada um pode dar – replicou o rei. A autoridade se baseia, antes de tudo, na razão. Se você ordenar ao seu povo que se lance ao mar, fará uma revolução. Tenho o direito de exigir a obediência, pois minhas ordens são razoáveis.

—E meu pôr do sol? – lembrou o pequeno príncipe, que nunca esquecia uma pergunta que tivesse feito.

—Você terá seu pôr do sol. Eu vou exigí-lo. Mas esperarei, conforme minha ciência de governo, que as condições sejam favoráveis.

— Quand ça sera-t-il ? s'informa le petit prince.

— Hem ! hem ! lui répondit le roi, qui consulta d'abord un gros calendrier, hem ! hem ! ce sera, vers... vers... ce sera ce soir vers sept heures quarante ! Et tu verras comme je suis bien obéi.

Le petit prince bâilla. Il regrettait son coucher de soleil manqué. Et puis il s'ennuyait déjà un peu :

— Je n'ai plus rien à faire ici, dit-il au roi. Je vais repartir !

— Ne pars pas, répondit le roi qui était si fier d'avoir un sujet. Ne pars pas, je te fais ministre !

— Ministre de quoi ?

— De... de la justice !

— Mais il n'y a personne à juger !

— On ne sait pas, lui dit le roi. Je n'ai pas fait encore le tour de mon royaume. Je suis très vieux, je n'ai pas de place pour un carrosse, et ça me fatigue de marcher.

— Oh ! mais j'ai déjà vu, dit le petit prince qui se pencha pour jeter encore un coup d'oeil sur l'autre côté de la planète.

Il n'y a personne là-bas non plus...

— Tu te jugeras donc toi-même, lui répondit le roi. C'est le plus difficile. Il est bien difficile de se juger soi-même que de juger autrui. Si tu réussis à bien te juger, c'est que tu es un véritable sage.

— Quando será isso? – quis saber o príncipe.

— Ahã! – disse-lhe o rei, que havia consultado um volumoso calendário. – Ahã Será... será neste anoitecer, por volta das sete horas e quarenta minutos! E você verá como sou bem obedecido.

O principezinho bocejou. Sentia falta de seu pôr do sol. Além disso, estava um pouco entediado:

— Não tenho mais o que fazer aqui – disse ele ao rei. – Vou-me embora!

— Não vá – disse-lhe o rei, que estava orgulhoso de ter um súdito. – Se ficar, faça de você ministro.

— Ministro de quê?

— Ministro da... Justiça!

— Mas não há ninguém aqui para ser julgado!

— Nunca se sabe – disse-lhe o rei. – Ainda não conheço todo o meu reino. Estou muito velho, não há lugar aqui para uma carruagem e andar a pé me cansa muito.

— Mas eu já vi – disse o principezinho, inclinando-se para dar uma espiada no outro lado do planeta. – Não há pessoas...

— Você julgará a si mesmo – disse-lhe o rei. É o mais difícil. É bem difícil de julgar a si mesmo do que a outra pessoa. Se você conseguir se julgar bem, será de fato um verdadeiro sábio.

— Moi, dit le petit prince, je puis me juger moi-même n'importe où. Je n'ai pas besoin d'habiter ici.

— Hem ! hem ! dit le roi, je crois bien que sur ma planète il y a quelque part un vieux rat. Je l'entends la nuit.

Tu pourras juger ce vieux rat. Tu le condamneras à mort de temps en temps. Ainsi sa vie dépendra de ta justice. Mais tu le gracieras chaque fois pour l'économiser. Il n'y en a qu'un.

— Moi, répondit le petit prince, je n'aime pas condamner à mort, et je crois bien que je m'en vais.

— Non, dit le roi.

Mais le petit prince, ayant achevé ses préparatifs, ne voulut point peiner le vieux monarque :

— Si Votre Majesté désirait être obéie ponctuellement, elle pourrait me donner un ordre raisonnable. Elle pourrait m'ordonner, par exemple, de partir avant une minute. Il me semble que les conditions sont favorables... .

Le roi n'ayant rien répondu, le petit prince hésita d'abord, puis, avec un soupir, prit le départ.

— Je te fais mon ambassadeur, se hâta alors de crier le roi.

Il avait un grand air d'autorité.

« Les grandes personnes sont bien étranges », se dit le petit prince, en lui-même, durant son voyage.

—Eu posso julgar a mim mesmo – disse o príncipe – em qualquer outro lugar que esteja. Não precisa ser aqui.

— Ah, é? – falou o rei. – Creio que há em algum lugar de meu planeta um velho rato. Eu o escuto à noite. Você poderá julgar esse velho rato. Você o condenará à morte de vez em quando e, assim, a vida dele passará a depender de seu julgamento. Mas o perdoará alternadamente, para poupá-lo, pois há somente um.

— Eu, disse o príncipezinho, não adoraria condenar alguém à morte, e acho que vou embora daqui.

— Não – disse o rei.

Mas o príncipezinho, tendo concluído seus preparativos, não quis afligir o velho monarca:

—Se Vossa Majestade deseja ser obedecido prontamente, deve me dar uma ordem sensata. Poderia ordenar-me, por exemplo, a partir em um minuto. Parece-me que as condições são favoráveis...

Como o rei nada respondeu, o pequeno príncipe, depois de hesitar um pouco, soltou um suspiro e partiu...

—Nomeio-te meu embaixador – apressou-se a gritar o rei.

Ele tinha ares de grande autoridade. “Os adultos são muito estranhos”, pensou consigo mesmo o príncipezinho, enquanto seguia viagem.

## XI

La seconde planète était habitée par un vaniteux :

— Ah ! Ah ! Voilà la visite d'un admirateur ! s'écria de loin le vaniteux dès qu'il aperçut le petit prince.

Car, pour les vaniteux, les autres hommes sont des admirateurs.

— Bonjour, dit le petit prince. Vous avez un drôle de chapeau.

—C'est pour saluer, lui répondit le vaniteux. C'est pour saluer quand on m'acclame. Malheureusement il ne passe jamais personne par ici.

— Ah oui ? dit le petit prince qui ne comprit pas.

— Frappe tes mains l'une contre l'autre, conseilla donc le vaniteux.

Le petit prince frappa ses mains l'une contre l'autre. Le vaniteux salua modestement en soulevant son chapeau.

« Ça c'est plus amusant que la visite au roi », se dit en lui-même le petit prince. Et il recommença de frapper ses mains l'une contre l'autre. Le vaniteux recommença de saluer en soulevant son chapeau.

Après cinq minutes d'exercice le petit prince se fatigua de la monotonie du jeu :

## Capítulo XI

O segundo planeta era habitado por um vaidoso:

— Oba! Tenho a visita de um admirador! – exclamou de longe o vaidoso, que mal viu chegar o príncipezinho.

É que, para os vaidosos, todas as pessoas são suas admiradoras.

— Bom dia – disse o pequeno príncipe. –O senhor tem um chapéu estranho.

— É para saudar das pessoas – respondeu o vaidoso – Com ele saúdo os que me aplaudem. Infelizmente ninguém passa por aqui.

— Ah, é mesmo? – disse o príncipezinho, que não entendeu coisa alguma.

— Bata suas mãos, uma na outra – pediu o vaidoso.

O pequeno príncipe bateu suas mãos uma na outra. O vaidoso agradeceu modestamente, levantando o chapéu.

“Isto é mais divertido do que visitar o rei”, disse para si mesmo o pequeno príncipe. E voltou a bater as mãos, uma na outra. O vaidoso de novo agradeceu, levantando o chapéu.

Após cinco minutos desse exercício, o pequeno príncipe se cansou da monotonia da brincadeira:

— Et pour que le chapeau tombe, demanda-t-il, que faut-il faire?

Mais le vaniteux ne l'entendit pas. Les vaniteux n'entendent jamais que les louanges.



—Est-ce que tu m'admires vraiment beaucoup ? demanda-t-il au petit prince.

—Qu'est-ce que signifie « admirer » ?

—« Admirer » signifie « reconnaître que je suis l'homme le plus beau, le mieux habillé, le plus riche et le plus intelligent de la planète ».

— Mais tu es seul sur ta planète!

—Fais-moi ce plaisir. Admire-moi quand même !

— Je t'admire, dit le petit prince, en haussant un peu les épaules, mais en quoi cela peut-il bien t'intéresser ?

Et le petit prince s'en fut.

« Les grandes personnes sont décidément bien bizarres », se dit-il simplement en lui-même durant son voyage.

— E para que o chapéu caia, o que se deve fazer? – perguntou ele.

Mas o vaidoso não ouviu. Os vaidosos jamais ouvem nada mais do que elogios.



—Você me admira muito? – perguntou ele ao pequeno príncipe.

—O que significa “admirar”?

—Admirar significa “reconhecer que sou o homem mais bonito, o mais bem-vestido, o mais rico e o mais inteligente do planeta”.

—Mas você vive sozinho neste planeta!

—Pois dê-me este prazer. Admire-me mesmo assim.

—Eu o admiro – disse o pequeno príncipe, dando de ombros. – Mas que importância tem isso para você?

E o pequeno príncipe foi embora.

“Os adultos são de fato muito estranhos!”, dizia a si mesmo durante a viagem.

## XII



La planète suivante était habitée par un buveur. Cette visite fut très courte mais elle plongea le petit prince dans une grande mélancolie :

—Que fais-tu là ? dit-il au buveur, qu'il trouva installé en silence devant une collection de bouteilles vides et une collection de bouteilles pleines.

— Je bois, répondit le buveur, d'un air lugubre.

— Pourquoi bois-tu ? lui demanda le petit prince.

—Pour oublier, répondit le buveur.

—Pour oublier quoi ? s'enquit le petit prince qui déjà le plaignait.

—Pour oublier que j'ai honte, avoua le buveur en baissant la tête.

— Honte de quoi ? s'informa le petit prince qui désirait le secourir.

— Honte de boire ! acheva le buveur qui s'enferma définitivement dans le silence.

## Capítulo XII



O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Essa visita foi muito curta, mas ela deixou o pequeno príncipe profundamente triste.

—Que está fazendo aqui? — perguntou ele ao bêbado, que se encontrava sentado absolutamente calado diante de uma fileira de garrafas vazias e de uma fileira de garrafas cheias.

—Eu bebo — respondeu o bêbado, com ar lúgubre.

—Por que você bebe?— perguntou-lhe o príncipezinho.

—Para esquecer — respondeu o bêbado.

—Para esquecer o quê? — indagou o príncipe, já com pena.

—Para esquecer que tenho vergonha — respondeu o bêbado baixando a cabeça.

—Vergonha de quê? — quis saber o pequeno príncipe, desejando socorrê-lo.

—Vergonha de beber — concluiu o bêbado, que se fechou definitivamente em silêncio.

Et le petit prince s'en fut, perplexe.

« Les grandes personnes sont décidément très très bizarres », se disait-il en lui-même durant le voyage.

### XIII

La quatrième planète était celle du businessman. Cet homme était si occupé qu'il ne leva même pas la tête à l'arrivée du petit prince.

— Bonjour, lui dit celui-ci. Votre cigarette est éteinte.

— Trois et deux font cinq. Cinq et sept douze. Douze et trois quinze. Bonjour. Quinze et sept vingt-deux. Vingt-deux et six vingt-huit. Pas le temps de la rallumer. Vingt-six et cinq trente et un. Ouf ! Ça fait donc cinq cent un millions six cent vingt-deux mille sept cent trente et un.

— Cinq cents millions de quoi?

— Hein ? Tu es toujours là ? Cinq cent un millions de... je ne sais plus... J'ai tellement de travail ! Je suis sérieux, moi, je ne m'amuse pas à des balivernes ! Deux et cinq sept...

— Cinq cent un millions de quoi ? répéta le petit prince qui jamais de sa vie n'avait renoncé à une question, une fois qu'il l'avait posée.

E o pequeno príncipe foi-se embora, perplexo. “Os adultos são decididamente muito estranhos”, dizia ele a si mesmo, enquanto seguia a viagem.

### Capítulo XIII

O quarto planeta era o do homem de negócios. Estava sempre tão ocupado que nem sequer ergueu a cabeça quando o pequeno príncipe chegou.

—Bom dia – disse-lhe o pequeno príncipe. – Seu cigarro está apagado.

—Três mais dois são cinco. Cinco mais sete, doze. Doze e três, quinze. Bom dia. Quinze e sete, vinte e dois. Vinte e dois e seis, vinte e oito. Não tenho tempo para acendê-lo. Vinte e seis e cinco, trinta e um. Ufa! Isso dá, então, quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

—Quinhentos milhões de quê?

—Hein? Você continua aí? Quinhentos e um milhões de... Já não sei mais... Trabalho demais! Sou um sujeito sério, não perco tempo com futilidades. Dois e cinco, sete...

—Quinhentos milhões de quê? – repetiu o príncipezinho, que jamais, em toda a sua vida, tinha desistido de uma pergunta que fazia.

Le businessman leva la tête :



—Depuis cinquante-quatre ans que j'habite cette planète-ci, je n'ai été dérangé que trois fois. La première fois ç'a été, il y a vingt-deux ans, par un hanneton qui était tombé Dieu sait d'où. Il répandait un bruit épouvantable, et j'ai fait quatre erreurs dans une addition. La seconde fois ç'a été, il y a onze ans, par une crise de rhumatisme. Je manque d'exercice. Je n'ai pas le temps de flâner. Je suis sérieux, moi. La troisième fois... la voici ! Je disais donc cinq cent un millions...

— Millions de quoi ?

Le businessman comprit qu'il n'était point d'espoir de paix :

— Millions de ces petites choses que l'on voit quelquefois dans le ciel.

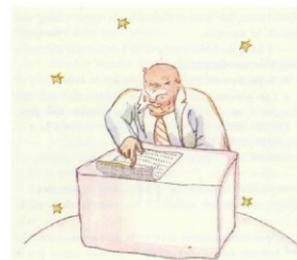
— Des mouches ?

— Mais non, des petites choses qui brillent.

— Des abeilles ?

— Mais non. Des petites choses dorées qui font rêvasser les fainéants. Mais je suis sérieux, moi ! Je n'ai pas le temps de rêvasser.

O homem de negócios levantou a cabeça:



—Há cinquenta e quatro anos que habito este planeta e só fui incomodado três vezes. A primeira vez faz vinte e dois anos, por um besouro, vindo não sei de onde. Ele fazia um barulho perturbador e me levou a errar quatro vezes uma soma. A segunda vez foi há onze anos, devido a uma crise de reumatismo. Não faço exercício, não tenho tempo para passear. Sou um cara sério. A terceira vez... é esta! Eu dizia, então, quinhentos e um milhões...

—Milhões de quê?

O empresário compreendeu que não havia hipótese de ter paz.

—Milhões dessas pequenas coisas que a gente às vezes vê no céu.

—Moscas?

—Nada disso, pequenas coisas que brilham.

—Abelhas?

—Que nada! Pequenas coisas douradas que fazem sonhar os desocupados. Mas eu sou um homem sério. Não tenho tempo para divagações.

— Ah ! des étoiles ?

— C'est bien ça. Des étoiles.

— Et que fais-tu de cinq cents millions d'étoiles ?

— Cinq cent un millions six cent vingt-deux mille sept cent trente et un. Je suis sérieux, moi, je suis précis.

— Et que fais-tu de ces étoiles ?

— Ce que j'en fais ?

— Oui.

— Rien. Je les possède.

— Tu possèdes les étoiles ?

— Oui.

— Mais j'ai déjà vu un roi qui...

— Les rois ne possèdent pas. Ils « règnent » sur. C'est très différent.

— Et à quoi cela te sert-il de posséder les étoiles ?

— Ça me sert à être riche.

— Et à quoi cela te sert-il d'être riche ?

— À acheter d'autres étoiles, si quelqu'un en trouve.

« Celui-là, se dit en lui-même le petit prince, il raisonne un peu comme mon ivrogne. »

Cependant il posa encore des questions :

— Comment peut-on posséder les étoiles ?

— À qui sont-elles ? riposta, grincheux, le businessman.

— Ah, as estrelas?

— Isso mesmo. Estrelas.

— E que faz você com quinhentos milhões de estrelas?

— Quinhentos e um milhões, seiscentas e vinte e duas mil, setecentas e trinta e uma. Sou um cara sério, gosto de números exatos.

— E que faz com essas estrelas?

— O que faço?

— É.

— Nada. Eu as possuo.

— Você possui estrelas?

— Sim.

— Mas já vi um rei que...

— Os reis não possuem. Eles “reïnham” sobre elas. É muito diferente.

— E de que lhe serve possuir estrelas?

— Serve para que eu seja rico.

— E de que lhe serve ser rico.

— Serve para comprar outras estrelas, que alguém tenha encontrado.

“Esse aí”, pensou o pequeno príncipe, “raciocina um pouco como aquele bebum”.

No entanto, fez-lhe ainda algumas perguntas:

— Como pode alguém possuir as estrelas?

— De quem são elas? – retrucou, exaltado, o empresário.

— Je ne sais pas. À personne.

— Alors elles sont à moi, car j'y ai pensé le premier.

— Ça suffit ?

— Bien sûr. Quand tu trouves un diamant qui n'est à personne, il est à toi. Quand tu trouves une île qui n'est à personne, elle est à toi. Quand tu as une idée le premier, tu la fais breveter : elle est à toi. Et moi je possède les étoiles, puisque jamais personne avant moi n'a songé à les posséder.

— Ça c'est vrai, dit le petit prince. Et qu'en fais-tu ?

— Je les gère. Je les compte et je les recompte, dit le businessman. C'est difficile. Mais je suis un homme sérieux !

Le petit prince n'était pas satisfait encore.

— Moi, si je possède un foulard, je puis le mettre autour de mon cou et l'emporter. Moi, si je possède une fleur, je puis cueillir ma fleur et l'emporter. Mais tu ne peux pas cueillir les étoiles !

— Non, mais je puis les placer en banque.

— Qu'est-ce que ça veut dire ?

— Ça veut dire que j'écris sur un petit papier le nombre de mes étoiles. Et puis j'enferme à clef ce papierlà dans un tiroir.

— Et c'est tout ?

— Não sei. De ninguém.

— Então são minhas, porque pensei nisso primeiro.

— E isso basta?

— Claro. Quando você acha um diamante que não é de ninguém, ele é seu. Quando você encontra uma ilha, que não pertence a alguém, ela é sua. Quando tem uma ideia, antes dos outros, você a registra e ela passa a ser sua. Eu possuo estrelas porque ninguém, antes de mim, pensou em possuí-las.

— É verdade — admitiu o pequeno príncipe. — E o que você faz com elas?

— Eu as administro. Eu as conto e reconto — disse o empresário. É complicado, mas é que eu sou um cara sério.

O pequeno príncipe ainda não se deu por satisfeito.

— Eu, se tenho um lenço de seda, posso amarrá-lo em volta do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colhê-la e levá-la comigo. Mas você não pode colher estrelas.

— Não, mas posso colocá-las num banco.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que escrevo numa folha de papel o número das estrelas que possuo e depois o tranco numa gaveta.

— Só isso?

— Ça suffit !

« C'est amusant, pensa le petit prince. C'est assez poétique. Mais ce n'est pas très sérieux. »

Le petit prince avait sur les choses sérieuses des idées très différentes des idées des grandes personnes.

— Moi, dit-il encore, je possède une fleur que j'arrose tous les jours. Je possède trois volcans que je ramone toutes les semaines. Car je ramone aussi celui qui est éteint. On ne sait jamais. C'est utile à mes volcans, et c'est utile à ma fleur, que je les possède. Mais tu n'es pas utile aux étoiles.

Le businessman ouvrit la bouche mais ne trouva rien à répondre, et le petit prince s'en fut.

« Les grandes personnes sont décidément tout à fait extraordinaires », se disait-il simplement en lui-même durant le voyage.

#### XIV

La cinquième planète était très curieuse. C'était la plus petite de toutes. Il y avait là juste assez de place pour loger un réverbère et un allumeur de réverbères. Le petit prince ne parvenait pas à s'expliquer à quoi pouvaient servir, quelque part dans le ciel, sur une planète sans maison, ni

— Isso basta.

« C'est amusant, pensa le petit prince. C'est assez poétique. Mais ce n'est pas très sérieux. »

Le petit prince avait sur les choses sérieuses des idées très différentes des idées des grandes personnes.

— Moi, dit-il encore, je possède une fleur que j'arrose tous les jours. Je possède trois volcans que je ramone toutes les semaines. Car je ramone aussi celui qui est éteint. On ne sait jamais. C'est utile à mes volcans, et c'est utile à ma fleur, que je les possède. Mais tu n'es pas utile aux étoiles.

Le businessman ouvrit la bouche mais ne trouva rien à répondre, et le petit prince s'en fut.

« Les grandes personnes sont décidément tout à fait extraordinaires », se disait-il simplement en lui-même durant le voyage.

#### Capítulo XIV

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Tinha o tamanho certo para caber um lampião e um acendedor de lâmpadas. O pequeno príncipe não conseguia entender para que serviria, em alguma parte do céu, num planeta sem casas nem habitantes, um

population, un réverbère et un allumeur de réverbères. Cependant il se dit en lui-même :

« Peut-être bien que cet homme est absurde. »

Cependant il est moins absurde que le roi, que le vaniteux, que le businessman et que le buveur. Au moins son travail a-t-il un sens. Quand il allume son réverbère, c'est comme s'il faisait naître une étoile de plus, ou une fleur. Quand il éteint son réverbère, ça endort la fleur ou l'étoile. C'est une occupation très jolie. C'est véritablement utile puisque c'est joli. »

Lorsqu'il aborda la planète il salua respectueusement l'allumeur :

— Bonjour. Pourquoi viens-tu d'éteindre ton réverbère?

— C'est la consigne, répondit l'allumeur. Bonjour.

— Qu'est-ce que la consigne ?

— C'est d'éteindre mon réverbère. Bonsoir.

Et il le ralluma.

— Mais pourquoi viens-tu de le rallumer ?

— C'est la consigne, répondit l'allumeur.

Je ne comprends pas, dit le petit prince.

— Il n'y a rien à comprendre, dit l'allumeur. La consigne c'est la consigne. Bonjour.

lâmpião e um acendedor de lâmpioes. Entretanto, disse a si mesmo:

“Pode ser que este homem seja insensato.

No entanto parece menos insensato que o rei, que o vaidoso, que o empresário e que o bebum. Pelo menos seu trabalho tem algum sentido. Quando acende o lâmpião, é como se fizesse nascer uma estrela a mais, uma flor a mais. Quando apaga o lâmpião, faz dormir a flor ou a estrela. É uma bela ocupação. E verdadeiramente útil, além de bela. ”

Ao descer no planeta, saudou respeitosamente o acendedor.

— Bom dia. Por que apagou o lâmpião?

— É o regulamento, respondeu o acendedor. Bom dia!

— O que é o regulamento?

— É apagar meu lâmpião. Boa noite.

E voltou a acendê-lo.

— Mas por que você o acendeu de novo?

— É o regulamento – respondeu o acendedor.

— Não entendi – disse o príncipezinho.

— Não há o que entender – retrucou o acendedor. – Regulamento é regulamento. Bom dia.

Et il éteignit son réverbère.

Puis il s'épongea le front avec un mouchoir à carreaux rouges.

— Je fais là un métier terrible. C'était raisonnable autrefois. J'éteignais le matin et j'allumais le soir. J'avais le reste du jour pour me reposer, et le reste de la nuit pour dormir...

— Et, depuis cette époque, la consigne a changé ?

— La consigne n'a pas changé, dit l'allumeur. C'est bien là le drame ! La planète d'année en année a tourné de plus en plus vite, et la consigne n'a pas changé !

— Alors ? dit le petit prince.

— Ça c'est drôle ! Les jours chez toi durent une minute !

— Ce n'est pas drôle du tout, dit l'allumeur. Ça fait déjà un mois que nous parlons ensemble.

— Un mois ?

— Oui. Trente minutes. Trente jours ! Bonsoir.

Et il ralluma son réverbère.

Le petit prince le regarda et aima cet allumeur qui était tellement fidèle à la consigne. Il se souvint des couchers de soleil que lui-même allait autrefois chercher, en tirant sa chaise. Il voulut aider son ami :

— Tu sais... je connais un moyen de te reposer quand tu voudras...

E apagou seu lampião.

Depois enxugou a testa com um lenço xadrez vermelho.

— Meu trabalho aqui é árduo. Antigamente era razoável. Eu o apagava de manhã e o acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir.

—E desde aquela época, o regulamento mudou?

—O regulamento não mudou – disse o acendedor. – Esse é o meu drama! A cada ano, o planeta gira mais rápido e o regulamento não muda.

—E então? – indagou o principzinho.

—Que engraçado isso! Os dias aqui em seu planeta duram um minuto!

—Não é engraçado de forma alguma – disse o acendedor. – Já faz um mês que estamos aqui conversando.

—Um mês?

—Sim, trinta minutos. Trinta dias! Boa noite!

E ele acendeu o lampião.

O principzinho observou e gostou deste acendedor que se mostrava tão fiel a seu regulamento. Lembrou-se de quando, apenas girando a cadeira, podia ver o sol se pôr várias vezes. Quis ajudar seu amigo:

—Sabe... há uma maneira de você descansar quando quiser...

—Je veux toujours, dit l'allumeur.

Car on peut être, à la fois, fidèle et paresseux.

Le petit prince poursuivit :

—Ta planète est tellement petite que tu en fais le tour en trois enjambées. Tu n'as qu'à marcher assez lentement pour rester toujours au soleil. Quand tu voudras te reposer tu marcheras... et le jour durera aussi longtemps que tu voudras.

— Ça ne m'avance pas à grand-chose, dit l'allumeur.

Ce que j'aime dans la vie, c'est dormir.

— Ce n'est pas de chance, dit le petit prince.

— Ce n'est pas de chance, dit l'allumeur. Bonjour.

Et il éteignit son réverbère.

« Celui-là, se dit le petit prince, tandis qu'il poursuivait plus loin son voyage, celui-là serait méprisé par tous les autres, par le roi, par le vaniteux, par le buveur, par le businessman. Cependant, c'est le seul qui ne me paraisse pas ridicule. C'est, peut-être, parce qu'il s'occupe d'autre chose que de soi-même. »

Il eut un soupir de regret et se dit encore : « Celui-là est le seul dont j'eusse pu faire mon ami. Mais sa planète est vraiment trop petite. Il n'y a pas de place pour deux... »

—Eu quero sempre – disse o acendedor.

A gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

O pequeno príncipe prosseguiu:

—O seu planeta é tão pequeno que você pode dar a volta nele com três passadas. Basta andar bem devagar, de modo a se manter sempre ao sol. Quando quiser descansar, ande... e o dia durará o tempo que você desejar...

—Não vai adiantar grande coisa – disse o acendedor. – Pois o que mais gosto nesta vida é dormir.

—Isso não vai ser possível – disse o pequeno príncipe.

—É, não vai... – admitiu o acendedor. – Bom dia.

E apagou o lampião.

“Esse aí”, disse para si mesmo o pequeno príncipe, enquanto seguia adiante em sua viagem, “esse aí seria desprezado por aqueles outros, pelo rei, pelo vaidoso, pelo bebum, pelo homem de negócios. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Talvez seja porque não se preocupe apenas consigo mesmo”.

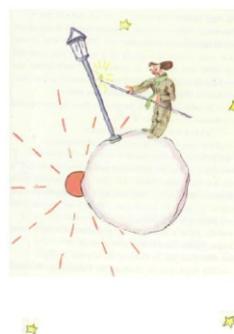
Soltou um suspiro de pesar e acrescentou: “Esse é o único que poderia ser meu amigo. Mas seu planeta é muito pequeno. Não há lugar para dois...”

Ce que le petit prince n'osait pas s'avouer, c'est qu'il regrettait cette planète bénie à cause, surtout, des mille quatre cent quarante couchers de soleil par vingt-quatre heures!



— *Je fais là un métier terrible.*

O que o principezinho não ousava admitir era que lamentava ter de deixar aquele bendito planeta, especialmente porque ali o sol se põe mil quatrocentas e quarenta vezes a cada vinte e quatro horas!



— *Meu trabalho aqui é árduo.*

## XV

La sixième planète était une planète dix fois plus vaste. Elle était habitée par un vieux Monsieur qui écrivait d'énormes livres.

— Tiens ! voilà un explorateur ! s'écria-t-il, quand il aperçut le petit prince.

Le petit prince s'assit sur la table et souffla un peu. Il avait déjà tant voyagé !

— D'où viens-tu ? lui dit le vieux monsieur.

— Quel est ce gros livre ? dit le petit prince. Que faites-vous ici ?

## Capítulo XV

O sexto planeta era dez vezes maior. Ele era habitado por um velho que escrevia livros enormes.

— Vejam só! Um explorador – exclamou ele ao ver o pequeno príncipe.

Ele se sentou à mesa meio ofegante. Tinha viajado demais!

—De onde vem você? – perguntou o velho.

—Que livro grande é esse? – indagou o pequeno príncipe. – Qual é sua profissão?

— Je suis géographe, dit le vieux monsieur.

— Qu'est-ce qu'un géographe ?

— C'est un savant qui connaît où se trouvent les mers, les fleuves, les villes, les montagnes et les déserts.

— Ça c'est bien intéressant, dit le petit prince. Ça c'est enfin un véritable métier !

Et il jeta un coup d'oeil autour de lui sur la planète du géographe. Il n'avait jamais vu encore une planète aussi majestueuse.

— Elle est bien belle, votre planète. Est-ce qu'il y a des océans ?

— Je ne puis pas le savoir, dit le géographe.

— Ah ! (Le petit prince était déçu.)  
Et des montagnes ?

— Je ne puis pas le savoir, dit le géographe.

— Et des villes et des neiges et des déserts ?

— Je ne puis pas le savoir non plus, dit le géographe.

— Mais vous êtes géographe !

— C'est exact, dit le géographe, mais je ne suis pas explorateur.

Je manque absolument d'explorateurs. Ce n'est pas le géographe qui va faire le compte des villes, des fleuves, des montagnes, des mers, des océans et des déserts.

— Sou géografo – respondeu-lhe o senhor.

— E o que é um geógrafo?

— É um estudioso que sabe onde se ficam os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

— Isto é muito interessante – disse o príncipezinho. – Essa é uma profissão de verdade!

E deu uma olhada no planeta do geógrafo. Nunca tinha visto um planeta tão majestoso.

— Esse seu planeta é bem bonito. Ele possui oceanos?

— Não sei dizer – respondeu o geógrafo.

— Ah! – o príncipezinho estava decepcionado – E montanhas?

— Não sei dizer – respondeu o geógrafo.

— E cidades, rios e desertos?

— Também não sei dizer – replicou o geógrafo.

— Mas o senhor é geógrafo!

— Exatamente, disse o geógrafo, mas não sou explorador.

Sinto falta dos exploradores. Não cabe ao geógrafo contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos e os desertos.

Le géographe est trop important pour flâner. Il ne quitte pas son bureau. Mais il y reçoit les explorateurs. Il les interroge, et il prend en note leurs souvenirs. Et si les souvenirs de l'un d'entre eux lui paraissent intéressants, le géographe fait faire une enquête sur la moralité de l'explorateur.

— Pourquoi ça ?

— Parce qu'un explorateur qui mentirait entraînerait des catastrophes dans les livres de géographie. Et aussi un explorateur qui boirait trop.

— Pourquoi ça ? fit le petit prince.

— Parce que les ivrognes voient double. Alors le géographe noterait deux montagnes là où il n'y en a qu'une seule.

— Je connais quelqu'un, dit le petit prince, qui serait mauvais explorateur.

— C'est possible. Donc, quand la moralité de l'explorateur paraît bonne, on fait une enquête sur sa découverte.

— On va voir ?

— Non. C'est trop compliqué. Mais on exige de l'explorateur qu'il fournisse des preuves. S'il s'agit par exemple de la découverte d'une grosse montagne, on exige qu'il en rapporte de grosses pierres.

Le géographe soudain s'émut.

O geógrafo é importante demais para andar por aí. Não sei do seu escritório. Mas ele recebe os exploradores. Ele os interroga e toma nota de seus relatos. E se os relatos de alguns deles lhe parecem interessantes, o geógrafo manda investigar sobre a moral do explorador.

— Por que isso?

— Porque o explorador que mentir provocará catástrofes nos livros de geografia. Assim como um explorador que beba demais.

— Por que isso ? – perguntou o pequeno príncipe.

— Porque os bêbados veem tudo em dobro. E assim o geógrafo anotaria duas montanhas onde há apenas uma.

— Conheço alguém, disse o principzinho, que seria um mau explorador.

— É possível. Então, quando a moral do explorador parece boa, manda-se investigar sua descoberta.

— Vamos vê-la ?

— Não, é complicado demais. Mas exigimos do explorador que ele dê provas. Se se trata, por exemplo, da descoberta de uma grande montanha, exige-se que ele traga grandes pedras.

O geógrafo subitamente se calou.

— Mais toi, tu viens de loin ! Tu es explorateur ! Tu vas me décrire ta planète !

Et le géographe, ayant ouvert son registre, tailla son crayon. On note d'abord au crayon les récits des explorateurs.

On attend, pour noter à l'encre, que l'explorateur ait fourni des preuves.

—Alors? interrogea le géographe.

— Oh ! chez moi, dit le petit prince, ce n'est pas très intéressant, c'est tout petit. J'ai trois volcans. Deux volcans en activité, et un volcan éteint. Mais on ne sait jamais.

— On ne sait jamais, dit le géographe.

— J'ai aussi une fleur.

— Nous ne notons pas les fleurs, dit le géographe.

— Pourquoi ça ! c'est le plus joli !

— Parce que les fleurs sont éphémères.

— Qu'est-ce que signifie « éphémère » ?

— Les géographies, dit le géographe, sont les livres les plus précieux de tous les livres. Elles ne se démodent jamais. Il est très rare qu'une montagne change de place. Il est très rare qu'un océan se vide de son eau. Nous écrivons des choses éternelles.

—Mas você... você vem de longe! Deve ser um explorador! Quero que me descreva seu planeta!

E o geógrafo, tendo aberto seu caderno de anotações, fez a ponta do lápis. Primeiro, anotam-se a lápis os relatos dos exploradores.

Deixamos para anotar com a caneta após a apresentação das provas.

—E então? – indagou o geógrafo.

—Oh, o meu planeta – disse o pequeno príncipe – não é interessante, é muito pequeno. Tenho três vulcões. Dois em atividade e um extinto. Mas nunca se sabe.

—Nunca se sabe – admitiu o geógrafo.

—Tenho também uma flor.

—Não anotamos as flores – disse o geógrafo.

—Por quê? São as mais lindas!

—Porque as flores são efêmeras.

—O que quer dizer “efêmeras”?

—Os livros de geografia – disse o geógrafo – são os mais rigorosos de todos os livros. Eles nunca estão desatualizados. Uma montanha raramente muda de lugar. É muito raro que um oceano se esvazie de sua água. Escrevemos sobre coisas eternas.

— Mais les volcans éteints peuvent se réveiller, interrompit le petit prince. Qu'est-ce que signifie « éphémère » ?

— Que les volcans soient éteints ou soient éveillés, ça revient au même pour nous autres, dit le géographe. Ce qui compte pour nous, c'est la montagne. Elle ne change pas.

— Mais qu'est-ce que signifie « éphémère » ? répéta le petit prince qui, de sa vie, n'avait renoncé à une question, une fois qu'il l'avait posée.

— Ça signifie « qui est menacé de disparition prochaine ».

— Ma fleur est menacée de disparition prochaine ?

— Bien sûr.

« Ma fleur est éphémère, se dit le petit prince, et elle n'a que quatre épines pour se défendre contre le monde ! Et je l'ai laissée toute seule chez moi ! »

Ce fut là son premier mouvement de regret. Mais il reprit courage :

— Que me conseillez-vous d'aller visiter ? demanda-t-il.

— La planète Terre, lui répondit le géographe. Elle a une bonne réputation...

Et le petit prince s'en fut, songeant à sa fleur.

—Mas os vulcões extintos podem voltar à atividade – interrompeu o o pequeno príncipe. – O que quer dizer “efêmera”?

—Que os vulcões se estingam ou fiquem ativos, isso para nós dá no mesmo – disse o geógrafo. O que conta para nós é a montanha. Ela não muda de lugar.

Mas o que significa “efêmeras”? – repetiu o pequeno príncipe, que, em toda a sua vida, jamais desistira de uma pergunta que fizera.

—Significa “o que está ameaçado de desaparecer em breve”.

—Minha flor está ameaçada de desaparecer em breve?

—Certamente.

“Minha flor é efêmera”, disse para si mesmo o príncipe, “e ela só tem quatro espinhos para se defender do mundo. E eu a deixei sozinha em meu planeta!”

Essa foi sua primeira reação de arrependimento, mas logo recuperou a coragem:

—Que outro planeta me aconselha visitar?

—O planeta Terra – respondeu-lhe o geógrafo. Ele tem boa reputação.

E o pequeno príncipe seguiu adiante, pensando em sua flor.

## XVI

## Capítulo XVI

La septième planète fut donc la Terre.

La Terre n'est pas une planète quelconque ! On y compte cent onze rois (en n'oubliant pas, bien sûr, les rois nègres), sept mille géographes, neuf cent mille businessmen, sept millions et demi d'ivrognes, trois cent onze millions de vaniteux, c'est-à-dire environ deux milliards de grandes personnes.

Pour vous donner une idée des dimensions de la Terre je vous dirai qu'avant l'invention de l'électricité on y devait entretenir, sur l'ensemble des six continents, une véritable armée de quatre cent soixante-deux mille cinq cent onze allumeurs de réverbères.

Vu d'un peu loin ça faisait un effet splendide. Les mouvements de cette armée étaient réglés comme ceux d'un ballet d'opéra.

D'abord venait le tour des allumeurs de réverbères de Nouvelle-Zélande et d'Australie. Puis ceux-ci, ayant allumé leurs lampions, s'en allaient dormir. Alors entraient à leur tour dans la danse les allumeurs de réverbères de Chine et de Sibérie. Puis eux aussi s'escamotaient dans les coulisses. Alors venait le tour des allumeurs de réverbères de Russie et des Indes. Puis de ceux d'Afrique et d'Europe.

O sétimo planeta, então, foi a Terra. A Terra não é um planeta qualquer! Nela existem cento e onze reis (não esquecendo, claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de bebuns, trezentos e onze milhões de vaidosos – isto é, cerca de dois bilhões de adultos.

Para lhes dar uma ideia das dimensões da Terra, diria que, antes da invenção da eletricidade, devíamos manter, para o conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampiões.

Visto de certa distância, isso provocava um magnífico efeito. Os movimentos dos acendedores de lampiões eram regulados como os de um balé.

Primeiro era a vez dos acendedores da Nova Zelândia e da Austrália, que, depois de acenderem seus lampiões, iam dormir. Então entravam na dança os acendedores de lampiões da China e da Sibéria, que, em seguida, também sumiam nas coxias. Era então a vez dos acendedores de lampiões da Rússia e das Índias. Depois, os da África e da Europa.

Puis de ceux d'Amérique du Sud. Puis de ceux d'Amérique du Nord. Et jamais ils ne se trompaient dans leur ordre d'entrée en scène. C'était grandiose.

Seuls, l'allumeur de l'unique réverbère du pôle Nord, et son confrère de l'unique réverbère du pôle Sud, menaient des vies d'oisiveté et de nonchalance : ils travaillaient deux fois par an.

Em seguida, os da América do Sul. Depois, os da América do Norte. E todos eles jamais se enganavam em sua ordem de entrada em cena. Era algo grandioso.

Somente o acendedor do único lampião do polo Norte e seu confrade do único lampião do polo Sul levavam uma vida de ociosidade e indolência: trabalhavam apenas duas vezes por ano.

## XVII

Quand on veut faire de l'esprit, il arrive que l'on mente un peu. Je n'ai pas été très honnête en vous parlant des allumeurs de réverbères. Je risque de donner une fausse idée de notre planète à ceux qui ne la connaissent pas. Les hommes occupent très peu de place sur la terre. Si les deux milliards d'habitants qui peuplent la terre se tenaient debout et un peu serrés, comme pour un meeting, ils logeraient aisément sur une place publique de vingt milles de long sur vingt milles de large. On pourrait entasser l'humanité sur le moindre petit îlot du Pacifique.

Les grandes personnes, bien sûr, ne vous croiront pas. Elles s'imaginent tenir beaucoup de place. Elles se voient importantes comme des baobabs.

## Capítulo XVII

Quando a gente quer fazer graça, às vezes mente um pouco. Não fui muito honesto quando lhes falei dos acendedores de lâmpadas. Corro o risco de dar uma ideia falsa de nosso planeta àqueles que não o conhecem. Os homens ocupam pouco espaço na Terra. Se os dois bilhões de habitantes que a povoam se pusessem de pé, um ao lado do outro, como num comício, lotariam facilmente uma praça pública de trinta quilômetros de comprimento por trinta de largura. Poderíamos juntar a humanidade inteira numa só ilha do Pacífico.

Os adultos, claro, não acreditarão. Eles se imaginam ocupando muito mais espaço. Acreditam-se tão importantes quanto os baobás.

Vous leur conseillerez donc de faire le calcul. Elles adorent les chiffres : ça leur plaira. Mais ne perdez pas votre temps à ce pensum. C'est inutile. Vous avez confiance en moi.

Le petit prince, une fois sur terre, fut donc bien surpris de ne voir personne. Il avait déjà peur de s'être trompé de planète, quand un anneau couleur de lune remua dans le sable.

— Bonne nuit, fit le petit prince à tout hasard.

— Bonne nuit, fit le serpent.

— Sur quelle planète suis-je tombé ? demanda le petit prince.

— Sur la Terre, en Afrique, répondit le serpent.

— Ah !... Il n'y a donc personne sur la Terre ?

— Ici c'est le désert. Il n'y a personne dans les déserts. La Terre est grande, dit le serpent.

Le petit prince s'assit sur une pierre et leva les yeux vers le ciel:

—Je me demande dit-il, si les étoiles sont éclairées afin que chacun puisse un jour retrouver la sienne. Regarde ma planète. Elle est juste au-dessus de nous... Mais comme elle est loin !

— Elle est belle, dit le serpent. Que viens-tu faire ici?

—J'ai des difficultés avec une fleur, dit le petit prince.

Deveriam ser aconselhados a fazerem a o cálculo. Eles adoram os números: isso vai agradá-los. Mas não percam tempo com essa tarefa. É inútil. Confiem em mim.

O principezinho, ao chegar à Terra, ficou surpreso de ver ninguém. Já temia ter errado de planeta, quando percebeu um anel da cor da lua remexer na areia.

- Boa noite – disse o pequeno príncipe.

- Boa noite – disse a serpente.

- Em que planeta vim cair? – indagou ele.

- Na Terra – respondeu a serpente - , na África.

- Ah!... E a Terra está desabitada?

- Estamos no deserto. Não há pessoas nos desertos. A Terra é grande – disse a serpente.

O pequeno príncipe sentou-se numa pedra e ergueu os olhos para o céu.

—Às vezes penso que, se as estrelas brilham, é para que cada um possa um dia encontrar a sua. Olhe meu planeta. Ele está bem em cima de nós... Mas como está longe!

—Ele é lindo – disse a serpente.

– O que veio fazer aqui?

—Tive problemas com uma flor – disse o pequeno príncipe.

— Ah ! fit le serpent.

Et ils se turent.

— Où sont les hommes ? reprit enfin le petit prince. On est un peu seul dans le désert...

— On est seul aussi chez les hommes, dit le serpent.

Le petit prince le regarda longtemps :

— Tu es une drôle de bête, lui dit-il enfin, mince comme un doigt...

— Mais je suis plus puissant que le doigt d'un roi, dit le serpent.

Le petit prince eut un sourire :

— Tu n'es pas bien puissant... tu n'as même pas de pattes... tu ne peux même pas voyager.

— Je puis t'emporter plus loin qu'un navire, dit le serpent.

Il s'enroula autour de la cheville du petit prince, comme un bracelet d'or :

« Celui que je touche, je le rends à la terre dont il est sorti, dit-il encore. Mais tu es pur et tu viens d'une étoile... »

Le petit prince ne répondit rien.

—Ah – fez a serpente.

E se calaram.

—Onde estão as pessoas? – retomou o pequeno príncipe. – A gente se sente um pouco só neste deserto.

—A gente se sente só também estando entre as pessoas – respondeu a serpente.

O príncipezinho a observou durante longo tempo.

—Você é um bicho estranho – disse-lhe por fim - fininho como um dedo...

—Mas sou mais poderosa que o dedo de um rei – retrucou a serpente.

O príncipezinho sorriu.

—Você é assim tão forte?... Não tem patas... nem mesmo pode viajar...

—Posso levar você mais longe o que um navio – disse a serpente.

Ela se enroscou no tornozelo do pequeno príncipe como se fosse um bracelete de ouro:

—Aquele em quem toco, devolvo à terra de onde veio – disse ainda. – Mas você é puro, veio de uma estrela...

O pequeno príncipe não respondeu-lhe.

-Tu me fais pitié, toi si faible, sur cette Terre de granit. Je puis t'aider un jour si tu regrettes trop ta planète. Je puis...

— Oh ! j'ai très bien compris, fit le petit prince, mais pourquoi parles-tu toujours par énigmes ?

— Je les résous toutes, dit le serpent.

Et ils se turent.



—Tu es une drôle de bête, lui dit-il enfin, mince comme un doigt...

## XVIII

Le petit prince traversa le désert et ne rencontra qu'une fleur. Une fleur à trois pétales, une fleur de rien du tout...

— Bonjour, dit le prince.

— Bonjour, dit la fleur.

— Où sont les hommes ? demanda poliment le petit prince.

La fleur, un jour, avait vu passer une caravane :

—Você me dá pena, é tão fraco neste chão de granito. Posso lhe ajudar se um dia você sentir falta de seu planeta. Posso...

— Oh, já entendi muito bem – disse o príncipe. – Mas por que fala sempre por enigmas?

— Eu os decifro todos – disse a serpente.

E se calaram.



—Tu es une drôle de bête, lui dit-il enfin, mince comme un doigt..

## Capítulo XVIII

O pequeno príncipe atravessou o deserto e só encontrou uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha à toa.

— Bom dia – disse ele.

— Bom dia – disse a flor.

— Onde estão as pessoas? – perguntou educadamente o pequeno príncipe.

A flor, certo dia, viu passar por ali uma caravana.

— Les hommes ? Il en existe, je crois, six ou sept. Je les ai aperçus il y a des années. Mais on ne sait jamais où les trouver. Le vent les promène. Ils manquent de racines, ça les gêne beaucoup.

— Adieu, fit le petit prince.

— Adieu, dit la fleur.

## XIX

Le petit prince fit l'ascension d'une haute montagne. Les seules montagnes qu'il eût jamais connues étaient les trois volcans qui lui arrivaient au genou. Et il se servait du volcan éteint comme d'un tabouret. « D'une montagne haute comme celle-ci, se dit-il donc, j'apercevrai d'un coup toute la planète et tous les hommes... » Mais il n'aperçut rien que des aiguilles de roc bien aiguisées.

— Bonjour, dit-il à tout hasard.

— Bonjour... bonjour... bonjour...  
répondit l'écho.

— Qui êtes-vous ? dit le petit prince.

— Qui êtes-vous... qui êtes-vous...  
qui êtes-vous... répondit l'écho.

— Soyez mes amis, je suis seul,  
dit-il.

— As pessoas? Creio que só existem umas seis ou sete. Eu as vi já faz alguns anos. Mas nunca se sabe onde elas se encontram. O vento as leva. Elas não têm raízes, o que é um problema.

— Adeus – disse o pequeno príncipe.

— Adeus – disse a flor.

## Capítulo XIX

O pequeno príncipe escalou uma alta montanha. As únicas montanhas que até então tinha conhecido eram os três vulcões que batiam na altura de seus joelhos. E ele usava um vulcão extinto como tamborete, para se sentar.

“De uma montanha alta como esta”, disse para si mesmo, “avistarei de uma só vez todo o planeta e todos os homens”. Mas ele não conseguiu enxergar mais do que os picos de rochas mais agudos.

— Bom dia – falou ele por falar.

— Bom dia... bom dia... bom dia...  
– respondeu o eco.

— Quem é você? – perguntou ele.

— Quem é você?... quem é você?... quem é você?... quem é você?...  
– respondeu o eco.

—Sejam meus amigos, estou sozinho – disse ele.

— Je suis seul... je suis seul... je suis seul... répondit l'écho.

« Quelle drôle de planète ! pensa-t-il alors. Elle est toute sèche, et toute pointue et toute salée. Et les hommes manquent d'imagination. Ils répètent ce qu'on leur dit... Chez moi j'avais une fleur : elle parlait toujours la première... »

## XX

Mais il arriva que le petit prince, ayant longtemps marché à travers les sables, les rocs et les neiges, découvrit enfin une route. Et les routes vont toutes chez les hommes.

— Bonjour, dit-il.

C'était un jardin fleuri de roses.

— Bonjour, dirent les roses.

Le petit prince les regarda. Elles ressemblaient toutes à sa fleur.

— Qui êtes-vous ? leur demanda-t-il, stupéfait.

— Nous sommes des roses, dirent les roses.

— Ah ! fit le petit prince...

— Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho...— respondeu o eco.

“Que planeta estranho”, pensou então o príncipezinho. “Ele é inteiramente seco, pontudo e salgado. E aos homens falta imaginação. Repetem o que a gente diz. No meu planeta, eu tinha uma flor: era sempre ela quem falava primeiro.”

## Capítulo XX

Mas aconteceu que o pequeno príncipe, depois de muito caminhar pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu afinal um caminho. E todos os caminhos levam aos homens.

—Bom dia – disse ele.

Estava num jardim cheio de rosas.

—Bom dia – disseram as rosas.

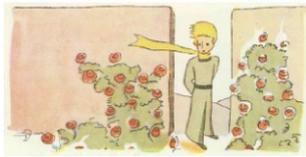
O pequeno príncipe as observou. Todas elas se pareciam com sua flor.

—Quem são vocês? – indagou, surpreso.

— Somos rosas – responderam as rosas.

—Ah! – exclamou o pequeno príncipe.

Et il se sentit très malheureux. Sa fleur lui avait raconté qu'elle était seule de son espèce dans l'univers. Et voici qu'il en était cinq mille, toutes semblables, dans un seul jardin !



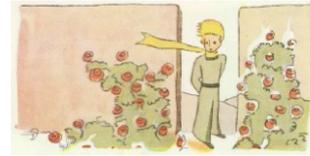
« Elle serait bien vexée, se dit-il, si elle voyait ça... elle tousserait énormément et ferait semblant de mourir pour échapper au ridicule. Et je serais bien obligé de faire semblant de la soigner, car, sinon, pour m'humilier moi aussi, elle se laisserait vraiment mourir... »

Puis il se dit encore : « Je me croyais riche d'une fleur unique, et je ne possède qu'une rose ordinaire. Ça et mes trois volcans qui m'arrivent au genou, et dont l'un, peut-être, est éteint pour toujours, ça ne fait pas de moi un bien grand prince... » Et, couché dans l'herbe, il pleura.

## XXI

C'est alors qu'apparut le renard :  
— Bonjour, dit le renard.

E se sentiu muito triste. Sua flor lhe havia dito que era a única de sua espécie no Universo. E eis ali cinco mil outras, iguaizinhas a ela, num único jardim!



« Elle serait bien vexée, se dit-il, si elle voyait ça... elle tousserait énormément et ferait semblant de mourir pour échapper au ridicule. Et je serais bien obligé de faire semblant de la soigner, car, sinon, pour m'humilier moi aussi, elle se laisserait vraiment mourir... »

Puis il se dit encore : « Je me croyais riche d'une fleur unique, et je ne possède qu'une rose ordinaire. Ça et mes trois volcans qui m'arrivent au genou, et dont l'un, peut-être, est éteint pour toujours, ça ne fait pas de moi un bien grand prince... » Et, couché dans l'herbe, il pleura.

## Capítulo XXI

Foi então quando apareceu a raposa.

—Bom dia – disse a raposa.

— Bonjour, répondit poliment le petit prince, qui se retourna mais ne vit rien.

— Je suis là, dit la voix, sous le pommier...

— Qui es-tu ? dit le petit prince. Tu es bien joli...

— Je suis un renard, dit le renard.

— Viens jouer avec moi, lui proposa le petit prince. Je suis tellement triste...

— Je ne puis pas jouer avec toi, dit le renard. Je ne suis pas apprivoisé.

— Ah ! pardon, fit le petit prince. Mais, après réflexion, il ajouta :

— Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

— Tu n'es pas d'ici, dit le renard, que cherches-tu ?

Je cherche les hommes, – dit le petit prince. Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

— Les hommes, dit le renard, ils ont des fusils et ils chassent. C'est bien gênant ! Ils élèvent aussi des poules. C'est leur seul intérêt. Tu cherches des poules ?

— Non, dit le petit prince. Je cherche des amis. Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

— C'est une chose trop oubliée, dit le renard. Ça signifie « créer des liens... »

— Créer des liens ?

— Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que virou-se mas não conseguiu ver alguém.

— Eu estou aqui – disse a voz, debaixo da macieira.

— Quem é você? – perguntou o pequeno príncipe. – Você é muito bonita.

— Sou uma raposa – disse a raposa.

— Venha brincar comigo – disse o príncipe. – Estou muito triste.

— Não posso brincar contigo – respondeu a raposa. – Ainda não fui cativada.

— Ah, desculpe – disse o pequeno príncipe.

Porém, depois de refletir, acrescentou:

— O que significa “cativar”?

— Você não é daqui – disse a raposa. – O que você procura?

— Estou procurando os homens, disse o pequeno príncipe. – Mas o que quer dizer “cativar”?

— Os homens – disse a raposa – eles têm espingardas e caçam. É bem assustador! Criam galinhas também. É tudo que lhes interessa. Você está à procura de galinhas?

— Não – respondeu o príncipezinho. Estou à procura de amigos. O que quer dizer “cativar”?

— É uma coisa muito esquecida – disse a raposa. – Significa “criar laços”.

— Criar laços?

— Bien sûr, dit le renard. Tu n'es encore pour moi qu'un petit garçon tout semblable à cent mille petits garçons. Et je n'ai pas besoin de toi. Et tu n'as pas besoin de moi non plus. Je ne suis pour toi qu'un renard semblable à cent mille renards. Mais, si tu m'apprivoises, nous aurons besoin l'un de l'autre. Tu seras pour moi unique au monde. Je serai pour toi unique au monde...

— Je commence à comprendre, dit le petit prince. Il y a une fleur... je crois qu'elle m'a apprivoisé...

— C'est possible, dit le renard. On voit sur la Terre toutes sortes de choses...

— Oh ! ce n'est pas sur la Terre, dit le petit prince.

Le renard parut très intrigué :

— Sur une autre planète ?

— Oui.

— Il y a des chasseurs, sur cette planète-là ?

— Non.

— Ça, c'est intéressant ! Et des poules ?

— Non.

— Rien n'est parfait, soupira le renard.

Você será para mim único no mundo. Eu para você única no mundo...

Mais le renard revint à son idée:

— Ma vie est monotone. Je chasse les poules, les hommes me chassent. Toutes les poules se ressemblent, et tous les hommes

—Isso mesmo – disse a raposa. – Para mim, você é não mais que um garotinho igual a cem mil outros garotinhos. E não preciso de você. E nem você precisa de mim. Para você, não sou mais que uma raposa, igual a cem mil outras raposas. Mas, se você me cativar, passaremos a precisar um do outro.

—Estou começando a entender – disse o pequeno príncipe. – Existe uma flor... creio que ela me cativou.

—É possível – disse a raposa. – Na Terra, a gente vê todo tipo de coisas...

—Não, não foi na Terra – disse o pequeno príncipe.

A raposa pareceu intrigada.

—Em outro planeta?

—Sim.

—Há caçadores nesse outro planeta?

—Não.

—Isso é interessante... E há galinhas?

—Não.

—Nada é perfeito – suspirou a raposa.

Mas logo retomou seu raciocínio:

—Minha vida é monótona. Caço galinhas, os homens me caçam.

se ressemblent. Je m'ennuie donc un peu. Mais, si tu m'apprivoises, ma vie sera comme ensoleillée. Je connaîtrai un bruit de pas qui sera différent de tous les autres. Les autres pas me font rentrer sous terre. Le tien m'appellera hors du terrier, comme une musique. Et puis regarde !

Tu vois, là-bas, les champs de blé ? Je ne mange pas de pain. Le blé pour moi est inutile. Les champs de blé ne me rappellent rien. Et ça, c'est triste ! Mais tu as des cheveux couleur d'or. Alors ce sera merveilleux quand tu m'auras apprivoisé ! Le blé, qui est doré, me fera souvenir de toi. Et j'aimerai le bruit du vent dans le blé...

Le renard se tut et regarda longtemps le petit prince :

— S'il te plaît... apprivoise-moi ! dit-il.

— Je veux bien, répondit le petit prince, mais je n'ai pas beaucoup de temps. J'ai des amis à découvrir et beaucoup de choses à connaître.

— On ne connaît que les choses que l'on apprivoise, dit le renard. Les hommes n'ont plus le temps de rien connaître. Ils achètent des choses toutes faites chez les marchands.

Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. Isso me chateia um pouco. Mas se você me cativar, minha vida se iluminará. Identificarei o barulho de seus passos, que será diferente de todos os outros. Esses outros me farão que eu me esconda num buraco. Os seus me chamarão para fora dele, como se fosse música. E depois, olhe!

Está vendo lá longe os campos de trigo? Não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me dizem coisa alguma. E isso é triste! Mas você tem cabelos dourados. Por isso, será maravilhoso quando você me cativar. O trigo, que é dourado, me fará lembrar de você. E amarei ouvir o vento nos trigais...

A raposa se calou e olhou demoradamente para o príncipezinho:

—Por favor... me cativa!... – pediu ela.

—Eu bem que gostaria – respondeu ele. – Mas não tenho muito tempo. Tenho que fazer amigos e conhecer muita coisa.

—Só se conhece as coisas que se cativa – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo de conhecer as coisas. Eles compram tudo pronto das mãos dos vendedores.

Mais comme il n'existe point de marchands d'amis, les hommes n'ont plus d'amis. Si tu veux un ami, apprivoise-moi !

— Que faut-il faire ? dit le petit prince.

— Il faut être très patient, répondit le renard. Tu t'assoiras d'abord un peu loin de moi, comme ça, dans l'herbe. Je te regarderai du coin de l'oeil et tu ne diras rien. Le langage est source de malentendus. Mais, chaque jour, tu pourras t'asseoir un peu plus près...

Le lendemain revint le petit prince.

— Il eût mieux valu revenir à la même heure, dit le renard. Si tu viens, par exemple, à quatre heures de l'après-midi, dès trois heures je commencerai d'être heureux. Plus l'heure avancera, plus je me sentirai heureux. À quatre heures, déjà, je m'agiterai et m'inquiéterai; je découvrirai le prix du bonheur ! Mais si tu viens n'importe quand, je ne saurai jamais à quelle heure m'habiller le coeur... Il faut des rites.

— Qu'est-ce qu'un rite ? dit le petit prince.

E como não existem vendedores de amigos, os homens não tem mais amigos. Se você deseja um amigo, cative-me!

— O que preciso fazer? – disse o pequeno príncipe.

— É preciso ser muito paciente – respondeu a raposa. Você se sentará um pouco distante de mim, na relva, assim. Eu olharei para você pelo canto do olho e você não dirá palavra alguma. A linguagem é fonte de malentendidos. Mas, a cada dia, você se sentará um pouco mais perto...

No dia seguinte, o pequeno príncipe voltou.

—Teria sido melhor se voltasse à mesma hora – disse a raposa. Se, por exemplo, você vier sempre às quatro da tarde, desde as três já começarei a sentir-me feliz. Quanto mais a hora avança, mais feliz vou ficando. Quando forem quatro horas, já estarei inquieta: descobrirei quanto vale a felicidade! Mas se você vem a qualquer momento, jamais saberei a que horas preparar meu coração. Os ritos são necessários.

—O que é um rito? – indagou o príncipezinho.

— C'est aussi quelque chose de trop oublié, dit le renard. C'est ce qui fait qu'un jour est différent des autres jours, une heure, des autres heures. Il y a un rite, par exemple, chez mes chasseurs. Ils dansent le jeudi avec les filles du village.

Alors le jeudi est jour merveilleux ! Je vais me promener jusqu'à la vigne. Si les chasseurs dansaient n'importe quand, les jours se ressembleraient tous, et je n'aurais point de vacances.

Ainsi le petit prince apprivoisa le renard. Et quand l'heure du départ fut proche :

— Ah ! dit le renard... Je pleurerai.

— C'est ta faute, dit le petit prince, je ne te souhaitais point de mal, mais tu as voulu que je t'apprivoise...

— Bien sûr, dit le renard.

— Mais tu vas pleurer ! dit le petit prince.

— Bien sûr, dit le renard.

— Alors tu n'y gagnes rien !

— J'y gagne, dit le renard, à cause de la couleur du blé.

Puis il ajouta :

—Va revoir les roses. Tu comprendras que la tienne est unique au monde. Tu reviendras me dire adieu, et je te ferai cadeau d'un secret.

Le petit prince s'en fut revoir les roses.

—É outra coisa também muito esquecida – disse a raposa. – É o que faz com que um dia seja diferente do outro, uma hora diferente das outras horas. Meus caçadores, por exemplo, têm seu ritual. Nas quintas-feiras eles dançam com as moças da vila.

Por isso acho a quinta-feira um dia maravilhoso! Posso ir até a vinha passear. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, todos os dias seriam iguais e eu nunca teria minha folga.

E assim o príncipezinho cativou a raposa. Mas quando chegou a hora da partida, ela disse:

—Ah... eu vou chorar.

—A culpa é sua – disse o pequeno príncipe. – Eu não queria lhe fazer mal. Foi você quem quis que eu a cativasse...

—Foi... – disse a raposa.

—Mas você vai chorar! – disse o príncipezinho.

—Claro – disse a raposa.

—Então você ganha nada com isso.

—Ganho – disse a raposa – graças à cor do trigo.

E acrescentou:

—Vá rever as rosas... Você compreenderá que a sua é única no mundo. Quando voltar para se despedir, eu lhe darei de presente um segredo.

O príncipezinho foi rever as rosas.

— Vous n'êtes pas du tout semblables à ma rose, vous n'êtes rien encore, leur dit-il. Personne ne vous a apprivoisées et vous n'avez apprivoisé personne. Vous êtes comme était mon renard. Ce n'était qu'un renard semblable à cent mille autres. Mais j'en ai fait mon ami, et il est maintenant unique au monde.

Et les roses étaient gênées.

— Vous êtes belles, mais vous êtes vides, leur dit-il encore. On ne peut pas mourir pour vous. Bien sûr, ma rose à moi, un passant ordinaire croirait qu'elle vous ressemble. Mais à elle seule elle est plus importante que vous toutes, puisque c'est elle que j'ai arrosée.

Puisque c'est elle que j'ai mise sous globe. Puisque c'est elle que j'ai abritée par le paravent. Puisque c'est elle dont j'ai tué les chenilles (sauf les deux ou trois pour les papillons). Puisque c'est elle que j'ai écoutée se plaindre, ou se vanter, ou même quelquefois se taire. Puisque c'est ma rose.

Et il revint vers le renard :

— Adieu, dit-il...

—Adieu, dit le renard. Voici mon secret. Il est très simple : on ne voit bien qu'avec le coeur. L'essentiel est invisible pour les yeux.

—Vocês não são absolutamente iguais à minha rosa, ainda não são coisa alguma – disse-lhes ele. – Ninguém cativou vocês e nem vocês cativaram alguém. São como a minha raposa era. Era uma raposa igual a cem mil outras. Mas eu a tornei minha amiga e, por isso, agora, ela é única no mundo.

E as rosas ficaram aborrecidas.

—Vocês são belas, mas são vazias – disse-lhes ele. – Ninguém está disposto a morrer por vocês. Alguém que passe por aqui pode pensar que minha rosa é igual a vocês. Mas ela sozinha é mais importante que todas vocês, pois foi ela que eu sempre reguei. Foi nela que coloquei uma redoma. Foi ela que eu protegi com um paravento. Foi nela que eu matei as larvas (salvo duas ou três, por causa das borboletas). Foi a ela que eu ouvi se queixar ou se vangloriar, ou, às vezes, se calar. Porque ela é a minha rosa.

E voltou aonde estava a raposa.

—Adeus – disse ele.

—Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. Ele é muito simples: a gente só consegue ver bem quando vê com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

—L'essentiel est invisible pour les yeux, répéta le petit prince, afin de se souvenir.

— C'est le temps que tu as perdu pour ta rose qui fait ta rose si importante.

— C'est le temps que j'ai perdu pour ma rose... fit le petit prince, afin de se souvenir.

— Les hommes ont oublié cette vérité, dit le renard. Mais tu ne dois pas l'oublier. Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé. Tu es responsable de ta rose...

— Je suis responsable de ma rose... répéta le petit prince, afin de se souvenir.

—O essencial é invisível aos olhos – repetiu o pequeno príncipe, para não se esquecer.

—Foi o tempo que você perdeu com sua rosa que a tornou tão importante.

—Foi o tempo que perdi com minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe para não se esquecer.

—Os homens esqueceram esta verdade – disse a raposa. – Mas você não deve esquecê-la. Você é eternamente responsável por aquilo que cativou. É responsável por sua rosa...

—Sou responsável por minha rosa... – repetiu ele para não se esquecer.

## XXII

## Capítulo XXII

—Bonjour, dit le petit prince.

—Bonjour, dit l'aiguilleur.

—Que fais-tu ici ? dit le petit prince.

— Je trie les voyageurs, par paquets de mille, dit l'aiguilleur. J'expédie les trains qui les emportent, tantôt vers la droite, tantôt vers la gauche.

Et un rapide illuminé, grondant comme le tonnerre, fit trembler la cabine d'aiguillage.

—Bom dia – disse o principezinho.

—Bom dia – disse o manobreiro.

—O que você faz aqui? – perguntou o principezinho.

—Eu divido os viajantes em grupos de mil – disse o manobreiro. Decido que trem os conduzirá, se é o da direita ou se é o da esquerda.

E um trem iluminado, que passou estrondando como um trovão, fez estremecer a cabine do manobreiro.

— Ils sont bien pressés, dit le petit prince. Que cherchent-ils ?

— L'homme de la locomotive l'ignore lui-même, dit l'aiguilleur.

Et gronda, en sens inverse, un second rapide illuminé.

— Ils reviennent déjà ? demanda le petit prince...

— Ce ne sont pas les mêmes, dit l'aiguilleur. C'est un échange.

— Ils n'étaient pas contents, là où ils étaient ?

— On n'est jamais content là où l'on est, dit l'aiguilleur.

Et gronda le tonnerre d'un troisième rapide illuminé.

— Ils poursuivent les premiers voyageurs ? demanda

le petit prince.

— Ils ne poursuivent rien du tout, dit l'aiguilleur.

Ils dorment là dedans, ou bien ils bâillent. Les enfants seuls écrasent leur nez contre les vitres.

— Les enfants seuls savent ce qu'ils cherchent, fit le petit prince. Ils perdent du temps pour une poupée de chiffons, et elle devient très importante, et si on la leur enlève, ils pleurent...

— Ils ont de la chance, dit l'aiguilleur.

—Eles estão muito apressados – disse o pequeno príncipe. – O que procuram?

—O próprio homem da locomotiva ignora – disse o manobreiro.

E ressoou, em sentido contrário, um segundo trem rápido iluminado.

—Já estão de volta? – indagou o pequeno príncipe.

—Não são os mesmos – disse o manobreiro. – É uma troca.

—Não se sentiam contentes lá onde estavam?

—A gente nunca está contente onde quer que esteja – disse o manobreiro.

E então soou o apito de um terceiro trem, que passou num estrondo.

—Eles estão perseguindo os viajantes? – perguntou o príncipe.

—Eles não perseguem coisa alguma – disse o manobreiro. – Estão lá dentro dormindo ou bocejando. Só as crianças e que apertam o nariz contra o vidro da janela.

—As crianças... só elas sabem o que querem – disse o pequeno príncipe. Perdem seu tempo com uma boneca de trapos e isso a torna tão importante que, se alguém a toma, elas choram...

—Elas é que são felizes – disse o manobreiro.

## XXIII

— Bonjour, dit le petit prince.

— Bonjour, dit le marchand.

C'était un marchand de pilules perfectionnées qui apaisent la soif. On en avale une par semaine et l'on n'éprouve plus le besoin de boire.

— Pourquoi vends-tu ça ? dit le petit prince.

— C'est une grosse économie de temps, dit le marchand. Les experts ont fait des calculs. On épargne cinquante-trois minutes par semaine.

— Et que fait-on de ces cinquante-trois minutes ?

— On en fait ce que l'on veut...

« Moi, se dit le petit prince, si j'avais cinquante-trois minutes à dépenser, je marcherais tout doucement vers une fontaine... »

Nous en étions au huitième jour de ma panne dans le désert, et j'avais écouté l'histoire du marchand en buvant la dernière goutte de ma provision d'eau.

## Capítulo XXIII

— Bom dia – disse o principezinho.

— Bom dia – disse o vendedor.

Era um vendedor de pílulas aperfeiçoadas que abrandavam a sede. Toma-se uma por semana e não é preciso tomar água.

— Por que você vende isso? – perguntou o principezinho.

— É uma grande economia de tempo – disse o vendedor. – Os especialistas calcularam. Uma economia de cinquenta e três minutos por semana.

— E o que se faz com esses cinquenta e três minutos?

— Faz o que desejar fazer...

“Pois eu”, disse para si o pequeno príncipe, “se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, caminharia tranquilamente até uma fonte...”

Estávamos já no oitavo dia de minha pane no deserto e escutei a história do vendedor quando bebia a última gota de água que tinha.

## XXIV

—Ah ! dis-je au petit prince, ils sont bien jolis, tes souvenirs, mais je n'ai pas encore réparé mon avion, je n'ai plus rien à boire, et je serais heureux, moi aussi, si je pouvais marcher tout doucement vers une fontaine !

— Mon ami le renard, me dit-il...

— Mon petit bonhomme, il ne s'agit plus du renard !

— Pourquoi ?

— Parce qu'on va mourir de soif...

Il ne comprit pas mon raisonnement, il me répondit :

— C'est bien d'avoir eu un ami, même si l'on va mourir. Moi, je suis bien content d'avoir eu un ami renard...

« Il ne mesure pas le danger, me dis-je. Il n'a jamais ni faim ni soif. Un peu de soleil lui suffit... »

Mais il me regarda et répondit à ma pensée :

— J'ai soif aussi... cherchons un puits...

J'eus un geste de lassitude : il est absurde de chercher un puits, au hasard, dans l'immensité du désert. Cependant nous nous mîmes en marche.

## Capítulo XXIV

—Ah – disse eu ao principezinho – são muito interessantes essas suas lembranças, mas ainda não consertei meu avião, não tenho água para beber e também me sentiria feliz se pudesse caminhar tranquilamente até uma fonte!

—Minha amiga raposa me disse...

—Meu rapazinho, não estou interessado em raposas!

—Por quê?

—Porque vamos morrer de sede.

—Ele não entendeu meu raciocínio e me respondeu:

—É bom ter tido um amigo, mesmo que a gente vá morrer. Estou feliz por ter tido uma raposa como amiga...

“Ele não se dá conta do perigo”, disse a mim mesmo. “Nunca sente fome nem sede. Um pouco de sol lhe basta...”

Mas ele em olhou e respondeu, como se tivesse lido meu pensamento.

—Estou com sede também... Vamos procurar um poço...

Eu tive uma reação de desânimo: não tem sentido sair buscando poços ao acaso, na imensidão do deserto. Contudo, nos pusemos a caminho.

Quand nous eûmes marché, des heures, en silence, la nuit tomba, et les étoiles commencèrent de s'éclairer. Je les apercevais comme en rêve, ayant un peu de fièvre, à cause de ma soif. Les mots du petit prince dansaient dans ma mémoire.

— Tu as donc soif, toi aussi ? lui demandai-je.

Mais il ne répondit pas à ma question. Il me dit simplement :

— L'eau peut aussi être bonne pour le coeur...

Je ne compris pas sa réponse mais je me tus... Je savais bien qu'il ne fallait pas l'interroger.

Il était fatigué. Il s'assit. Je m'assis auprès de lui. Et, après un silence, il dit encore :

— Les étoiles sont belles, à cause d'une fleur que l'on ne voit pas...

Je répondis « bien sûr » et je regardai, sans parler, les plis du sable sous la lune.

— Le désert est beau, ajouta-t-il.

Et c'était vrai. J'ai toujours aimé le désert. On s'assoit sur une dune de sable. On ne voit rien. On n'entend rien.

Et cependant quelque chose rayonne en silence...

Depois de andarmos durante horas, em silêncio, caiu a noite, e as estrelas começaram a brilhar. Eu as contemplava como em sonho, estando um pouco febril devido à sede que sentia. As palavras do pequeno príncipe ressoavam em minha memória.

— Você está com sede, você também? – perguntei-lhe.

Mas ele não deu resposta a minha pergunta. Disse-me simplesmente:

— A água também pode ser boa ao coração...

Não compreendi sua resposta, mas me calei... Sabia bem que não adiantaria interrogá-lo.

Ele estava cansado. Sentou-se. Também sentei-me perto dele. E, após um tempo em silêncio, então falou:

— As estrelas são belas por causa de uma flor que não se vê...

Respondi: – Claro – e olhei, sem falar, as ondulações da areia sob a lua.

— O deserto é bonito... – acrescentou ele.

E era verdade. Sempre gostei do deserto. A gente se senta numa duna de areia. Nada se vê. Nada se ouve.

E, no entanto, alguma coisa se irradia no silêncio...

— Ce qui embellit le désert, dit le petit prince, c'est qu'il cache un puits quelque part...

Je fus surpris de comprendre soudain ce mystérieux rayonnement du sable. Lorsque j'étais petit garçon j'habitais une maison ancienne, et la légende racontait qu'un trésor y était enfoui. Bien sûr, jamais personne n'a su le découvrir, ni peut-être même ne l'a cherché. Mais il enchantait toute cette maison. Ma maison cachait un secret au fond de son coeur...

— Oui, dis-je au petit prince, qu'il s'agisse de la maison, des étoiles ou du désert, ce qui fait leur beauté est invisible !

— Je suis content, dit-il, que tu sois d'accord avec mon renard.

Comme le petit prince s'endormait, je le pris dans mes bras, et me remis en route. J'étais ému. Il me semblait porter un trésor fragile. Il me semblait même qu'il n'y eût rien de plus fragile sur la Terre. Je regardais, à la lumière de la lune, ce front pâle, ces yeux clos, ces mèches de cheveux qui tremblaient au vent, et je me disais : « Ce que je vois là n'est qu'une écorce. Le plus important est invisible... »

—O que faz a beleza do deserto, disse o príncipezinho, é que ele esconde um poço de água em algum lugar...

Fiquei surpreso ao compreender subitamente essa misteriosa irradiação da areia. Quando eu era um menino, morava numa casa antiga, e como contava uma lenda, havia um tesouro escondido ali. Claro que ninguém jamais o encontrou, e talvez nunca o tenham procurado. Mas isso encantava a casa inteira. Minha casa escondia um segredo no fundo de seu coração...

—Sim – disse eu príncipezinho – quer seja a casa, as estrelas ou o deserto, o que os torna belos é invisível.

—Estou contente que você concorde com minha raposa.

Como o príncipezinho tinha adormecido, eu o tomei nos braços e segui meu caminho. Eu estava comovido. Era como se carregasse um frágil tesouro. Parecia mesmo que não havia algo mais frágil na face da Terra. Olhava sua fronte pálida sob a luz da lua, seus olhos fechados, as mechas de cabelos batidas pelo vento. “O que eu vejo é apenas uma casca. Mais importante é o que não se vê...”, disse comigo mesmo.

Comme ses lèvres entr'ouvertes ébauchaient un demi sourire je me dis encore : « Ce qui m'émeut si fort de ce petit prince endormi, c'est sa fidélité pour une fleur, c'est l'image d'une rose qui rayonne en lui comme la flamme d'une lampe, même quand il dort... » Et je le devinai plus fragile encore. Il faut bien protéger les lampes : un coup de vent peut les éteindre...

Et, marchant ainsi, je découvris le puits au lever du jour.

## XXV

—Les hommes, dit le petit prince, ils s'enfourment dans les rapides, mais ils ne savent plus ce qu'ils cherchent. Alors il s'agitent et tournent en rond...

Et il ajouta :

— Ce n'est pas la peine...

Le puits que nous avions atteint ne ressemblait pas aux puits sahariens. Les puits sahariens sont de simples trous creusés dans le sable. Celui-là ressemblait à un puits de village. Mais il n'y avait là aucun village, et je croyais rêver.

— C'est étrange, dis-je au petit prince, tout est prêt : la poulie, le seau et la corde...

Como seus lábios entreabertos esboçavam um sorriso contido, pensei comigo: “O que mais me comove neste principzinho é a sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que brilha nele como a chama de uma lamparina, mesmo quando ele dorme...” E o senti mais frágil ainda. Devemos proteger as lamparinas, pois um sopro de vento pode apagá-las...E assim, caminhando, descobri o poço ao nascer do dia.

## Capítulo XXV

Os homens – disse o pequeno príncipe – se metem em seus trens, mas não sabem mais o que estão buscando. Por isso ficam tensos, sem saber para onde ir.

E acrescentou:

—Isso não leva a lugar algum.

O poço a que tínhamos chegado não se parecia de forma alguma com os poços do Saara. Estes são apenas buracos cavados na areia. Aquele parecia um poço de aldeia. Mas não havia lá perto aldeia alguma e era como se eu estivesse sonhando.

—É estranho – disse ao pequeno príncipe. – Tudo está pronto: a roldana, o balde e a corda.

Il rit, toucha la corde, fit jouer la poulie.

Et la poulie gémit comme gémit une vieille girouette quand le vent a longtemps dormi.

—Tu entends, dit le petit prince, nous réveillons ce puits et il chante...

Je ne voulais pas qu'il fit un effort :

— Laisse-moi faire, lui dis-je, c'est trop lourd pour toi.

Lentement je hissai le seau jusqu'à la margelle. Je l'y installai bien d'aplomb. Dans mes oreilles durait le chant de la poulie et, dans l'eau qui tremblait encore, je voyais trembler le soleil.

— J'ai soif de cette eau-là, dit le petit prince, donne-moi à boire...

Et je compris ce qu'il avait cherché !

Je soulevai le seau jusqu'à ses lèvres. Il but, les yeux fermés. C'était doux comme une fête. Cette eau était bien autre chose qu'un aliment. Elle était née de la marche sous les étoiles, du chant de la poulie, de l'effort de mes bras. Elle était bonne pour le coeur, comme un cadeau.

Ele riu, pegou a corda, fez girar a roldana.

E a roldana gemeu como um velho cata-vento que o vento fez adormecer durante muito tempo.

—Está ouvindo? – disse ele. – Despertamos este poço e agora ele canta...

Eu não queria que ele fizesse muito esforço:

—Deixe-me fazer – disse-lhe. – É pesado demais para você.

Lentamente, icei o balde até a borda do poço. Coloquei-o bem firme. Em meus ouvidos permanecia o canto da roldana, e na água ainda trêmula, conseguia ver o reflexo do sol.

—Estou com sede dessa água – disse o pequeno príncipe. – Dê-me de beber...

E então compreendi o que ele havia buscado!

Ergui o balde à altura de seus lábios. Ele bebeu, de olhos fechados. Estava doce como uma festa. Esta água era muito mais do que um alimento. Tinha nascido da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço de meus braços. Ela fazia bem ao coração, como um presente.

Lorsque j'étais petit garçon, la lumière de l'arbre de Noël, la musique de la messe de minuit, la douceur des sourires faisaient ainsi tout le rayonnement du cadeau de Noël que je recevais.

—Les hommes de chez toi, dit le petit prince, cultivent cinq mille roses dans un même jardin... et ils n'y trouvent pas ce qu'ils cherchent...

— Ils ne le trouvent pas, répondis-je...

— Et cependant ce qu'ils cherchent pourrait être trouvé dans une seule rose ou un peu d'eau...

— Bien sûr, répondis-je.

Et le petit prince ajouta :

—Mais les yeux sont aveugles. Il faut chercher avec le coeur.

J'avais bu. Je respirais bien. Le sable, au lever du jour, est couleur de miel. J'étais heureux aussi de cette couleur de miel.

Pourquoi fallait-il que j'eusse de la peine...

— Il faut que tu tiennes ta promesse, me dit doucement le petit prince, qui, de nouveau, s'était assis auprès de moi.

—Quelle promesse ?

— Tu sais... une muselière pour mon mouton... je suis responsable de cette fleur !

Quando eu era menininho, a luz da árvore de Natal, a música da missa da meia-noite, a doçura dos sorrisos criavam, assim, todo o brilho do presente de Natal que eu ganhava.

—Os homens do seu planeta – disse o príncipezinho – cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim e não encontram ali o que procuram...

—Eles não encontram – respondi-lhe.

—E, no entanto, o que eles procuram poderia ser encontrado numa só rosa ou num pouco de água...

— Com certeza - respondi-lhe.

E o príncipezinho ainda disse:

—Mas os olhos são cegos. É preciso procurar com o coração.

Eu tinha bebido. Respirava bem. A areia, ao nascer do dia, tem cor de mel. Eu estava feliz também por esta cor de mel.

Por que seria necessário que eu sofresse?

—É preciso que você cumpra sua promessa – disse-me docemente o príncipezinho, que, novamente, se sentava perto de mim.

—Que promessa?

—Você sabe... uma focinheira para meu carneiro... Sou responsável por aquela flor!

Je sortis de ma poche mes ébauches de dessin. Le petit prince les aperçut et dit en riant :

— Tes baobabs, ils ressemblent un peu à des choux...

— Oh!

Moi qui étais si fier des baobabs !

— Ton renard... ses oreilles... elles ressemblent un peu à des cornes... et elles sont trop longues !

Et il rit encore.

— Tu es injuste, petit bonhomme, je ne savais rien dessiner que les boas fermés et les boas ouverts.

— Oh ! ça ira, dit-il, les enfants savent.

Je crayonnai donc une muselière. Et j'eus le coeur serré en la lui donnant :

— Tu as des projets que j'ignore...

Mais il ne me répondit pas. Il me dit :

« Tu sais, ma chute sur la Terre... c'en sera demain l'anniversaire... »

Puis, après un silence il dit encore :

« J'étais tombé tout près d'ici... »

Et il rougit.

Tirei do bolso os esboços do desenho. O príncipezinho os viu e disse rindo:

— Seus baobás se parecem com couves...

— Oh!

E logo eu que estava tão orgulhoso dos baobás!

— Sua raposa... as orelhas dela... parecem mais com chifres... e são compridas demais!

E riu de novo.

— Você é injusto, rapazinho, eu só sabia desenhar jiboias fechadas e jiboias abertas.

— Oh, vai servir – disse ele – As crianças sabem.

Desenhei então uma focinheira. E senti um aperto no coração ao entregá-la:

— Você tem planos que ignoro...

Mas ele não me respondeu.

Disse-me:

— Sabe a minha queda na Terra? Pois é, amanhã será seu aniversário.

Então, após um silêncio, ainda disse:

— Caí bem perto daqui...

E ele ficou vermelho.

Et de nouveau, sans comprendre pourquoi, j'éprouvai un chagrin bizarre. Cependant une question me vint :

— Alors ce n'est pas par hasard que, le matin où je t'ai connu, il y a huit jours, tu te promenais comme ça, tout seul, à mille milles de toutes les régions habitées ? Tu retournais vers le point de ta chute ?

Le petit prince rougit encore.

Et j'ajoutai, en hésitant :

— À cause, peut-être, de l'anniversaire ?...

Le petit prince rougit de nouveau. Il ne répondait jamais aux questions, mais, quand on rougit, ça signifie « oui », n'est-ce pas ?

— Ah ! lui dis-je, j'ai peur...

Mais il me répondit :

— Tu dois maintenant travailler.

Tu dois repartir vers ta machine. Je t'attends ici. Reviens demain soir...

Mais je n'étais pas rassuré. Je me souvenais du renard. On risque de pleurer un peu si l'on s'est laissé apprivoiser...

E de novo, sem entender por quê, senti uma estranha tristeza. Contudo, uma questão veio-me:

— Então não foi por acaso que, na manhã quando te conheci, há oito dias, você vagava assim, sozinho, a mil milhas de todas as regiões habitadas? Você estava voltando ao local onde tinha chegado?

O pequeno príncipe ficou vermelho de novo.

E acrescentei, hesitando:

— Por causa, talvez, do aniversário?

O principezinho ficou vermelho de novo. Ele jamais respondia perguntas, mas quando a gente fica vermelho, quer dizer “sim”, não é ?

— Ah – disse-lhe eu – tenho medo...

Mas ele me respondeu:

— Você agora deve trabalhar. Deve voltar à máquina. Espero você aqui. Volte amanhã à noite...

Mas não estava tranquilo. Lembrava-me da raposa. Corre-se o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar...

## XXVI

## Capítulo XXVI

Il y avait, à côté du puits, une ruine de vieux mur de pierre. Lorsque je revins de mon travail, le lendemain soir, j'aperçus de loin mon petit prince assis là-haut, les jambes pendantes. Et je l'entendis qui parlait:

—Tu ne t'en souviens donc ? disait-il. Ce n'est pas tout à fait ici !

Une autre voix lui répondit sans doute, puisqu'il répliqua :

— Si ! Si ! c'est bien le jour, mais ce n'est pas ici l'endroit...

Je poursuivis ma marche vers le mur. Je ne voyais ni n'entendais toujours personne. Pourtant le petit prince répliqua de nouveau :

— ... Bien sûr. Tu verras où commence ma trace dans le sable. Tu n'as qu'à m'y attendre. J'y serai cette nuit.

J'étais à vingt mètres du mur et je ne voyais toujours rien.

Le petit prince dit encore, après un silence :

—Tu as du bon venin ? Tu es sûr de ne pas me faire souffrir longtemps ?

Je fis halte, le coeur serré, mais je ne comprenais toujours pas.

Havia, ao lado do poço, uma ruína de um velho muro de pedra. Quando voltei de meu trabalho, na noite seguinte, percebi de longe meu principzinho sentado no alto do muro, com as pernas balançando. E o ouvi dizendo:

— Então, você não se lembra? — dizia ele. — Não é de fato aqui.

Uma outra voz lhe respondeu sem dúvida, uma vez que ele replicou:

—Sim! Sim! É este o dia, porém não é este o lugar...

Segui caminhando em direção ao muro. Não via nem ouvia ninguém. No entanto, o pequeno príncipe replicava de novo:

—Claro. Você verá onde começam minhas marcas na areia. Tem só que me esperar. Estarei lá nesta noite.

Eu estava a 25 metros do muro e continuava vendo nada.

O principzinho disse, após um silêncio:

—Você tem veneno bom? Tem certeza de que não vou sofrer por muito tempo?

Detive-me, com o coração apertado, mas ainda sem compreender.

— Maintenant, va-t'en, dit-il... je veux redescendre !

Alors j'abaissai moi-même les yeux vers le pied du mur, et je fis un bond ! Il était là, dressé vers le petit prince, un de ces serpents jaunes qui vous exécutent en trente secondes. Tout en fouillant ma poche pour en tirer mon revolver, je pris le pas de course, mais, au bruit que je fis, le serpent se laissa doucement couler dans le sable, comme un jet d'eau qui meurt, et, sans trop se presser, se faufila entre les pierres avec un léger bruit de métal.

Je parvins au mur juste à temps pour y recevoir dans les bras mon petit bonhomme de prince, pâle comme la neige.

— Quelle est cette histoire-là ! Tu parles maintenant avec les serpents !

J'avais défait son éternel cache-nez d'or. Je lui avais mouillé les tempes et l'avais fait boire. Et maintenant je n'osais plus rien lui demander. Il me regarda gravement et m'entoura le cou de ses bras. Je sentais battre son cœur comme celui d'un oiseau qui meurt, quand on l'a tiré à la carabine. Il me dit:

— Je suis content que tu aies trouvé ce qui manquait à ta machine. Tu vas pouvoir rentrer chez toi...

—Agora, vá embora! – disse ele.

– Eu quero descer!

Então, baixei os olhos até o pé do muro e saltei! Ela estava lá, erguida diante do principezinho, uma dessas serpentes amarelas qui podem executar alguém em trinta segundos. Enfiei a mão no bolso procurando o revólver, apressei o passo, porém, por conta do barulho que fiz, a serpente saiu pela areia, como um esguicho de água que cessa, e sem pressa, enfiou-se entre as pedras com um leve ruído metálico.

Cheguei ao muro a tempo de receber nos braços o meu principezinho, pálido como a neve.

—Que história é essa? Então você agora fala com as serpentes?

Já tinha afrouxado seu cachecol dourado, molhado as têmporas e lhe feito beber água. E agora não ousava lhe perguntar mais coisas. Ele me olhou gravemente e passou seus braços pelo meu pescoço. Senti seu coração bater como o de um passarinho agonizando, quando atingido por um tiro de carabina. Ele me disse:

—Estou contente que você tenha achado o que faltava à sua máquina. Vai poder voltar para sua casa...

— Comment sais-tu ?

Je venais justement lui annoncer que, contre toute espérance, j'avais réussi mon travail!

Il ne répondit rien à ma question, mais il ajouta :

— Moi aussi, aujourd'hui, je rentre chez moi... Puis, mélancolique:

—C'est bien plus loin... c'est bien plus difficile...

Je sentais bien qu'il se passait quelque chose d'extraordinaire. Je le serrais dans les bras comme un petit enfant, et cependant il me semblait qu'il coulait verticalement dans un abîme sans que je pusse rien pour le retenir...

Il avait le regard sérieux, perdu très loin.

—J'ai ton mouton. Et j'ai la caisse pour le mouton. Et j'ai la muselière...

Et il sourit avec mélancolie.

J'attendis long-temps. Je sentais qu'il se réchauffait peu à peu:

— Petit bonhomme, tu as eu peur...

Il avait eu peur, bien sûr ! Mais il rit doucement :

— J'aurai bien plus peur ce soir...

—Como você sabe?

Vinha justamente lhe contar que, contra toda esperança, tinha conseguido fazer meu trabalho!

Ele não respondeu a minha pergunta, mas acrescentou:

—Eu também, hoje, volto para minha casa... Depois, melancólico:

—É bem mais longe... e bem mais difícil.

Eu sentia que algo de extraordinário se passava. Apertei-o em meus braços como a um garotinho e, no entanto, parecia que ele despencava verticalmente num abismo sem que eu nada pudesse fazer para impedi-lo.

Seu olhar era sério, perdido na distância.

—Estou com seu carneiro. E com a caixa para seu carneiro. E a focinheira.

E ele sorriu com tristeza.

Esperei um bom tempo. Sentia que ele se reaquecia pouco a pouco.

—Rapazinho, acho que você ficou com medo...

Ele estava sem dúvida, com medo. Mas riu com doçura:

—Terei bem mais medo esta noite...

De nouveau je me sentis glacé par le sentiment de l'irréparable. Et je compris que je ne supportais pas l'idée de ne plus jamais entendre ce rire. C'était pour moi comme une fontaine dans le désert.

— Petit bom-homme, je veux encore t'entendre rire...

Mais il me dit :

— Cette nuit, ça fera un an. Mon étoile se trouvera juste au-dessus de l'endroit où je suis tombé l'année dernière...

— Petit bonhomme, n'est-ce pas que c'est un mauvais rêve cette histoire de serpent et de rendez-vous et d'étoile...

Mais il ne répondit pas à ma question. Il me dit :

— Ce qui est important, ça ne se voit pas...

— Bien sûr...

— C'est comme pour la fleur. Si tu aimes une fleur qui se trouve dans une étoile, c'est doux, la nuit, de regarder le ciel. Toutes les étoiles sont fleuries.

— Bien sûr...

— C'est comme pour l'eau. Celle que tu m'as donnée à boire était comme une musique, à cause de la poulie et de la corde... tu te rappelles... elle était bonne.

— Bien sûr...

— Tu regarderas, la nuit, les étoiles. C'est trop petit chez moi pour que je te montre où se trouve la mienne. C'est mieux comme ça. Mon étoile, ça sera pour

De novo me senti gelado pela sensação do irreparável. E compreendi que não suportaria a ideia de nunca mais ouvir aquele riso. Era para mim como uma fonte no deserto.

—Rapazinho, quero de novo te ouvir sorrir.....

Mas ele me disse:

—Nesta noite fará um ano. Minha estrela estará justamente em cima do lugar onde caí, no ano passado...

—Rapazinho, não é um sonho ruim esta história de serpente, de encontro marcado e de estrela?

Mas ele não respondeu ao que falei. Ele me disse:

—O que é importante não se vê...

—Sem dúvida...

—É como com a flor. Se você ama uma flor que se encontra numa estrela, faz bem, à noite, olhar o céu. Todas as estrelas estão floridas...

—É claro...

—É como com a água. A que você me deu para beber era igual a uma música, por causa da roldana e da corda... Você se lembra... ela era boa.

—Claro...

—Você olhará, de noite, as estrelas. Onde vivo é pequeno demais para que eu possa te mostrar onde se encontra a minha. É melhor assim. Minha estrela, ela será para você uma

toi une des étoiles. Alors, toutes les étoiles, tu aimeras les regarder...

Elles seront toutes tes amies. Et puis je vais te faire un cadeau...

Il rit encore.

— Ah ! petit bonhomme, petit bonhomme, j'aime entendre ce rire !

— Justement ce sera mon cadeau... ce sera comme pour l'eau...

— Que veux-tu dire ?

— Les gens ont des étoiles qui ne sont pas les mêmes. Pour les uns, qui voyagent, les étoiles sont des guides. Pour d'autres elles ne sont rien que de petites lumières. Pour d'autres, qui sont savants, elles sont des problèmes. Pour mon businessman elles étaient de l'or. Mais toutes ces étoiles-là se taisent. Toi, tu auras des étoiles comme personne n'en a...

— Que veux-tu dire ?

— Quand tu regarderas le ciel, la nuit, puisque j'habiterai dans l'une d'elles, puisque je rirai dans l'une d'elles, alors ce sera pour toi comme si riaient toutes les étoiles. Tu auras, toi, des étoiles qui savent rire!

Et il rit encore.

—Et quand tu seras consolé (on se console toujours) tu seras content de m'avoir connu. Tu seras toujours mon ami. Tu auras envie de rire avec moi. Et tu ouvriras parfois ta fenêtre, comme ça, pour le plaisir... Et tes amis seront bien étonnés

das estrelas. Então você vai gostar de ver todas elas...

Elas serão todas suas amigas. E também lhe darei um presente...

Ele voltou a rir.

—Ah, menininho, menininho, gosto de ouvir esse riso!

—Justamente este será o meu presente... Será como a água...

— Que quer dizer com isso?

—As pessoas consideram as estrelas de forma diferente. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros não são mais do que pequenas luzes. Para outros, que são sábios, elas são problemas. Para o homem de negócios elas eram ouro. Mas todas elas se calam. Você terá estrelas como ninguém...

— O que você quer dizer?

— Quando você olhar o céu, à noite, eu estarei numa delas, rirei para você de uma delas, então isto será para você como se todas as estrelas rissem. Assim, você terá estrelas que sabem rir!

E ele riu de novo.

—E quando estiver consolado (a gente sempre se consola), se sentirá contente de ter me conhecido. Será para sempre meu amigo. Terá vontade de rir comigo. E você talvez abrirá sua janela, assim, por prazer... E seus amigos ficarão bem surpresos ao verem você rir

de te voir rire en regardant le ciel. Alors tu leur diras : « Oui, les étoiles, ça me fait toujours rire ! » Et ils te croiront fou. Je t'aurai joué un bien vilain tour...

Et il rit encore.

— Ce sera comme si je t'avais donné, au lieu d'étoiles, des tas de petits grelots qui savent rire...

Et il rit encore. Puis il redevint sérieux :

— Cette nuit... tu sais... ne viens pas.

— Je ne te quitterai pas.

— J'aurai l'air d'avoir mal... j'aurai un peu l'air de mourir. C'est comme ça. Ne viens pas voir ça, ce n'est pas la peine.

— Je ne te quitterai pas.

Mais il était soucieux.

— Je te dis ça... c'est à cause aussi du serpent. Il ne faut pas qu'il te morde... Les serpents, c'est méchant. Ça peut mordre pour le plaisir...

— Je ne te quitterai pas.

Mais quelque chose le rassura :

— C'est vrai qu'ils n'ont plus de venin pour la seconde morsure...

Cette nuit-là je ne le vis pas se mettre en route. Il s'était évadé sans bruit. Quand je réussis à le rejoindre il marchait décidé, d'un pas rapide. Il me dit seulement :

olhando para o céu. Então você lhes dirá: “Sim, as estrelas, isto sempre me faz rir!” E eles pensarão que você enlouqueceu. Eu lhe terei feito de bobo.

E ele riu de novo.

—É como se eu lhe tivesse dado, ao invés de estrelas, um pequenos guizos que sabem rir...

E ele ri mais uma vez. Depois voltou a ficar sério:

—Esta noite... você sabe... não venha.

—Não vou te deixar.

—Parecerei estar mal estar... Parecerei estar morrendo. É assim. Não venha ver isso, não vale a pena.

—Não vou abandonar você.

Mas ele estava preocupado.

—Te digo isso... por conta também da serpente. Não é preciso que ela te morda... As serpentes... quanta maldade! Podem picar por prazer...

—Não vou abandonar você.

Mas uma coisa o tranquilizou.

—É verdade que elas não têm veneno para uma segunda mordida...

Naquela noite não vi quando ele partiu. Deve ter saído sem fazer qualquer barulho. Quando consegui alcançá-lo, ele caminhava decididamente, a passos rápidos. Ele me disse apenas:

— Ah ! tu es là...

Et il me prit par la main. Mais il se tourmenta encore :

— Tu as eu tort. Tu auras de la peine. J'aurai l'air d'être mort et ce ne sera pas vrai...

Moi je me taisais.

— Tu comprends. C'est trop loin. Je ne peux pas emporter ce corps-là. C'est trop lourd.

Moi je me taisais.

— Mais ce sera comme une vieille écorce abandonnée. Ce n'est pas triste les vieilles écorces...

Moi je me taisais.

Il se découragea un peu. Mais il fit encore un effort :

— Ce sera gentil, tu sais. Moi aussi je regarderai les étoiles. Toutes les étoiles seront des puits avec une poulie rouillée. Toutes les étoiles me verseront à boire...

Moi je me taisais.

— Ce sera tellement amusant ! Tu auras cinq cents millions de grelots, j'aurai cinq cents millions de fontaines...

Et il se tut aussi, parce qu'il pleurait...

— C'est là. Laisse-moi faire un pas tout seul.

Et il s'assit parce qu'il avait peur. Il dit encore :

— Ah, você está aqui...

E ele me pegou pela mão. Mas ele se atormentou de novo:

— Você errou. Irá sofrer. Darei a impressão de estar morto e assim não estarei...

Eu me calei.

— Você compreende. É longe demais. Não posso carregar este corpo. Ele é pesado demais.

Fiquei calado.

— Mas esta será como uma velha casca abandonada. Não é triste ver velhas cascas...

Fiquei calado.

Ele se desencorajou um pouco. Mas fez ainda um esforço:

—Será bom, você sabe. Também olharei as estrelas. Todas as estrelas serão como poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me darão de beber...

Fiquei calado.

—Será tão divertido! Você terá quinhentos milhões de guizos, eu terei quinhentos milhões de fontes...

E ele se calou também, porque chorava...

—É aqui. Deixe-me dar um passo sozinho.

E se sentou, pois estava com medo. Disse ainda:

— Tu sais... ma fleur... j'en suis responsable ! Et elle est tellement faible ! Et elle est tellement naïve. Elle a quatre épines de rien du tout pour la protéger contre le monde...

Moi je m'assis parce que je ne pouvais plus me tenir debout. Il dit :

— Voilà... C'est tout...

Il hésita encore un peu, puis il se releva. Il fit un pas. Moi je ne pouvais pas bouger.

Il n'y eut rien qu'un éclair jaune près de sa cheville. Il demeura un instant immobile. Il ne cria pas. Il tomba doucement comme tombe un arbre. Ça ne fit même pas de bruit, à cause du sable.

## XXVII

Et maintenant, bien sûr, ça fait six ans déjà... Je n'ai jamais encore raconté cette histoire. Les camarades qui m'ont revu ont été bien contents de me revoir vivant. J'étais triste, mais je leur disais : « C'est la fatigue... »

Maintenant je me suis un peu consolé. C'est-à-dire... pas tout à fait. Mais je sais bien qu'il est revenu à sa planète, car, au lever du jour, je n'ai pas retrouvé son corps. Ce n'était pas un corps tellement lourd... Et

—Você sabe... minha flor... Sou responsável por ela! E ela é tão frágil! E ela é tão ingênua. Ela tem só quatro espinhos e nada mais para protegê-la do mundo...

Eu me sentei porque não aguentava mais ficar em pé. Ele disse:

– Pronto... Isso é tudo...

Ele ainda hesitou um pouco, depois se levantou. Deu um passo. Eu não conseguia me mexer.

Nada mais do que uma faísca amalrea próxima ao seu tornozelo. Ele ficou por um instante imóvel. Não gritou. Caiu levemente como cai uma árvore. Não fez barulho algum por causa da areia.

## Capítulo XXVII

E agora, claro, já faz seis anos... Eu jamais havia contado esta história. Os camaradas que me encontraram ficaram felizes ao me rever vivo. Eu estava triste, mas lhes dizia: “É a fadiga...”

Agora estou um pouco mais conformado.

Quero dizer... não de fato. Mas sei que ele voltou ao seu planeta, pois, ao amanhecer do dia, já não via mais seu corpo. Não era um corpo de fato pesado... E adoro à noite, escutar as

j'aime la nuit écouter les étoiles. C'est comme cinq cents millions de grelots...

Mais voilà qu'il se passe quelque chose d'extraordinaire. La muselière que j'ai dessinée pour le petit prince, j'ai oublié d'y ajouter la courroie de cuir ! Il n'aura jamais pu l'attacher au mouton. Alors je me demande : « Que s'est-il passé sur sa planète ? Peut-être bien que le mouton a mangé la fleur... »

Tantôt je me dis : « Sûrement non ! Le petit prince enferme sa fleur toutes les nuits sous son globe de verre, et il surveille bien son mouton... »

Alors je suis heureux. Et toutes les étoiles rient doucement.

Tantôt je me dis : « On est distrait une fois ou l'autre, et ça suffit ! Il a oublié, un soir, le globe de verre, ou bien le mouton est sorti sans bruit pendant la nuit... » Alors les grelots se changent tous en larmes !... C'est là un bien grand mystère. Pour vous qui aimez aussi le petit prince, comme pour moi, rien de l'univers n'est semblable si quelque part, on ne sait où, un mouton que nous ne connaissons pas a, oui ou non, mangé une rose...

Regardez le ciel. Demandez-vous : Le mouton oui ou non a-t-il mangé la fleur ? Et vous verrez comme tout change...

estrelas. É como ouvir quinhentos milhões de guizos...

Mas eis que ocorre uma coisa extraordinária. À flocinheira que desenhei para o príncipezinho, esqueci de acrescentar a correia de couro! Ele jamais poderá prendê-la ao carneiro. Então me pergunto : “O que aconteceu ao seu planeta? Pode ser que o carneiro tenha comido a flor...”

Às vezes digo a mim mesmo: “Certamente, não! O pequeno príncipe guarda sua flor todas as noites na redoma e vigia atentamente o carneiro.”

E então fico feliz. E todas as estrelas riem docemente.

Outras vezes digo a mim mesmo: “A gente se distrai uma vez ou outra, e é o bastante! Ele se esqueceu, alguma noite, a redoma ou o carneiro escapou de mansinho durante a noite...” Então os guizos se transformam em lágrimas! ...

Eis um grande mistério. Tanto para vocês que amam também o príncipezinho, quanto para mim, nada no universo não é semelhante se em alguma parte, não se sabe onde, um carneiro que

Olhem para o céu. Perguntem a si mesmos: “O carneiro comeu ou não comeu a flor?” E verão como tudo muda...

Et aucune grande personne ne comprendra jamais que ça a tellement d'importance!

Ça c'est, pour moi, le plus beau et le plus triste paysage du monde. C'est le même paysage que celui de la page précédente, mais je l'ai dessiné une fois encore pour bien vous le montrer. C'est ici que le petit prince a apparu sur terre, puis disparu.

Regardez attentivement ce paysage afin d'être sûrs de le reconnaître, si vous voyagez un jour en Afrique, dans le désert. Et, s'il vous arrive de passer par là, je vous en supplie, ne vous pressez pas, attendez un peu juste sous l'étoile ! Si alors un enfant vient à vous, s'il rit, s'il a des cheveux d'or, s'il ne répond pas quand on l'interroge, vous devinerez bien qui il est. Alors soyez gentils ! Ne me laissez pas tellement triste : écrivez-moi vite qu'il est revenu...

E nenhum adulto jamais compreenderá como isso tenha tanta importância!

Esta é, para mim, a mais bela e a mais triste paisagem do mundo. É a mesma paisagem da página anterior, mas eu a desenhei de novo para mostrá-la bem. É aqui que o príncipezinho apareceu na Terra, e então desapareceu.

Olhem atentamente esta paisagem a fim de terem certeza de reconhecê-la no deserto, se um dia viajarem à África. E, se vocês chegarem a passar por lá, suplico-lhes, que não se apressem, que aguardem por um momento debaixo da estrela! Se então uma criança lhes abordar, se ele rir, se ele tiver cabelos dourados, se ele não responder quando lhe perguntar, vocês adivinharam bem quem é. Então, sejam gentis! Não me deixem triste: escrevam-me logo dizendo que ele voltou...

#### 4. COMENTÁRIOS À TRADUÇÃO DE “LE PETIT PRINCE”

Quantos devem ser os tradutores que já almejavam dividir com seus leitores, ao final de um longo trabalho de tradução literária, suas angústias, seus desafios superados e as indagações que não se cessaram com a conclusão do trabalho! Muitas vezes os profissionais, por razões do mercado, ficam trabalhando numa base tão automática, devido à grande quantidade de trabalho, que muitas vezes não conseguem ter essa oportunidade. Tanto para os leitores quanto para os colegas de profissão seria bastante profícuo conhecer a fundo os percalços pelos quais estes trabalhadores da palavra passam. Felizmente encontramos vários exemplos, principalmente com o uso da internet, de profissionais que dividem sua experiência tanto com o grande público quanto com os colegas de profissão, como a página “A Grenha”, de Ivone Benedetti, competente tradutora, que inclusive também fez a tradução de *Le Petit Prince*, na qual também expôs seus desafios com a obra *exuperiana*. Nas redes sociais, temos várias páginas como a página “Tradutor Profissional”, “Texto e Contexto”, entre outras.

A natureza deste trabalho nos permite fazer uma tradução e tecer os comentários sobre as entrelinhas do trabalho. Ao longo da pesquisa, tivemos tempo hábil – que muitas vezes extrapola os prazos que os profissionais recebem de seus editores – de analisarmos a fundo os problemas e apontarmos nossas sugestões.

Neste capítulo iniciamos falando sobre o texto-fonte, sobre o motivo pelo qual escolhemos uma edição francesa de 2015 e tudo que esta escolha implicou. Sabemos que desde as edições norte-americana de 1943 e a francesa de 1946 já podíamos encontrar diferenças tanto no texto em francês quanto nas ilustrações, as quais detalhamos aqui.

Em seguida, discutimos o título, pois neste trabalho, ao passo que, se nos propomos a fazer uma nova tradução a fim de lançar luz ao que foi feito antes, por que não traduzimos “*Le Petit Prince*” como “*O Príncipezinho*” tal como feito em Portugal? Sabemos que provavelmente no mundo editorial um título destes não seria bem aceito, talvez até pelo público também, por diferir da primeira tradução de Dom Marcos Barbosa, de 1952, que foi replicada até 2015, quando da queda do direito autoral, como falamos anteriormente. Contudo, apresentamos nossos argumentos para justificar tal escolha para esta tradução.

Posteriormente, nos remetemos à domesticação e estrangeirização e apresentamos nossas escolhas neste trabalho, em razão de algumas traduções terem domesticado termos na obra para o público brasileiro, como a tradução de *francs*, antiga moeda francesa, por “reais”, moeda atual brasileira, entre outros exemplos. Apresentamos o que estas diferenças podem acarretar e justificamos nossa escolha.

Já no item 3.3, discutimos a tradução do pronome pessoal da língua francesa *tu* e suas implicações no português brasileiro, já que quando traduzido por *tu* em nosso idioma, ele traz um aspecto mais regional do que informal, tal como ocorre na língua de Molière.

No item 3.4 dedicamos nosso estudo à tradução da oposição *mouton/bélier*, que ao longo das traduções até hoje levou-nos a uma variedade de usos, o que nos desafiou também ainda mais a procurar uma solução não correta, mas aceitável e condizente com o texto. Ambos os vocábulos levam-nos a um carneiro, porém a diferenciação é muito particular. Por isso, apresentamos neste item as alternativas tivemos, o que já foi escrito antes e, por conseguinte, nossa escolha.

No último item deste capítulo, dedicamo-nos a mostrar o que de fato quer dizer o termo “*apprivoiser*”, que traz um duplo significado tanto em francês quando em português, apesar de isso não se repetir em outras línguas, levando muitas vezes o tradutor a optar por uma opção diferente ao comparar o termo do francês com outros idiomas.

#### **4.1 – Sobre o texto-fonte**

Aqui temos a análise do texto do ponto de vista do leitor e como ele o processa, porém ainda é a obra como um todo, não estamos detalhando particularidades lexicais e sintáticas, as quais serão tratadas no próximo item.

Atualmente, quando não está numa estante específica que coroa as várias traduções disponíveis no mercado brasileiro, inclusive trazendo outras em italiano, inglês, espanhol e inclusive a obra em francês, podemos encontrar a obra *Le Petit Prince* na seção de livros infantojuvenis em grande parte das livrarias do país, apesar de as traduções publicadas no Brasil divergirem-se quanto à catalogação. Conforme explicitamos nas tabelas do item 2.2. deste trabalho, parte delas é catalogada como fábula ou ficção francesa, outra é como literatura infantil ou infantojuvenil.

Para traduzir a obra, consideramos o texto como infantojuvenil, o que nos leva a usar uma linguagem mais adequada, como por exemplo, o uso de diminutivo, o qual sugerimos logo do título – como poderá ser visto a seguir. A tradução de Dom Marcos Barbosa desde 1952 sofreu várias revisões e correções, tendo o mesmo ocorrido com as edições francesas e americanas. Conforme Alban Cerisier (2013, p.28), *O Pequeno Príncipe* teve sua primeira publicação em 6 de abril de 1943, em Nova York, pela editora Reynal & Hitchcock, tanto em inglês quanto em francês. Na França, a publicação ocorreu em 1946, pela Gallimard, cuja

tiragem contou com 12.750 exemplares, edição a qual teve algumas falhas, tal como nos mostra Cerisier (2013, p.30):

<b>Edição norte-americana de 1943</b>	<b>Edição francesa de 1946</b>
Avec dessins par l'auteur	Avec les dessins de l'auteur
p.1: Mon dessin numéro 1	mon premier dessin
p.16: l'astéroïde 325	l'astéroïde 3251
p.35: à ce que sa autorité	à ce que son autorité
p.53 faire	farie

As falhas vieram a ser corrigidas na segunda edição, apesar de que o erro do número do asteroide ter sido corrigido na edição francesa em 1999. Na tradução mais antiga de Dom Marcos Barbosa (20ª edição, de 1979) à qual tivemos acesso, este erro tipográfico também está presente (capítulo IV, p. 19). Em edições mais recentes (48ª edição, de 2006 e 53ª edição, de 2015) esta gralha não aparece, bem como em traduções em língua inglesa de Katherine Woods (2009) e Richard Howard (2000). Entretanto, na leva de traduções brasileiras a partir da suspensão do direito autoral em 2015, encontramos este erro de grafia do asteroide nas traduções de: Rodrigo Tadeu Gonçalves (2015, p.18), Carlos Nougé (2016, p.18), Ari Roitman (2015, p.18) e na de André Telles e Rodrigo Lacerda (2015, p.24).

Outro fato curioso é a introdução de um erro a partir da década de 1950, no que se refere ao número de pores do sol avistados pelo príncipezinho, sendo 44 na edição original e 43 a partir de 1950, quantidade esta fruto de hesitação até do próprio Saint-Exupéry (CERISIER, 2013, p.28). Tal fenômeno é reproduzido na tradução de Dom Marcos Barbosa (20ª edição, de 1979 e 48ª edição, de 2006) vindo a ser corrigido para 44 vezes em sua 53ª edição, de 2015, mesmo número da edição francesa publicada pela Gallimard, de 2007. Nas traduções brasileiras, os 43 pores do sol aparecem somente nas traduções de Ari Roitman (2015, p.26) e de Carlos Nougé (2016, p.27).

## 4.2 – Sobre o título

Desde a primeira tradução de *Le Petit Prince* para o português brasileiro em 1952, assumiu-se a forma *O Pequeno Príncipe* em todas as edições publicadas às quais tivemos acesso durante esta pesquisa. Tal transposição também inclui os filmes, brinquedos, cadernos e demais produtos originados do personagem. Tal insígnia já encontra-se tão eternizada em nosso mercado que se constitui praticamente um desafio ir contra a onda e sugerir que sigamos o modelo português, onde o título foi traduzido por *O Príncipezinho*<sup>12</sup>, alcunha pela qual é conhecido naquelas terras até hoje. No português brasileiro a formação do diminutivo pode ser feita tanto do modo sintético, na qual acrescentamos ao final do substantivo um sufixo derivacional que transmitirá aquela característica, quanto analítico, quando empregamos uma palavra, ou adjetivo atributo – tal como *pequeno* – junto ao substantivo, da mesma forma utilizada no título *Pequeno Príncipe*.

Em um estudo quantitativo sobre os diminutivos no português brasileiro e no europeu, Dębowskiak (2014) analisou e comparou a incidência da forma diminutiva ao longo de alguns textos, entre eles duas traduções de *Le Petit Prince*, para a língua portuguesa nas variantes anteriormente citadas. Sua conclusão foi que ao longo de *Le Petit Prince* no português europeu há 25% mais formas diminutivas sintéticas do que o mesmo texto na variante brasileira.

Restringindo-nos à tradução do título, nosso objetivo ao traduzi-lo como *O Príncipezinho* consiste em transmitir a ideia de diminutivo afetivo em virtude da sua utilização pelo aspecto de carinho, o qual palavras na forma diminutiva consegue expressar. Segundo BECHARA (2015), “a ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas: *paizinho, mãezinha, queridinha*”.

Ainda sobre o aspecto do diminutivo, citamos SKORGE (1958) apud CUNHA; CINTRA (2013):

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. (SKORGE 1958 apud CUNHA; CINTRA 2013, p.212)

<sup>12</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Príncipezinho*. Tradução de Joana Morais Varela. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

A utilização da forma diminutiva na literatura infantil e juvenil já foi realizada anteriormente, tal como podemos ver o conto de Charles Perrault, intitulado *Le Petit Chaperon Rouge*, traduzido como *Chapeuzinho Vermelho*. O mesmo não ocorreu ainda com outros do mesmo autor, como *Le Petit Poucet*”, traduzido aqui como *O Pequeno Polegar*.

Mais do que uma questão tanto de estilística quanto de escolha, ao utilizarmos a forma diminutiva traduzindo *Le Petit Prince* como o *O Príncipezinho*, vemos um enaltecimento e reforço do apelo afetivo que o personagem traz. Além disso, a utilização da forma diminutiva traz também a valoração do personagem, no que tange sua classificação em termos de idade ou tamanho físico, o que neste caso também combina com a descrição e os desenhos do Príncipezinho. A intenção aqui não é fragilizar o personagem, tampouco destituir o poder de seus questionamentos e o significado de todo seu aprendizado quando de sua viagem pelos planetas, incluindo a Terra, e sim realçar sua docilidade, sua pequenez que vem seduzindo e cativando milhões de leitores nos últimos 70 anos.

#### 4.3 – O uso do pronome pessoal *tu*

*Se tu viens, par exemple, à quatre heures de l'après-midi,  
dès trois heures je commencerai d'être heureux.  
Le Petit Prince, Chap. XXI, p. 89*

O texto-fonte é repleto de inúmeras situações quando encontramos o pronome pessoal *tu*, utilizadas tanto pelo príncipezinho quanto pelos outros personagens. Ao traduzir estes trechos para o português brasileiro podemos ser levados a vertê-los para o *tu*, nosso pronome pessoal sujeito para a segunda pessoa singular.

Os pronomes pessoais servem para designar a pessoa do discurso, sendo que são considerados pronomes pessoais retos quando funcionam como sujeito. Na língua portuguesa, temos *tu* para a segunda pessoa do singular e *vós* para a segunda pessoa do plural. Já as formas “você” “o senhor/a senhora” são consideradas formas substantivas de tratamento indireto de segunda pessoa, que levam o verbo para terceira pessoa. Daí, são chamadas de formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento (BECHARA, 2015, p.173).

Ao discutirmos quais são os pronomes pessoais sujeito no português brasileiro, teremos *tu* e *vós* como correspondentes ao *tu* e *vous* da língua francesa, conforme quadro de BRITO (2013, p.115), apesar do desuso do pronome *vós* nesta variante, ainda presente no

português ibérico. Sobre a situação do *vós*, trazemos as palavras de Evanildo Bechara (2015) em sua *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*:

*Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.  
(BECHARA, 2015, p. 173 – grifos do autor)

A questão pronominal aqui não é só pela troca de um por outro, visto que os pronomes pessoais desempenham no texto uma série de convenções e implicações, que muitas vezes podem levar a um apagamento no texto de chegada. Neste caso específico, devido à existência de uma mesma pronúncia para pessoas diferentes do verbo, faz-se necessária a utilização do pronome. Além disso, há a relação entre *tu* e *vous*, sendo o primeiro pronome mais utilizado num meio íntimo, permeado por família e amigos próximos, quando o *vous* é utilizado nas demais situações. Sobre este caso, nos apoiamos nas palavras de Paulo Rónai (2012a):

O pronome mais comum, *vous*, que pode tanto referir-se a uma como a várias pessoas, e desempenhar as funções de sujeito, objeto direto e objeto indireto, não tem equivalente exato em português, o que importa dizer que ele exige várias traduções conforme o contexto. O seu cognato *vós* só raramente pode substituí-lo; assim, na tradução de textos antigos, por exemplo do teatro do século XVII. *Você* pode apenas vertê-lo para designar pessoa da intimidade do interlocutor ou inferior a ele. Mais comumente há de ser traduzido por “o senhor” ou “a senhora”. (RONÁI, 2012, p. 97 – grifos do autor)

Desta forma, enquanto na língua francesa *tu* e *vous* são utilizados como pronomes pessoais da segunda pessoa, respectivamente, do singular e do plural, como também para definir esta relação de registro com o interlocutor ou mesmo de familiaridade, este último traço não ocorre na língua portuguesa, em sua variante brasileira com a utilização dos pronomes correspondentes *tu* e *vós*. A fim de transmitir o sentido de distanciamento, utilizamos um pronome de tratamento, como *o senhor*, *a senhora*. Outro pronome de tratamento, *você*, consegue permitir uma informalidade que não é transmitida pelo pronome pessoal *vous*, e sim pelo pronome pessoal *tu*.

Além disso, traduzir *tu* da língua francesa neste texto por *tu* implicaria em dar à tradução um tom regionalista, embora soe de certa forma poético. Sobre o uso de *tu* e *você* no português brasileiro, citamos as palavras de Cunha; Cintra (2013):

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para

igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. (CUNHA ; CINTRA, 2013, p. 306 – grifos do autor)

Ainda segundo Cunha e Cintra (2013), o uso de *o senhor, a senhora*, como forma de respeito ou de cortesia, se opõe ao uso de *você* na maior parte do Brasil. Esta reflexão nos leva a considerar para a tradução de *Le Petit Prince* a utilização do pronome de tratamento *você* como sujeito para os trechos escritos nos quais há a utilização tanto do pronome pessoal *tu* quanto as formas verbais regidas por ele; para os casos do pronome *vous* e suas formas verbais, utilizaremos o pronome de tratamento *o senhor*, bem como sua regência verbal, a fim de conseguir transmitir ao leitor estas características de formalidade e distanciamento que *tu* e *vous* transmitem no texto em francês. Este recurso foi utilizado por grande parte das traduções realizadas a partir de 2015, apesar de mesmo com o lançamento de uma 53ª edição da tradução de Dom Marcos Barbosa pela HarperCollins Brasil, a utilização de *tu* ter sido mantida.

Em *Le Petit Prince*, fazem-se presentes no texto também trechos quando há a mistura de formas e níveis de tratamento. Logo no início, quando o príncipezinho pede ao aviador que lhe faça um desenho, ele mistura a linguagem formal e a informal: “*S’il vous plaît... dessine-moi un mouton !*”. A forma “*s’il vous plaît*” é utilizada como um pedido de favor de maneira formal, dado o uso de *vous*. Já a flexão verbal “*dessine*” segue a conjugação para o pronome pessoal *tu*. O que isso quer dizer é que o príncipezinho chama a atenção de seu interlocutor de maneira formal, porém faz seu pedido de modo informal.

Em vários trechos do livro, a medida em que o príncipezinho vai viajando e interagindo com os personagens que encontra pelo caminho, vemos essa variação, como por exemplo em seu diálogo com o rei, no capítulo X ou o geógrafo no capítulo XV, com quem utiliza as formas verbais para *vous*, sendo replicado por eles com as formas verbais em *tu*. Sabemos que esta característica vai muito além dos aspectos pronominais, visto que, como o mote do livro é a relação entre criança e adulto, sendo o pequeno príncipe uma criança bem-educada, utilizaria esta forma de polimento com seus interlocutores.

Já com o aviador, passado o primeiro pedido para que um carneiro fosse desenhado, o tratamento segue como a forma verbal *tu*, por exemplo, no capítulo III, quando o príncipezinho interroga-o com surpresa sobre o fato de ele ter caído do céu: “*Comment ! tu es tombé du ciel !*”.

Em outros trechos, quando, por exemplo, conversa com o rei no capítulo X, enquanto este utiliza as formas verbais para seu interlocutor como *tu*, o príncipezinho sempre responde, com bastante cerimônia, como *vous*.

#### 4.4 Sobre carneiros, ovelhas e bodes

Logo no capítulo II da obra, eis que o Príncipezinho traz ao tradutor mais um desafio: ele pede ao Aviador que lhe desenhe um *mouton*, pedido prontamente atendido. Ao finalizar seu desenho, o Aviador o mostra ao homenzinho, que o recusa, dizendo, dizendo tratar-se de um *bélier* e não um *mouton*, em razão de o mesmo ter chifres: *Tu vois bien... ce n'est pas un mouton, c'est un bélier. Il a des cornes...* (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.15). A grande parte dos dicionários bilíngues francês-português/português-francês traz diretamente a acepção de ambos os termos como *carneiro*, ou ainda *bélier* como *carneiro reprodutor* (RÓNAI, 2012b, grifos nossos).

A tarefa do tradutor nesta parte é depreender do contexto os diferentes semas<sup>13</sup> do termo *carneiro*. O próprio contexto e esse entendimento das palavras do personagem denotam que o desenho não é necessariamente o que ele deseja, bastando agora definir como será realizada a oposição destes dois termos na língua portuguesa.

O termo *bélier* também pode ser traduzido como áries (RÓNAI, 2012b), referindo-se à constelação, tanto em seu uso na Astronomia quanto na Astrologia, sendo que nesta última o signo é representado por um carneiro. O *Portail Lexical*<sup>14</sup> traz sobre o termo:

Bélier, substantivo masculino.

A – Zoologia ...

1. Macho não castrado da ovelha, reservado à reprodução.”  
(Portail Lexical, CNTRL – tradução nossa)

Percebemos que tanto a consagrada tradução de Dom Marcos Barbosa quanto grande parte das que surgiram a partir de 2015, às quais tivemos acesso<sup>15</sup> durante a execução deste trabalho, optaram por fazer a distinção entre os termos, utilizando *carneiro* para *mouton* e *bode* para o *bélier*. Conforme o dicionário de Paulo Rónai, *bode* em francês é traduzido por *bouc*, termo que não encontramos no texto-fonte de Saint-Exupéry. Por conta disto, não optamos por traduzir *bélier* como bode.

<sup>13</sup> Utilizamos semas tal como na definição de MACEDO (2012) sobre a pesquisa de traços semânticos distintivos, sendo que um traço é denominado como *sema* e a soma de semas, o *semema*.

<sup>14</sup> « Bélier. Subst.. masc. A-Zoologie

1. Mâle non châtré de la brebis, réservé pour la reproduction. » Disponível em <http://www.cnrtl.fr/definition/belierytg>

<sup>15</sup> Incluímos no Anexo I as traduções às quais tivemos acesso disponíveis no mercado brasileiro.

Os tradutores Ivone Benedetti e Herculano Villas-Boas, em suas traduções de 2015, escolheram utilizar o termo *ovelha*<sup>16</sup> como tradução para *mouton*. Na prerrogativa de encontrar textos bilíngues para o cotejo do vocábulo *ovelha* como tradução de *mouton*, nos remetemos à Bíblia Sagrada, livro ainda mais traduzido que o de Saint-Exupéry, onde encontramos em João 10,14:

Eu sou o bom Pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim  
(BÍBLIA SAGRADA, 2012)

Este versículo na Bíblia numa reprodução em língua francesa é:

Je suis le bon Berger. Je connais mes brebis, et elles me connaissent. (LA SAINTE BIBLE<sup>17</sup>)

Embora os exemplos não sejam de uma Bíblia bilíngue francês-português, bem como não temos informação se o volume em língua portuguesa foi traduzido do francês – o que achamos improvável – o objetivo, neste caso, é encontrar exemplos em outras obras de grande repercussão e atenção, a fim de que consigamos exemplos que confirmem ou rechaçassem as suposições apresentadas.

Contando com este exemplo clássico da Bíblia Sagrada, bem como as definições dos próprios dicionários bilíngues, optamos por não utilizar o termo *ovelha* para *mouton*. Ao nosso ver, no texto-fonte não há uma oposição do masculino com o feminino (carneiro x ovelha), e sim uma oposição do infantil e do adulto. Além disso, trocar o gênero de um personagem implicaria em desfazer o palco que Saint-Exupéry construiu. Excetuando-pela rosa, todos os personagens no texto-fonte são masculinos (l'aviateur, le petit prince, le renard, le serpent) embora não consigamos o mesmo efeito na língua portuguesa sem causar um estranhamento, como “o raposo” ou “o píton”, para *le renard* e *le serpent*.

Utilizando o mesmo método citado anteriormente, encontramos também na Bíblia o uso de carneiro na tradução brasileira, tal como se lê em Gênesis, 15:9:

E disse-lhe: Toma-me uma bezerra de três anos, e uma cabra de três anos, e um carneiro de três anos, uma rola e um pombinho. (BÍBLIA SAGRADA, 2015)

Na Bíblia Francesa, o termo utilizado para carneiro é *bélier*, tal como podemos ver:

---

<sup>16</sup> Segundo o Dicionário Francês-Português, Português-Francês de Paulo Rónai, 2012b, o termo *ovelha* corresponde à palavra em língua francesa *brebis*.

<sup>17</sup> Utilizamos a versão online da Bíblia em francês, por não termos tido acesso a alguma versão impressa até o final da pesquisa. Disponível em <http://sainte bible.com/john/10-14.htm> Acessado em 10/01/2017.

Et l'Éternel lui dit: Prends une génisse de trois ans, une chèvre de trois ans, un bélier de trois ans, une tourterelle et une jeune colombe. (LA SAINTE BIBLE<sup>18</sup>)

Aprofundando na pesquisa lexical, utilizamos novamente a página da internet do *Centre National des Ressources Textuelles et Lexicales*, tal como no caso das acepções da palavra *apprivoiser*, onde obtemos uma anotação particular sobre o termo *mouton*<sup>19</sup>:

Macho castrado criado por sua carne em oposição ao carneiro reprodutor. (Portail Lexical, CNRTL, tradução nossa)

Por conseguinte, baseando-nos tanto nas referências lexicais dos dicionários e portais apresentados, bem como no uso dos termos em textos consagrados, concluímos que *mouton* designa *carneiros* no geral, sem distinção de sexo, sendo *bélier* o termo específico para o macho da espécie e *brebis*, o termo para o feminino, no caso ovelha. O filhote de *bélier* e *brebis* se chama *agneau*, que é traduzido como cordeiro.

Inclusive, tal como pode ser verificado na página do CNRTL, o próprio exemplo do livro de Exupéry é citado para mostrar esta diferença entre o carneiro destinado ao abate e o outro à como reprodutor. Desta forma, um carneiro reprodutor pareceria bem mais velho, não sendo este o tipo que o Pequeno Príncipe procura – ele inclusive recusa um deles, dizendo que o carneiro já está velho e que precisa de um que viva por muito tempo. Remmers Arend (falta data), em sua obra *Images et Symboles Bibliques*, define o *bélier* como um carneiro macho adulto e uma imagem de força<sup>20</sup>

Fazendo esta comparação e a necessidade do Príncipezinho, vemos que ele precisa de um carneiro mais jovem, para cuidar de sua rosa, que por da idade, irá viver muito tempo. Além desta necessidade, há o reforço da ideia inicial de Saint-Exupéry, exaltado inclusive na própria dedicatória a Léon Werth, em fazer esta oposição entre adulto e criança. Em seu posfácio sobre a obra, a tradutora Mônica Cristina Correia ressalta também este ponto, dizendo:

Em algumas versões em português procurou-se resolver o problema da imagem com a comparação do desenho ao de um bode em vez de um carneiro. Essa opção, que dá

<sup>18</sup> Utilizamos a versão online da Bíblia em francês, por não termos tido acesso a alguma versão impressa até o final da pesquisa. Disponível em <http://sainte bible.com/genesis/15-9.htm> Acessado em 10/01/2017.

<sup>19</sup> « *En partic*. Mâle châtre élevé pour sa chair par opposition au bélier reproducteur. » Disponível em <http://www.cnrtl.fr/definition/mouton>

<sup>20</sup> « Le bélier est un mouton mâle adulte et une image de la force. » Éditions Bibles et Littérature Chrétienne, La Foge C, 1816, Chailly-Montreux, Suisse.

conta da comparação e da imagem que o desenho representa, provocou, por outro lado, alguns apagamentos. Primeiro, fez desaparecer a oposição fundamental criança/adulto, discussão evocada na abertura da obra, uma vez que a dedicatória se faz para uma criança que já se tornou uma pessoa adulta. (CORRÊA, 2015 apud SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.171)

Desta forma, ao utilizar outros animais, há esse apagamento, tal como citado anteriormente, que faz a rica oposição se perder. Então, para este trabalho, a fim de provocar no leitor esta diferença entre um e outro, optamos por utilizar *carneiro* para *mouton* e *carneiro adulto* para *bélier*.

Chegamos a esta conclusão por conta da hermenêutica da tradução em razão de buscarmos dentro de nossa compreensão do texto esta oposição de *mouton/bélier*, ou seja, este significado da oposição criança/adulto que não fica explícita somente pela interposição dos termos.

#### 4.5 O que quer dizer “apprivoiser”?

Ainda com as novas traduções de “*Le Petit Prince*” a partir de 2015, quando os direitos autorais cessaram no Brasil e em vários outros países, tal como relatamos no capítulo Introdução deste trabalho, várias discussões sobre aspectos bem específicos da obra foram trazidas a público, por meio de textos publicados em blogues da internet e outras publicações. Um exemplo delas é a revista Pernambuco, suplemento cultural publicado pelo Estado homônimo, na qual, Denise Bottmann, apresenta em um artigo (*Traduzindo o Pequeno Príncipe*, publicado na Revista Pernambuco, em abril de 2015) seus desafios e experiências na tradução desta obra de Exupéry.

Com esse levante de vários novos tradutores lançados a desvencilharem-se pelas tramas criadas por Exupéry e canonizadas no Brasil pela tradução em língua portuguesa do monge beneditino Dom Marcos Barbosa, que chegou às livrarias pela primeira vez em 1952, bem como com a discussão nos mesmos meios eletrônicos citados anteriormente, muitas discussões também no campo lexical são reavivadas, como é o exemplo do vocábulo “apprivoiser”.

No capítulo XXI, no diálogo com a raposa, ao convidá-la para brincar consigo, o Príncipezinho é surpreendido com a seguinte resposta: *Je ne puis pas jouer avec toi, dit le renard. Je ne suis pas apprivoisé.* (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 84)

Em outras palavras, a raposa diz que não poderá brincar com o Pequeno Príncipe pois ainda não foi “*apprivoisé*”. Nas traduções existentes até o momento da conclusão e apresentação deste trabalho, excetuando a tradução de Denise Bottmann (2015, editora Novo Século), todas as outras apontaram para “cativada”, ou seja, a raposa não pode brincar com ele por ainda não ter sido cativada.

Para este trabalho, conforme explicitado anteriormente, quanto ao seu objetivo em descrever o processo de uma nova tradução de “Le Petit Prince” e não realizar a crítica das traduções existentes, em qualquer idioma, vamos ater-nos à explicitar nossa escolha para o vocábulo, que em nossa tradução seguirá as anteriores, como “cativada”.

O verbo “*apprivoiser*”, na língua francesa, traz o primeiro o sentido de “domesticar, amansar”, como podemos ver adiante. O dicionário Le Robert, em sua versão de 2015, elucida:

*apprivoiser* v. tr. 1- Rendre moins craintif ou moins dangereux (um animal). au p. p. *Ours apprivoisé*. 2 – Rendre (qqn) plus sociable. S’*apprivoiser* – v. pron. 1 – Devenir moins sauvage (animaux), plus sociable (personnes). 2 – fig. littér. S’*apprivoiser* à – s’accoutumer, se faire à. (Dictionnaire Le Robert de Poche, 2015)

Desta forma, o verbo “*apprivoiser*” é utilizado tanto no sentido de tornar-se menos selvagem, para um animal, ou mais sociável. Como verbo pronominal, o uso é o mesmo. Como figura literária, tem o mesmo sentido de se acostumar, sendo que definição semelhante é encontrada no Dicionário Michaelis Português – Francês<sup>21</sup>.

Por outro lado, a versão *online* disponível do dicionário monolíngue Larousse complementa dando também o sentido de “seduzir” como uma explicação para o vocábulo, demonstrando também docilidade, afabilidade:

Rendre quelqu'un plus sociable, plus doux, plus affable, le séduire : *Apprivoiser* un enfant. (Dictionnaire de français Larousse)

Por conta provavelmente de sua brevidade ou pelo formato menor, tal explanação não aparece no Dicionário Bilíngue Larousse – Português/Francês, versão impressa<sup>22</sup>.

As explicações sobre o vocábulo “*apprivoiser*” dos dicionários citados acima também é encontrada e muito mais completa – com vários exemplos, inclusive – na página da internet

<sup>21</sup> vt 1 domesticar, amansar, domar. vpr 2 tornar-se menos selvagem (animais), tornar-se mais sociável (pessoas). AVOLIO, Jelssa Ciardi e FAURY, Mára Lucia. Dicionário Escolar Francês-Português e Português-Francês. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

<sup>22</sup> Dicionário Larousse Português-Francês e Francês-Português. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008. 2.ed. Versão mini.

do CNRTL<sup>23</sup> (*Centre National des Ressources Textuelles et Lexicales, na sigla em francês*), que se trata de um centro *online* a fim de reunir o máximo possível de ferramentas informatizadas de consulta para estudos da língua francesa, tanto para o nível de usuários, estudantes, quanto para pesquisadores no geral.

Na página do CNRTL, ao consultarmos o vocábulo “*apprivoiser*” no Portal Lexical (*Portail lexical, no acesso disponível na língua francesa*), podemos depreender várias situações bem semelhantes às anteriores citadas aqui. Inclusive, é importante ressaltar que há um exemplo cunhado de um texto do próprio Antoine de Saint-Exupéry para o uso do verbo “*apprivoiser*”. Numa das definições no sentido de “*séduire*” (seduzir), vemos o seguinte trecho<sup>24</sup>:

Elle ne pense pas toujours à l'amour : elle n'a pas le temps! Elle se souvient des premiers jours de ses fiançailles. Elle sourit : Herlin découvre soudain qu'il est amoureux (sans doute l'avait-il oublié?). Il veut lui parler, l'**apprivoiser**, la *conquérir*. (Saint-Exupéry, *Courrier Sud*, 1928, p. 23)

A obra à qual o trecho faz referência é *Courrier Sud*, ou *Correio do Sul*, na tradução para a língua portuguesa, na qual é mostrado o desejo do personagem Herlin em falar, seduzir, conquistar alguém do sexo feminino, referente à construção do período como “*Elle*”, *ela*, na língua portuguesa. No caso, tratar-se da personagem Geneviève.

Seguindo o próprio diálogo entre a raposa e o príncipezinho, ele mesmo não sabe o que quer dizer “*apprivoiser*”, quando ela lhe ensina, dizendo que quer dizer “criar laços”, ou “*créer des liens*”. Pelo que podemos depreender deste trecho e de todo o diálogo dos dois, Exupéry foi mestre em realizar um jogo metonímico usando a palavra “*apprivoiser*” nos dois sentidos, tanto de “domesticar” quanto de “seduzir”, numa acepção a conquistar, ou cativar, como escolhido pela maioria dos tradutores.

Na acepção de domesticar, há a figura da raposa, de fato um fêneco, um tipo de raposa encontrada no deserto, que vive solta, livre, sem quaisquer amarras. Na obra *Terra dos Homens*, este tipo específico de raposa também aparece. Aqui retornando à questão presente nos livros infanto-juvenis da relação texto e imagem, há a própria aquarela do autor na página 67 da versão francesa que utilizamos para tradução, que mostra esta raposa as orelhas bem pontudas, representando muito bem o fêneco.

Sendo assim, esta raposa selvagem, que em muitas culturas tem conotação negativa, teria que ser primeiro domesticada para então brincar com ele. A raposa não é como os cães,

<sup>23</sup> O endereço da página eletrônica do CNRTL na internet é [www.cnrtl.fr](http://www.cnrtl.fr).

<sup>24</sup> Texto completo disponível em francês no site <http://www.cnrtl.fr/definition/apprivoiser>

gatos, tartarugas e demais animais domésticos (ou domesticados). Ela é livre, vive na liberdade do deserto e na marginalidade da sociedade, como ao longo da história. Na Idade Média, a raposa simbolizava o mal, o demônio, os hereges. Já no Oriente ainda é identificada com os poderes do mal. Inclusive na Bíblia, Cristo chamou o rei Herodes de raposa por matar e beber o sangue do seu povo.

Desta forma, para domesticar a raposa, tornando-a sociável, seria necessário prendê-la, para que não fugisse. Sua natureza e instinto selvagens fariam com que ela quisesse escapar às amarras. O dono do animal seria responsável por cuidá-la, não a deixando passar nem sede nem fome. Além disso, com o passar do tempo, os dois, animal e seu dono, desenvolveriam uma relação afetiva de cuidado, de proteção. Por estar em cativeiro, a raposa dependeria do dono para sobreviver e não da própria sorte, como aconteceria vivendo no deserto à mercê do seu próprio destino.

Neste ponto, vemos que para a língua portuguesa, a tradução do termo “*apprivoiser*” como “cativar”, carrega este duplo sentido de “domesticar” e “seduzir”. Constança Metello de Seixas, em seu posfácio à tradução ao ensaio de José Gill sobre *O Principezinho*, reforça essa relação:

Os dois termos, o francês e o português, contêm o duplo sentido de “domesticar” e “seduzir”, com a diferença, talvez, que em português se acentua o sentido da captura por sedução e, em francês, o da captura por domesticação. (SEIXAS apud GILL, 2003, p.162)

Desta forma, ao traduzirmos o “*apprivoiser*” como “cativar”, suprimos o sentido primário de “domesticar”, ou seja, a raposa tem que ser trazida ao convívio, à proximidade do principezinho – lembrando que neste ponto os dois são completamente estranhos um ao outro, mal se conhecem ainda. Um animal doméstico é um animal manso ou treinado/adestrado, que convive em nosso ambiente doméstico, em nossa casa. Uma raposa selvagem não combina com um ambiente destes. Ao estar cativada, ou seja, em cativeiro, a raposa será cuidada e protegida por ele.

Por outro lado, o sentido de “cativar” como “seduzir”, ou ainda seus sinônimos “atrair”, “encantar”, levam-nos à reserva da raposa em não brincar com ele pois ainda não foi atraída, não foi conquistada pelo principezinho. A raposa ainda não desenvolveu quaisquer laços afetivos com ele.

Cabe aqui ressaltar que em sua própria fala a raposa responde que “*apprivoiser*” é “criar laços”, que levam novamente à uma construção metonímica. Estes laços podem ser tanto

rédeas ou coleiras utilizadas para domesticar um animal, quanto os laços afetivos que ligam-nos às pessoas queridas.

A alternativa para as traduções em língua inglesa foi o termo “*tame*”. Entretanto, ao verificar-se a maioria dos dicionários, aquele sentido de seduzir, cativar, é perdido, dando lugar ao amansar, domar. Inclusive, Marilyn S. Severson, na obra *Masterpieces of French Literature*<sup>25</sup>, mostra essa incompletude de sentido na tradução do termo:

Ela (a linguagem) se move muito bem do Francês para o Inglês sem perder seu charme – *apprivoiser* é explicado em francês pela raposa, então a nuance essencial não é perdida, embora a palavra equivalente em Inglês – *tame* – não carregue consigo este significado de estabelecer laços entre pessoas. (SEVERSON, 2004, p.168 - tradução nossa / grifos da autora)

#### 4.6 Comentários da tradução por capítulo

Salientamos aqui que o resultado tanto da análise da sonoridade do texto de partida dependerá da vivência do tradutor com aquele idioma em sua modalidade oral. Um nativo do idioma do texto de partida pode ter condições superiores de análise e apreensão dos sons. Por isso, neste trabalho, nosso primeiro desafio foi procurar compreender, através da leitura em voz alta, por diversas vezes, do texto de partida, o maior número possível de sons similares ou mesmo a similaridade de frases e outras construções, que foram grifados e mostrados nos quadros anteriores. Após esta constatação dos sons, partimos para a busca de um reflexo deles no texto de chegada, através de um uso direto, como por exemplo, um verbo por um verbo, um advérbio por outro advérbio, ou ainda por palavras de classificações diferentes, porém que numa mesma frase/parágrafo, em proximidade com outro termo que carregasse o mesmo som. A tentativa foi a de trazer ao público um novo olhar, além das questões de tradução de palavras, à obra de Saint-Exupéry, mostrando a sonoridade de sua prosa.

Por isso, em razão de nossa tradução não ter sido feita por um nativo de língua francesa, ressaltamos que alguns sons podem ter passado por despercebido ou mesmo terem sido elencados equivocadamente durante nosso processo de tradução, estando passíveis de eventuais correções.

---

<sup>25</sup> “It moves quite well from French to English without losing its charm – *apprivoiser* is explained in French by the fox so the essential nuance is not lost although the English equivalent, *tame*, does not carry this meaning of establishing ties between persons.”

Antes de passarmos aos destaques dos capítulos, falamos da capa do livro, sendo que, mesmo que isto vá em desconformidade com todas as traduções publicadas no Brasil conforme nossa lista, optamos por chamar o personagem de “O Príncipezinho”, conforme explicitamos no item sobre a tradução do título. Para a expressão “avec les aquarelles de l’auteur”, enfatizamos a autoria das ilustrações e não a técnica, traduzindo o termo por “ilustrado pelo autor”.

A obra de Saint-Exupéry inicia-se com a famosa dedicatória do autor ao amigo Léon Werth, que à época encontrava-se na França. Em nossa tradução livre, o objetivo foi o de deixar a linguagem mais coloquial, sem depreciá-la, por isso o uso do “para” ao invés de “à” como utilizado por Dom Marcos Barbosa. Na dedicatória, ao dedicar desculpar-se por dedicar o livro a uma pessoa adulta (*grande personne*), traduzimos como pessoa adulta. Barbosa traduziu como “pessoa grande” nas três edições que consultamos, sendo a 20ª edição, de 1979, e as edições posteriores ao seu falecimento em 1997, nas quais encontramos revisões: a 48ª edição, de 2006, 53ª edição de 2015, às quais vamos nos referir a partir deste ponto somente pelo ano. Nossa escolha foi em virtude de o termo *pessoa grande* hoje em dia poder ter outro tipo de conotação, mais ligada ao tamanho físico da pessoa e não no sentido direto de adulto. Esta menção se repete ao longo da dedicatória e em outros trechos do texto.

Um pouco mais adiante, vemos que de 1979 a 2006, o termo “uma desculpa séria” (1979) como tradução de “une excuse sérieuse” foi atualizado para “um bom motivo” (2006 e 2015), sendo “uma boa desculpa” em nossa tradução. Ao falar do amigo (Léon Werth) que é o adulto que mora na França e que está passando por necessidades, preferimos traduzir o trecho “cette grande personne habite la France où elle a faim et froid” como “esse adulto mora na França, onde está passando fome e frio” ao invés de “essa pessoa grande mora na França, e ela tem fome e frio”. Mesmo que o uso do verbo ter em francês (*avoir*) esteja relacionado ao estado de fome, preferimos enfatizar o presente, ou seja, a situação pela qual o amigo do autor enfrenta.

No trecho a seguir, demonstramos o que pôde ser alcançado na tentativa de reproduzir pelo menos um pouco da sonoridade da prosa de Saint-Exupéry, cujos trechos encontram-se grifados em negrito:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p style="text-align: center;">Si toutes ces excuses ne suffisent <b>pas</b>, je veux bien dédier ce livre à l'enfant qu'a été autrefois cette grande personne.</p> <p style="text-align: center;">Toutes les grandes personnes ont d'abord été des <b>enfants</b>. (Mais peu d'entre elles s'en <b>souviennent</b>.)</p>	<p style="text-align: center;">Se nenhuma desculpa destas <b>bastar</b>, desejo então este livro <b>dedicar</b> à criança que ele já foi um dia.</p> <p style="text-align: center;">Todos os adultos crianças já <b>foram</b>, mas poucos deles se <b>recordam</b>.</p>

Apesar de parecer um detalhe mínimo, queremos demonstrar que na prosa Exuperiana podemos sentir melhor a riqueza e a musicalidade dos sons da língua francesa. Lida em voz alta, a obra em sua língua original pode despertar, mesmo que em alguns trechos não realce, devido à velocidade da pronúncia, não encontramos alguma tradução na qual houvesse essa busca pela reprodução sonora na língua-alvo.

Grande parte da literatura infantojuvenil, como explicamos antes, tem aspectos sonoros, orais e ao tentarmos desbravar este texto e dele extrair algumas matrizes sonoras, ao nosso ver, já seria interessante pelo menos para dividir com a comunidade acadêmica, mesmo que este trabalho não seja pautado na tradução de poesia.

No final da dedicatória, nossa tradução de *petit garçon* foi “menininho”, enfatizando o uso do diminutivo, como já falamos anteriormente. As traduções de Dom Marcos Barbosa trazem “pequenino” (1979) e criança (2006 e 2015).

No capítulo I, o autor menciona o livro *Histoires vécues*, sobre o qual não encontramos informações, muito menos sobre sua tradução no Brasil. O que podemos entender aqui é que a obra pode se tratar de uma criação do próprio autor. No texto-fonte em francês, o título encontra-se grafado em itálico. Desta forma, optamos por traduzi-lo, em consonância com o que já fizeram até então, por “Histórias vividas”, reproduzindo também a grafia em itálico. A floresta virgem (*forêt vierge*) à qual o autor se refere, pode também ser chamada de mata virgem, ou floresta primária ou floresta nativa, não grafada em iniciais maiúsculas, o que ocorre nas 3 edições das traduções de Dom Marcos Barbosa.

Na continuação, tentamos aproximar o som das palavras “mâcher” e “bouger” na tradução, bem como “montré” e “demandé”:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>On disait dans le livre : « Les serpents boas avalent leur proie tout entière, sans la <b>mâcher</b>. Ensuite ils ne peuvent plus <b>bouger</b> et ils dorment pendant les six mois de leur digestion. »</p> <p>J'ai <b>montré</b> mon chef-d'oeuvre aux grandes personnes et je leur ai <b>demandé</b> si mon dessin leur faisait peur.</p>	<p>No livro dizia: “As jiboias engolem sua presa por inteiro, sem <b>mastigar</b>. Em seguida, não conseguem se <b>movimentar</b> e dormem durante os seis meses de sua digestão”.</p> <p><b>Mostrei</b> minha obra-prima aos adultos e lhes <b>perguntei</b> se meu desenho lhes dava medo.</p>

No trecho seguinte, não há equivalência nos termos nos quais buscou-se reproduzir rima/sons, porém eles se encontram no mesmo trecho:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Les grandes personnes m'ont conseillé de <b>laisser de côté</b> les dessins de serpents boas ouverts ou <b>fermés</b>, et de <b>m'intéresser</b> plutôt à la géographie, à l'histoire, au calcul et à la grammaire.</p>	<p>Os adultos me aconselharam a <b>deixar</b> de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e a me <b>interessar</b> mais pela geografia, história, matemática e gramática.</p>

Nesta parte, poderíamos introduzir na tradução o verbo “estudar”, fazendo com que a tradução ficasse adaptado soasse como: “*e a me interessar mais em estudar mais geografia, história, matemática e gramática*”. Entretanto, para nós, forçar esta rima soaria praticamente uma cacofonia.

Sobre o termo “calcul”, traduzido diretamente como “cálculo”, optamos por utilizar a palavra “matemática”, dado ao fato de que no meio estudantil a nomenclatura de uma disciplina como “cálculo” no Brasil acontece mais nos cursos superiores do que no ensino fundamental. Nas traduções de Dom Marcos Barbosa, temos a utilização do termo “cálculo” (1979) e “matemática” nas de 2006 e 2015. Aqui há um fator importante que pode ocorrer quando se confronta traduções de épocas diferentes: alguns termos podem ser substituídos por uma

questão de contemporaneidade, ou ainda pelo fato de ele não refletir nos seus leitores de determinada época os valores, a imagem e o simbolismo da época. Hoje uma criança no ensino fundamental I, na faixa de 6/8 anos, talvez fizesse, num segundo momento, ligação da palavra “cálculo” à matemática, embora não a associasse como uma disciplina à maneira que são as outras citadas no texto (geografia e história, por exemplo). No nosso entendimento, em razão de a gramática já ser parte do estudo de uma língua, não achamos prudente traduzir “grammaire” como “português”, por acharmos que deturparia em muito o mais importante neste trecho. Poderia soar estranho ter Saint-Exupéry fazendo uma campanha em prol do estudo pelo português.

Ainda neste parágrafo, ao seu final, quando temos “...et c’est fatigant, pour les enfants, de toujours et toujours leur donner des explications”, optamos por buscar transmitir esta mesma ideia de repetição (expressa pela palavra *toujours*) e chegamos à tradução “... e é cansativo para as crianças ter que ficar sempre explicando e explicando...”. Entendemos que a linguagem das obras infantojuvenis abarca bem este tipo de recurso e comparando o texto-fonte com o texto de partida, consegue-se perceber esse “movimento” em ambos os textos. Na revisão do texto publicado em 2015, foram utilizadas reticências, o que, nas anteriores, isto não ocorreu.

No trecho seguinte, quando o texto-fonte traz “Ça n’a pas trop amélioré mon opinion”, nas traduções de Barbosa a tradução é “Isso não melhorou muito a minha antiga opinião”. Na nossa, não achamos conveniente adicionar a palavra “antiga”, que não aparece no texto-fonte, mesmo que ela venha a reforçar a ideia sobre como o personagem via (e considerava os adultos). Em termos sonoros, optamos por focar na reprodução da sonoridade pelas sílabas “vi” e “ve” na língua e texto de chegada, tal como vemos no quadro a seguir:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
J’ai ainsi eu, au cours de ma <b>vie</b> , des tas de contacts avec des tas de gens sérieux. J’ai beaucoup <b>vécu</b> chez les grandes personnes. Je les ai <b>vues</b> de très près. Ça n’a pas trop amélioré mon opinion.	Assim, <b>tive</b> , ao longo da minha <b>vida</b> , muitos contatos com muitas pessoas sérias. <b>Vivi</b> muito entre os adultos. Eu os <b>vi</b> de muito perto. Isto não melhorou muito minha opinião.

No final do capítulo I, a tradução do termo do texto-fonte “lucide” referente à pessoa/adulto varia de “lúcida” (1979) para “esclarecida” (2006 e 2015). Na nossa tradução,

mantivemos o termo “lúcido” referindo-se ao adulto. Neste mesmo parágrafo, quando o autor refere-se ao jogo de *bridge*, contrariamente às traduções de Barbosa, nossa preferência foi por elucidar o *jogo de bridge*, a fim de que o leitor-criança, talvez não familiarizado com este jogo de cartas, pudesse fazer referência a alguma outra coisa. No final do parágrafo, o termo “raisonnable” referente ao homem com quem o personagem se encontrava, diferenciou-se em nossa tradução das de Barbosa, nas quais, curiosamente, o termo cunhado foi “razoável” (1979 e 2015) e “versátil” (2006).

No capítulo II, logo nem seu início, vem do texto-fonte a expressão “le désert du Sahara”, uma explicitação que não seria comum nos livros de um público geral, dado o fato de que a maioria dos adultos reconheceria “o Saara” como o deserto, fazendo esta particularização “deserto do Saara”, ao nosso ver, desnecessária. Em livros infantojuvenis, muitas vezes faz-se necessária esta clarificação, sendo que neste caso não compromete o enredo, pelo contrário, ajudando o leitor a situar-se onde a história começará.

Neste primeiro parágrafo do capítulo II as diferenças nas traduções de Dom Marcos Barbosa são meramente estilísticas, tais como:

...sem amigo com quem pudesse realmente conversar, até o dia, cerca de seis anos atrás, em que tive uma pane no deserto do Saara. (BARBOSA, 1979)

...sem alguém com quem pudesse realmente conversar, até o dia em que uma pane obrigou-me a fazer um pouso de emergência no deserto do Saara (BARBOSA, 2006 e 2015)

...sans personne avec qui parler véritablement, jusqu'à une panne dans le désert du Sahara, il y a six ans (EXUPÉRY, 2007)

Este tipo de diferença no estilo é muito comum na comparação de vários trechos das traduções de Dom Marcos Barbosa. Além disso, aqui ele adicionou em sua tradução a palavra “amigo”. Por conta dessa estilística que pode variar de uma tradução para outra de Barbosa, a partir deste ponto, vamos mencionar somente aqueles trechos de suas traduções que de fato trouxeram algum detalhe para a reflexão no que diz respeito tanto ao texto e seu contexto, que podem, por exemplo, ao nosso ver, desviar as ideias do autor, quanto a algum recurso sonoro presente na sua tradução que possa nos auxiliar a conseguir a reprodução dos sons do texto-fonte no texto-alvo.

Ainda neste início do capítulo II, no trecho “Le premier soir je me suis donc endormi sur le sable à mille milles de toute terre habitée”, encontramos nas traduções de Barbosa a utilização da expressão “a milhas e milhas de qualquer terra habitada” nas traduções de 1979 e 2005. Já na tradução de 2015, o termo “milhas e milhas” foi substituído por “quilômetros e

quilômetros”. Cabe-nos já informar aqui que esta edição de 2015 da tradução de Dom Marcos Barbosa domesticou vários trechos, ou seja, transformou-os em vocábulos da língua de chegada. Mesmo que no Brasil a medida “quilômetro” seja mais popular do que “milhas”, pensamos que a própria estrutura do texto traz esta conotação de distância: “mil milhas de qualquer terra habitada”, na nossa tradução.

No encontro com o aviador, o príncipezinho diz “*S’il vous plaît... dessine-moi un mouton!*”. Anteriormente explicamos a diferença do uso de *tu* e *vous* na obra toda, sendo que utilizamos este trecho justamente para exemplificar nossa escolha em traduzir o *tu* por você e, nestes casos, onde o príncipezinho mostra essa “reserva” ao utilizar a forma verbal de “*s’il vous plaît*” direcionada a “*vous*”. Pela concordância, se ele no primeiro encontro tratasse seu interlocutor, ou seja, o aviador, como *tu*, o termo seria escrito “*dessinez-moi*”, forma verbal imperativa utilizada para o pronome pessoal *vous*. Não temos como afirmar quais eram as intenções de Saint-Exupéry neste uso tão peculiar da linguagem neste trecho (como em outros também), porém é um detalhe que seria irrelevante para o texto-alvo por não ficar clara essa intenção. Daí, misturamos o “por favor” com a forma imperativa “desenhe”.

Após o pedido do príncipezinho, buscamos refletir a sonoridade do trecho, cujo efeito também abarcou a palavra “*bien*” em ambos os trechos e não somente as formas verbais:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
J’ai <b>sauté</b> sur mes pieds comme si j’avais <b>été frappé</b> par la foudre. J’ai <b>bien frotté</b> mes yeux. J’ai <b>bien regardé</b> . Et j’ai vu un petit bonhomme tout à fait extraordinaire qui me considérait gravement.	<b>Levantei-me</b> num pulo como se tivesse <b>sido atingido</b> por um raio. <b>Esfreguei bem</b> meus olhos. <b>Olhei bem</b> . E vi um rapazinho absolutamente extraordinário que me observava com seriedade.

Ainda neste trecho, a expressão “*petit bonhomme*” foi traduzida por Dom Marcos Barbosa como “pedacinho de gente” (1979) e “homenzinho” (2006 e 2015). Quando fala das suas habilidades no desenho, o personagem diz “*sauf les boas fermés et les boas ouverts*”, repetindo o termo “*boas*” que se refere à jiboia que ele sabia desenhar. Como este tipo de repetição é frequente em obras infantis, contrariamente a Dom Marcos Barbosa, optamos por manter esta repetição: “a não ser jiboias fechadas e jiboias abertas”. No trecho seguinte, uma

sonoridade que não existe no texto de partida acaba aparecendo, quase que *au hasard*, no texto de chegada, pela simples tradução dos termos:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Je regardai donc cette apparition avec des <b>yeux</b> tout ronds d'étonnement. N' <b>oubliez</b> pas que je me trouvais à mille milles de toute région <b>habitée</b> .	<b>Olhava então</b> para aquela <b>aparição</b> com olhos <b>arregalados</b> de espanto. Não se esqueçam que eu me <b>encontrava</b> a mil milhas de qualquer local <b>habitado</b> .

O trecho a seguir mostra quando não se consegue restituir a sonoridade existente no texto de partida, embora, por mantermos a repetição da palavra “nem” associada a um estado ao qual o menino seria atribuído, a repetição traga um certo ritmo à prosa:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Or mon petit bonhomme ne me semblait ni <b>égaré</b> , ni mort de fatigue, ni mort de <b>faim</b> , ni mort de soif, ni mort de <b>peur</b> . Il n'avait en <b>rien</b> l'apparence d'un <b>enfant</b> perdu au milieu du <b>désert</b> , à mille milles de toute région <b>habitée</b> . Quand je <b>réussis</b> enfin à <b>parler</b> , je <b>lui</b> dis :	No entanto, o rapazinho não me parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Ele não tinha qualquer aparência de uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas de qualquer região habitada. Quando finalmente consegui falar, disse-lhe:

Em alguns trechos, tentamos, pelo menos, buscar alguma forma no texto-alvo, mesmo que desproporcional ao texto-fonte:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Quand le mystère est trop impressionnant, on n'ose pas <b>désobéir</b>. Aussi absurde que cela me <b>semblât</b> à mille milles de tous les <b>endroits habités</b> et en <b>danger</b> de mort, je <b>sortis</b> de ma poche une feuille de <b>papier</b> et un stylographe. Mais je me <b>rappelai</b> alors que <b>j'avais</b> surtout <b>étudié</b> la <b>géographie</b>, <b>l'histoire</b>, le calcul et la <b>grammaire</b> et je <b>dis</b> au <b>petit</b> bonhomme (avec un peu de mauvaise <b>humeur</b>) que je ne <b>savais</b> pas <b>dessiner</b>. Il me <b>répondit</b> :</p>	<p>Quando o mistério é impressionante demais, não se ousa <b>desobedecer</b>. Por mais absurdo que aquilo me parecesse <b>ser</b>, a mil milhas de todos os locais <b>habitados</b> e com risco de <b>morrer</b>, <b>tirei</b> do meu bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas <b>lembrei-me</b> então que havia <b>estudado geografia</b>, <b>história</b>, <b>matemática e gramática</b> e disse ao rapazinho (com um pouco de mau humor) que eu não <b>sabia</b> desenhar. Ele me respondeu:</p>

No trecho seguinte, após o príncipezinho lhe pedir novamente o desenho de um carneiro, temos a fala do aviador e a nossa tradução. Na segunda parte do diálogo, quando o príncipezinho responde o aviador, pode-se notar a dificuldade em reproduzir a sonoridade destacada no texto de partida para o texto de chegada. Ao traduzirmos a palavra “encombrant” por “gigante”, é evidente a preferência pela sonoridade, sendo que aqui evidenciamos a natureza do elefante e como seria o comportamento dele num planeta pequeno. Com esta rede de significados, acreditamos não haver perda nos significados e no contexto:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Comme je <b>n'avais</b> <b>jamais dessiné</b> un mouton je <b>refis</b>, pour <b>lui</b>, l'un des deux seuls <b>dessins</b> dont j'<b>étais</b> capable. Celui du boa <b>fermé</b>. Et je <b>fus</b> stupéfait d'<b>entendre</b> le petit bonhomme me <b>répondre</b> :</p> <p>— Non ! Non ! Je ne <b>veux</b> pas d'un <b>éléphant</b> dans un <b>boa</b>. Un <b>boa</b> c'est très <b>dangereux</b>, et un <b>éléphant</b> c'est très</p>	<p>Como eu jamais <b>havia</b> <b>desenhado</b> um carneiro, refiz para <b>ele</b> um dos dois únicos desenhos que <b>sabia</b>. <b>Aquele</b> da jiboia fechada. E fiquei muito <b>espantado</b> ao ouvir o rapazinho me responder:</p> <p>- Não! Não! Não quero um <b>elefante</b> numa jiboia. Uma jiboia é muito perigosa e um <b>elefante</b> é <b>gigante</b>. Onde vivo é tudo pequeno. Preciso de um</p>

<b>encombrant.</b> Chez <b>moi</b> c'est tout petit. J'ai <b>besoin</b> d'un mouton. Dessine- <b>moi</b> un mouton.	carneiro. Desenhe para mim um carneiro.
---	---

Nos próximos trechos tratam dos desenhos de um carneiro recusados pelo príncipezinho, até a caixa. Já discutimos anteriormente sobre nossa pesquisa quanto a tradução dos termos “mouton” e “bélier”, bem como nossas escolhas. No trecho final desta discussão, quando o aviador desenha a caixa, temos:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Alors, faute de patience, comme j' <b>avais</b> hâte de commencer le démontage de mon moteur, je <b>griffonnai</b> ce dessin-ci :	Então, já sem paciência, como tinha que <b>começar</b> a <b>desmontar</b> meu motor, rabisquei este desenho:

No final deste capítulo, utilizamos a expressão “jovem juiz” na tentativa de reproduzir a aliteração do trecho “jeune juge”. Nas traduções de Dom Marcos Barbosa, conseguimos ver no final

Logo no início do primeiro parágrafo do Capítulo III, as traduções de Dom Marcos Barbosa, como já ocorreu em trechos anteriores, meramente atualizaram o linguajar. No caso de nosso projeto de buscar a sonoridade, temos:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Il me fallut longtemps pour <b>comprendre d'où il venait.</b> Le petit prince, qui me <b>posait beaucoup</b> de questions, ne <b>semblait jamais entendre</b> les miennes. Ce sont des mots <b>prononcés</b> par hasard qui, peu à peu, m'ont tout <b>révélé.</b> Ainsi, quand il <b>aperçut</b> pour la première <b>fois</b> mon avion (je ne dessinerai pas mon avion, c'est un dessin	Demorei muito tempo para compreender de onde ele <b>vinha.</b> O príncipezinho, que me <b>fazia</b> tantas perguntas, <b>parecia</b> jamais ouvir qualquer uma <b>minha.</b> <b>Foram</b> as palavras ditas ao acaso que, pouco a pouco, me <b>revelaram</b> tudo. Assim, quando ele <b>notou</b> pela primeira vez o meu avião ( <b>não vou</b> desenhar meu <b>avião</b> , é um desenho

beaucoup trop <b>compliqué</b> pour <b>moi</b> ) il me <b>demanda</b> :	complicado demais para mim), ele me <b>perguntou</b> :
---	--

O trecho seguinte antecede uma ilustração, na edição de 2007 de Saint-Exupéry, cuja diagramação seguimos para ilustrar nossa tradução nesse trabalho. Nas traduções de Barbosa (1979 e 2006), a ilustração é incorporada ao texto. Quanto ao texto, nossas soluções foram:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Et le <b>petit</b> prince eut un très <b>joli</b> éclat de <b>rire</b> qui m' <b>irrita</b> beaucoup. Je <b>désire</b> que l'on prenne mes <b>malheurs au sérieux</b> . <b>Puis</b> il <b>ajouta</b> :	E o pequeno príncipe <b>soltou</b> uma linda risada que me <b>irritou</b> muito. <b>Estou</b> querendo que levem meus problemas a sério. Em seguida, ele <b>acrescentou</b> :

Admitimos aqui que a solução “estou” em nossa tradução foi motivada a forçar pelo menos a sonoridade pela grafia dos tempos verbais. Caberia aqui um estudo mais aprofundado sobre, neste tipo de tradução, até que ponto seria conveniente fazer adequações no texto de chegada em detrimento da sonoridade. Brevemente sobre a sonoridade em poesia, afirma Britto (2012):

O tradutor deve produzir um texto que possa ser lido como "a mesma coisa" que o original, e portanto deve reproduzir de algum modo os efeitos de sentido, de estilo, de som (no caso da tradução de poesia) etc., permitindo que o leitor da tradução afirma, sem mentir, que leu o original.  
BRITTO, 2012, p.28-29

Apesar de que, no caso do poema, caberá ao tradutor determinar os elementos a serem recriados na tradução, conforme Britto (2012):

No poema, tudo, em princípio, pode ser significativo; cabe ao tradutor determinar, para cada poema, quais são os elementos mais relevantes, que, portanto, devem necessariamente ser recriados na tradução, e quais são menos importantes e podem ser sacrificados - pois, como já vimos, todo ato de tradução implica perdas (BRITTO, 2012, p.120)

Na sequência, apresentamos as soluções para um pequeno trecho deste capítulo. Mesmo que breve, mostramos o uso do recurso de rima pelos tempos verbais, conforme feito anteriormente. Praticamente duas linhas em posição anterior, há a palavra “bruscamente”, por isso trouxemos a palavra “lentamente” para o início da frase deste período para aproximar os

sons. Para reproduzir o som da palavra do texto de partida “viens”, chegamos ao termo “diretamente”, aproveitando o anterior “bruscamente” e o posterior “lentamente”, porém, ao nosso ver, não há uma referência no texto ao príncipezinho ter vindo “diretamente de outro planeta”. Além disso, seria adicionar mais um advérbio onde, no texto de partida, trata-se de um verbo. A estrutura ortográfica do advérbio alongaria em demasia a frase, gerando uma cacofonia. Partindo destes princípios, optamos, portanto, por não incluir esta solução na tradução:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>J'entrevis aussitôt une lueur, dans le mystère de sa présence, et j'interrogeai <b>brusquement</b> :</p> <p>— Tu <b>viens</b> donc d'une autre planète ?</p> <p><b>Mais</b> il ne me répondit pas. Il <b>hochait</b> la tête <b>doucement</b> tout <b>en regardant</b> mon avion :</p>	<p><b>Vislumbrei</b> uma luz sobre o mistério que era sua presença e o <b>perguntei bruscamente</b>:</p> <p>— <b>Então</b> você vem de outro planeta?</p> <p>Mas ele <b>não</b> me respondeu. <b>Lentamente</b> <b>balançava</b> sua cabeça, enquanto <b>olhava</b> para meu <b>avião</b>:</p>

Interessante notar que tais traços sonoros são encontrados também na tradução de Dom Marcos Barbosa, tanto com os verbos quanto com os advérbios, estes possivelmente por suas terminações em *-mente*. Não há nas traduções dele as soluções “balançava” e “olhava” que apresentamos na nossa. No quadro a seguir, trazemos estas comparações, desde o texto-fonte em francês que utilizamos, passando pelas traduções de Dom Marcos Barbosa (incluindo-se aquelas atribuídas a ele, em datas posteriores à sua morte), culminando na nossa:

Natureza do texto:	Trecho:
De partida – Saint-Exupéry, 2007	<p>J'entrevis aussitôt une <b>lueur</b>, dans le <b>mystère</b> de sa présence, et j'interrogeai <b>brusquement</b> :</p> <p>— Tu <b>viens</b> donc d'une autre planète ?</p> <p><b>Mais</b> il ne me répondit pas. Il <b>hochait</b> la tête <b>doucement</b> tout <b>en regardant</b> mon avion :</p>
De Dom Marcos Barbosa (1979)	<p><b>Vislumbrei</b> um <b>clarão</b> no mistério de sua presença, e <b>interroguei bruscamente</b>:</p>

	<p>—Tu vens <b>então</b> de outro planeta?</p> <p>Mas ele <b>não</b> me respondeu. Balançava <b>lentamente</b> a cabeça considerando o <b>avião</b>:</p>
<p>Traduções atribuídas a Dom Marcos Barbosa (2006 e 2015<sup>26</sup>)</p>	<p><b>Vislumbrei</b> um <b>clarão</b> no mistério da sua origem, e <b>perguntei repentina-mente</b>:</p> <p>—Tu vens <b>então</b> de outro planeta?</p> <p>Mas ele <b>não</b> me respondeu. Balançava <b>lentamente</b> a cabeça, observando meu <b>avião</b>:</p>
<p>Nossa tradução</p>	<p><b>Vislumbrei</b> uma luz sobre o mistério que era sua presença e o <b>perguntei bruscamente</b>:</p> <p>—<b>Então</b> você vem de outro planeta?</p> <p>Mas ele <b>não</b> me respondeu. <b>Lentamente</b> <b>balançava</b> sua cabeça, enquanto <b>olhava</b> para meu <b>avião</b>:</p>

No trecho seguinte, ao traduzirmos “sortant” por “tirando”, conseguimos auxiliar na composição da frase “ficou contemplando”, estando o verbo “ficou” em sonância com “embarcou” e “durou”, ambos na frase anterior:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Et il s'enfonça dans une rêverie qui <b>dura longtemps</b>. Puis, <b>sortant mon mouton</b> de sa poche, il se plonge dans la <b>contemplation</b> de son trésor.</p>	<p>E ele <b>embarcou</b> num devaneio que <b>durou</b> uma eternidade. Então, <b>tirando</b> o meu carneiro de seu bolso, <b>ficou contemplando</b> seu tesouro.</p>

Na sequência, uma outra oportunidade de tentar reproduzir os sons encontrados no texto-fonte, temos o seguinte trecho:

<sup>26</sup> A edição 2015 traz diferenças mínimas quanto à pontuação – uso de vírgulas no trecho “- Tu vens, então, de outro planeta?”.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
— <b>L'attacher</b> ? Quelle drôle <b>d'idée</b> !	— <b>Amarrá-lo?</b> Que pensamento <b>bizarro</b> !
— Mais si tu ne l'attaches <b>pas</b> , il <b>ira</b> n'importe où, et il se <b>perdra</b> ...	— Mas se você não o <b>amarrar</b> , ele <b>sairá</b> por aí e <b>acabará</b> se perdendo...

Na primeira linha ocorre um eco do pronome oblíquo átono “o” que se torna “lo” na ênclise, como na palavra “amarrá-lo”, com o som final de “o” na palavra “bizarro”. Os outros itens na tradução são verbos, destacando-se dois no futuro do presente (“sairá” e “acabará”). A palavra “amarrar”, se não for lida com ênfase no último “r”, como acontece nas palavras em inglês “car” e “star”, ecoará um pouco o som de “sairá” e “acabará”. Algumas linhas depois, utilizamos o diminutivo no texto de chegada, bem como tempos verbais no passado, apesar de que, pensamos que as soluções neste caso, estão bem aquém da sonoridade do texto de partida, tal como pode ser notado pelos grifos e o cotejo abaixo:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Alors le <b>petit</b> prince <b>remarque gravement</b> :	Então o <b>princezinho</b> <b>enfatizou</b> bem seriamente:
— Ça ne fait <b>rien</b> , c'est <b>tellement petit</b> , chez moi !	— Não tem problema, é tão <b>pequeninho</b> onde eu moro!
Et, avec un <b>peu</b> de mélancolie, <b>peut-être</b> , il <b>ajoute</b> :	E, com um pouco de melancolia, talvez, ele <b>acrescentou</b> :
— <b>Droit devant soi</b> on ne <b>peut</b> pas aller <b>bien loin</b> ...	— Seguindo reto não se pode ir muito longe...

Já no capítulo IV, nos dois primeiros parágrafos, percebemos um eco entre “était” no primeiro e “pouvait” no início logo do segundo. Diante do fato de não termos conseguido encontrar uma maneira de fazer essa ligação, restringimo-nos ao segundo parágrafo, no qual utilizamos as formas verbais “surpreendia” e “sabia”. Em francês, a pronúncia dos nomes dos planetas “Terre” e “Jupiter” traz um som de *é* aberto que lembra o da palavra em português

“café”, o que também ocorre com a palavra francesa “planètes”. Contudo, tal construção sonora, em nossa tentativa, não foi possível até então:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>J'avais <b>ainsi appris</b> une seconde chose très importante : C'est que sa planète d'origine <b>était</b> à peine plus grande qu'une maison !</p> <p>Ça ne <b>pouvait</b> pas m'<b>étonner</b> beaucoup. Je <b>savais</b> bien qu'en dehors des grosses <b>planètes</b> comme la <b>Terre, Jupiter, Mars, Vénus</b>, auxquelles on a <b>donné</b> des noms, il y en a des centaines d'autres qui sont quelquefois si petites qu'on a beaucoup de mal à les apercevoir au télescope.</p>	<p>Aprendi, assim, de uma segunda coisa muito importante: seu planeta de origem era um pouco maior do que uma casa!</p> <p>Isto não me <b>surpreendia</b> muito. Eu <b>sabia</b> bem que, além de grandes planetas como a Terra, Júpiter, Marte e Vênus, aos quais foram atribuídos nomes, há centenas de outros que <b>são</b> às vezes <b>tão</b> pequenos que fica difícil vê-los pelo telescópio.</p>

No trecho que fala sobre a imposição do ditador turco ao seu povo que se vestisse como os europeus, o que achamos interessante demonstrar, além da reprodução de mais fácil acesso das palavras “réputation” e “démonstration” do texto de partida para “reputação” e “apresentação” no texto de chegada, temos a presença de um numeral, neste o “1920” como representativo do ano do evento no qual esteve o astrônomo turco.

Além disso, a pronúncia francesa do número “20” no número “1920” por extenso “mil neuf cents vingt” rima com a pronúncia de “élégant”. Apesar de não termos encontrado este recurso na língua portuguesa, optamos por ligar o número “1920”, por extenso “mil novecentos e vinte” com a palavra “ouvinte”, no final do trecho. A palavra “elegância” poderia ser substituída pela expressão “com requinte”, rimando com o número “1920” por extenso. Contudo, como já havia o par “1920” e “ouvinte”, o uso de “elegância” nos permitiu nomear a reação do público à apresentação do astrônomo com o uso da expressão “concordância”, no sentido de que deram importância ao que desta vez o personagem apresentava no evento.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Heureusement pour la <b>réputation</b> de l'astéroïde B 612, un dictateur turc imposa à son peuple, sous peine de mort, de s'habiller à l'européenne. L'astronome <b>refit</b> sa <b>démonstration</b> en 1920, dans un <b>habit</b> très <b>élégant</b>. Et cette fois-ci tout le monde fut de son <b>avis</b>.</p>	<p>Felizmente, para a <b>reputação</b> do Asteroide B 612, um ditador turco impôs ao seu povo, sob pena de morte, que se vestisse como os europeus. O astrônomo repetiu sua <b>apresentação</b> em 1920, num traje com muita <b>elegância</b>. E desta vez conseguiu a <b>concordância</b> de cada <b>ouvinte</b>.</p>

Notamos nas traduções de Dom Marcos Barbosa o uso da palavra “casaca” como tradução de “habit” (1979 e 2006), atualizada para “fraque” na edição de 2015. Aqui, ao optarmos por traduzi-la como “traje”, embora na imagem feita pelo autor consigamos ver que se trata de um “fraque”, buscamos enfatizar mais o seu uso dentro do contexto do que necessariamente a natureza da vestimenta. Na cultura brasileira, quando falamos em “traje”, temos tanto a referência a uma roupa destinada a um evento especial, quanto a um vestuário habitual ou próprio de uma profissão. Por outro lado, o “fraque” é mais lembrado pelas cerimônias de casamento nas quais faz parte da regra de vestimenta, sendo um exemplar mais formal do que um terno masculino.

No parágrafo seguinte, lançamo-nos do recurso sonoro da tradução dos verbos “raconté” e “confié”, com os devidos verbos auxiliares do “*Passé Composé*” para “contei” e “confiei”. Reproduzimos também as repetições de Saint-Exupéry: “grandes personnes”, “jamais”. É também neste trecho que encontramos a expressão “une maison de cent milles francs” que, como dissemos anteriormente (no item 3.1 sobre as teorias da tradução), preferimos traduzir por “uma casa que custa cem mil francos” e fazer o nosso suposto leitor mirim pelo menos ter contato com a palavra “francos”, possivelmente vindo a depreender do texto que se trata de uma unidade monetária, pela nossa inclusão da palavra “custa”. A título de ilustração, as traduções de Dom Marcos Barbosa trazem: “seiscentos mil contos” (1979) e “seiscentos mil reais” (2006 e 2015).

Em mais um trecho, além de mostrar a riqueza sonora da obra de Saint-Exupéry, reproduzimos aqui o texto de partida e nossas tentativas no texto de chegada. É possível observar que não há como ligar, na língua portuguesa, por exemplo, a tradução de “mouton”,

ou seja, “carneiro”, com os outras palavras com o mesmo som: “hausseront”, “traiteront”, “seront”, “laisseront”, “questions” e “sont”.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Ainsi, si vous leur dites : « La preuve que le petit prince a existé c'est qu'il <b>était ravissant</b>, qu'il <b>ria</b>it, et qu'il <b>voulait</b> un <b>mouton</b>. <b>Quand</b> on veut un <b>mouton</b>, c'est la preuve qu'on existe », elles <b>hausseront</b> les épaules et vous <b>traiteront</b> d'<b>enfant</b> ! Mais si vous leur dites : « La planète d'où il <b>venait</b> est l'astéroïde B 612 », alors elles <b>seront</b> convaincues, et elles vous <b>laisseront</b> tranquille avec leurs <b>questions</b>. Elles <b>sont</b> comme ça. Il ne faut pas leur <b>en</b> vouloir. Les <b>enfants</b> doivent être très <b>indulgents</b> envers les <b>grandes</b> personnes.</p>	<p>Então, se você lhes disser: “A prova que o pequeno príncipe existiu, é que ele era encantador, que ele <b>ria</b> e que ele <b>queria</b> um carneiro. Quando alguém quer um carneiro, aí está a prova de sua existência”, as pessoas <b>não vão</b> dar <b>importância</b> e o <b>tratarão</b> como uma <b>criança</b>! Mas se você lhes disser: “O planeta de onde ele vem é o asteroide B 612”, então elas <b>estarão</b> convencidas e <b>não irão</b> o incomodar com suas perguntas. Os adultos <b>são</b> assim. É melhor não ir contra eles. As crianças devem ser muito compreensivas com os adultos.</p>

Como pôde ser visto até aqui nestes exemplos, muitas vezes a sonoridade ocorre pela repetição da própria palavra ou expressão por Saint-Exupéry, como pode ser visto com muita frequência principalmente neste último parágrafo do capítulo IV. Mantendo estas repetições na língua-alvo, o tradutor manterá o ritmo do texto de partida. Quando da sua leitura do texto-fonte, o tradutor poderá já traçar suas estratégias sobre como ele refletirá estas repetições. A fim de dar mais agilidade aos comentários e análises, saltamos alguns destes exemplos, em virtude de a nossa tradução fazer parte deste trabalho, possibilitando a comparação entre o texto de partida e o texto de chegada.

A seguir, reproduzimos este parágrafo, no qual, para ilustrar o que dissemos, sublinhamos as palavras e/ou expressões que se repetem e grifamos aqueles os quais conseguimos obter no texto de chegada, a fim de representar a sonoridade do texto de partida.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Car je n'aime pas qu'on lise mon livre à la légère. J'éprouve tant de chagrin à raconter ces souvenirs. Il y a <u>six ans</u> déjà que mon <u>ami</u> s'en est allé avec son mouton. Si j'essaie ici de le décrire, c'est afin de ne pas l'<u>oublier</u>. C'est triste d'oublier un <u>ami</u>. Tout le monde n'a pas eu un <u>ami</u>. Et je puis devenir comme les grandes personnes qui ne s'intéressent plus qu'aux chiffres. C'est donc pour ça encore que j'ai acheté une boîte de couleurs et des crayons. C'est dur de se remettre au <u>dessin</u>, à mon <u>âge</u>, quand on n'a jamais fait d'autres tentatives que celle d'un <u>boa</u> fermé et celle d'un <u>boa</u> ouvert, à l'<u>âge</u> de <u>six ans</u> ! J'essaierai, bien sûr, de faire des portraits le plus ressemblants possible. Mais je ne suis pas tout à fait certain de réussir. Un <u>dessin</u> va, et l'autre ne ressemble plus. Je me trompe un peu aussi sur la taille. Ici le petit prince est <u>trop</u> grand. Là il est <u>trop</u> petit. J'hésite aussi sur la couleur de son costume. Alors je tâtonne <u>comme</u> ci et <u>comme</u> ça, tant bien que mal. Je me tromperai enfin sur certains détails plus importants. Mais ça, il faudra me le pardonner. Mon ami ne donnait jamais d'explications. Il me croyait peut-être semblable à lui. Mais moi, malheureusement, je ne sais pas voir les moutons à travers les caisses. Je suis peut-être un peu comme les grandes personnes. J'ai dû vieillir.</p>	<p>Pois não gosto que leiam meu livro superficialmente. Sinto tanta dor ao contar estas histórias. Já se passaram <u>seis anos</u> desde que meu <u>amigo</u> se foi levando consigo seu carneiro. Se tento descrever ele aqui, é para dele não me <b>esquecer</b>. É triste <b>esquecer</b> um <u>amigo</u>. Nem todo mundo teve um <u>amigo</u>. E posso me tornar, tal como os adultos, uma pessoa que não se interesse em outra coisa a não ser em números. E é por isso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis. É difícil retornar ao desenho, na minha <b>idade</b>, quando as tentativas não foram mais do que uma <u>jiboia</u> fechada e uma <u>jiboia</u> aberta, aos <u>seis anos</u> de <b>idade</b>! Certamente tentarei fazer com que meus retratos sejam os mais realistas possíveis. Mas não tenho certeza que conseguirei. Um <u>desenho</u> dá certo, o seguinte não tem qualquer semelhança. Também me engano quanto ao seu tamanho. Neste o pequeno príncipe está alto <u>demais</u>. Naquele está baixo <u>demais</u>. Tenho dúvida também sobre a cor de sua roupa. Então, vou tentando por aqui e por ali, como posso. Acabarei me enganando enfim sobre alguns detalhes mais importantes. Mas nisso precisarei ser perdoado. Meu amigo nunca dava explicações. Ele achava que eu talvez era parecido com ele. Porém eu, infelizmente, não consigo ver os carneiros através de caixas. Eu sou um pouco, talvez, como os adultos. Eu devo ter envelhecido.</p>

No trecho destacado, a fim de restituir por repetição o som de “idade” no texto de chegada, invertemos a ordem desta palavra na última linha. No texto de partida, há a rima entre “dessin” e “ans”, impossibilitada nas nossas escolhas para o texto de chegada, tal como pode ser visto neste exemplo:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
C'est dur de se remettre au <b>dessin</b> , à mon <b>âge</b> , quand on n'a jamais fait d'autres tentatives que celle d'un boa fermé et celle d'un boa ouvert, à l' <b>âge</b> de six <b>ans</b> !	É difícil retornar ao desenho, na minha <b>idade</b> , quando as tentativas não foram mais do que uma jiboia fechada e uma jiboia aberta, aos seis anos de <b>idade</b> !

Este tipo de impossibilidade parcial também ocorre bem no início do capítulo V, tal como demonstramos no seguinte quadro. Convém destacar que aproveitamos para ligar a palavra “dia” com a desinência dos verbos “aprendia” e “surgia” para enfatizar os os sons, tal como pode ser observado a seguir. Apesar da rima no texto-fonte entre “départ” e “hasard”, não foi possível até a conclusão do trabalho aproximar estes dois termos sonoramente na tradução. Demonstramos estes dois casos a seguir:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Chaque <b>jour</b> j' <b>apprenais</b> quelque chose sur la planète, sur le <b>départ</b> , sur le voyage. Ça <b>venait</b> tout doucement, au <b>hasard</b> des réflexions. C'est ainsi que, le troisième <b>jour</b> , je connus le drame des baobabs.	A cada <b>dia</b> eu <b>aprendia</b> algo sobre o planeta, sobre a partida, sobre a viagem. Isto <b>surgia</b> suavemente, ao acaso das reflexões. Foi assim que, no terceiro <b>dia</b> , eu soube do drama dos baobás.

Trechos como este ilustram como o tradutor pode “tentar” restituir a sonoridade, talvez de maneira forçada demais. É importante que ele faça seu julgamento também sobre a legibilidade, ou seja, se o seu público vai entender o texto. Aqui, incluímos a expressão “algo óbvio” para antever o significado de “evidência”. Não defendemos que o tradutor estenda seu texto em benefício da sonoridade, como foi este caso; entretanto, ao utilizarmos esta estratégia, tentamos fazê-lo com parcimônia:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Il me répondit : « Ben ! Voyons ! » comme s'il s'agissait là d'une <b>évidence</b> . Et il me fallut un	Ele me respondeu: “Pois então!” como se estivesse falando sobre algo óbvio, uma <b>evidência</b> . E

grand effort <b>d'intelligence</b> pour comprendre à moi seul ce problème.	tive que usar a <b>inteligência</b> para entender sozinho este problema.
--	--

No próximo parágrafo, tal como ocorreu e já relatamos sobre o capítulo IV, ocorre também uma proliferação de um som francês parecido com o *é* em português, tal como na palavra “café”. Demonstramos, através do quadro abaixo, a incidência de palavras no trecho tal característica sonora (grifadas), que não conseguimos reproduzir até então em nossa tradução. Em nosso texto, grifamos as partes cuja sonoridade é semelhante (na língua de chegada) porém não para este som de parecido com o *é* da palavra “café” em português:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Et en <b>effet</b> , sur la <b>planète</b> du petit prince, il y <b>avait</b> comme sur toutes les <b>planètes</b> , de bonnes <b>herbes</b> et de <b>mauvaises herbes</b> . Par conséquent de bonnes graines de bonnes <b>herbes</b> et de <b>mauvaises</b> graines de <b>mauvaises herbes</b> . <b>Mais</b> les graines sont invisibles. Elles dorment dans le <b>secret</b> de la <b>terre</b> jusqu'à ce qu'il prenne fantaisie à l'une <b>d'elles</b> de se réveiller. Alors <b>elle</b> s'étire, et pousse d'abord timidement vers le <b>soleil</b> une ravissante petite brindille inoffensive. S'il s'agit d'une brindille de radis ou de rosier, on peut la laisser pousser comme <b>elle</b> veut. <b>Mais</b> s'il s'agit d'une <b>mauvaise</b> plante, il faut arracher la plante aussitôt, dès qu'on a su la <b>reconnaître</b> . Or il y <b>avait</b> des graines terribles sur la <b>planète</b> du petit prince... <b>c'étaient</b> les graines de baobabs. Le sol de la <b>planète</b> en <b>était</b> infesté. Or un baobab, si l'on s'y prend trop tard, on ne peut <b>jamais</b> plus s'en débarrasser.	E de fato, no planeta do <b>princezinho</b> , existiam, como em todos os planetas, ervas boas e ervas daninhas. Com isso, sementes boas de ervas boas e sementes ruins de ervas daninhas. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma delas decide <b>acordar</b> . Então ela se estica e começa a <b>brotar</b> timidamente em direção ao sol, um lindo <b>raminho</b> inofensivo. Se for um broto de rabanete ou de roseira, podemos deixá-la <b>brotar</b> como quiser. Porém, se for uma erva daninha, é necessário arrancá-la assim que for identificada. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe... eram as de baobá. O solo do planeta estava infestado delas. Ora, no caso de um baobá, se houver alguma demora, pode ser impossível se livrar dele.

A troca de um advérbio da língua de partida por outro da língua de chegada é um artifício de muita serventia nesta tradução. Isto ocorre em vários pontos de todo o texto. Aqui destacamos um exemplo desta ocorrência neste capítulo:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Quand on a terminé sa toilette du matin, il faut faire <b>soigneusement</b> la toilette de la planète. Il faut s'astreindre <b>régulièrement</b> à arracher les baobabs (...)	Ao terminar a higiene pessoal da manhã, é preciso fazer <b>cuidadosamente</b> a higiene do planeta”. É necessário se dedicar <b>regularmente</b> a arrancar os baobás (...)

O capítulo VI é bem menor que os anteriores, porém nele encontramos neste trecho uma predominância da correspondência sonora pelos verbos. Apresentamos aqui como lidamos com eles:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
En effet. Quand il est midi aux États-Unis, le <b>soleil</b> , tout le monde le <b>sait</b> , se couche sur la France. Il <b>suffirait</b> de pouvoir <b>aller</b> en France en une minute pour <b>assister</b> au <b>coucher</b> du <b>soleil</b> . Malheureusement la France est bien trop <b>éloignée</b> . Mais, sur ta si petite planète, il te <b>suffisait</b> de <b>tirer</b> ta chaise de quelques pas. Et tu <b>regardais</b> le crépuscule chaque fois que tu le <b>désirais</b> ...	De fato, quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, está se pondo na França. <b>Bastaria</b> poder ir à França num minuto para assistir ao pôr do sol lá. Infelizmente a França fica bem longe. Mas em seu pequeno planeta, <b>bastaria</b> você puxar um pouco a cadeira. E você <b>assistiria</b> o crepúsculo cada vez que o desejasse...

O mesmo ocorre, posteriormente, neste trecho do capítulo VII:

Texto de partida – Saint- Exupéry, 2007	Nossa tradução
Le petit prince ne <b>renonçait</b> <b>jamais</b> à une question, une fois qu'il l' <b>avait</b> posée. J' <b>étais</b> irrité par mon boulon et je répondis n'importe quoi:	O príncipezinho jamais desistia de alguma pergunta, uma vez tendo-a <b>formulado</b> . Eu estava <b>irritado</b> com o parafuso e respondi qualquer coisa:

Num outro trecho, a alteração ocorreu nos cabelos do príncipezinho, com esta inversão e o uso de “cabelo” no singular.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Il était vraiment très <b>irrité</b> . Il secouait au vent des cheveux tout <b>dorés</b> :	Ele estava de fato muito <b>irritado</b> . Seu cabelo <b>dourado</b> sacudia ao vento.

Destacamos este trecho do início do capítulo VIII, no qual, entre outras soluções, temos no texto de partida a ligação sonora das palavras “coquette” com “toilette”, efeito este que em nossa tradução conseguimos através de “vaidosa” e “misteriosa”:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
J'appris bien vite à mieux <b>connâitre</b> cette fleur. Il y <b>avait</b> toujours eu, sur la <b>planète</b> du petit prince, des fleurs très simples, <b>ornées</b> d'un seul rang de pétales, et qui ne <b>tenaient</b> point de place, et qui ne <b>dérangeaient</b> personne. <b>Elles apparaissaient</b> un matin dans l' <b>herbe</b> , et puis <b>elles s'éteignaient</b> le soir. Mais celle-là <b>avait germé</b> un jour, d'une graine <b>apportée</b> d'on ne <b>sait</b> où, et le petit prince <b>avait surveillé</b> de <b>très près</b> cette brindille qui ne <b>ressemblait</b> pas aux autres brindilles. Ça <b>pouvait</b> être un nouveau genre de baobab. Mais l'arbuste cessa vite de <b>croître</b> , et <b>commença</b> de <b>préparer</b> une fleur. Le petit prince, qui <b>assistait</b> à l'installation d'un bouton énorme, <b>sentait</b> bien qu'il en <b>sortirait</b> une apparition miraculeuse, mais la <b>fleur</b> n'en	Aprendi bem rápido a conhecer melhor esta flor. Sempre houve, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas com uma só fileira de pétalas, que não ocupavam espaço nem incomodavam as pessoas. Elas <b>surgiam</b> de manhã na relva e à tarde já se <b>extinguiam</b> . Mas aquela <b>havia</b> germinado um dia, de uma semente vinda não se sabe de onde, e o pequeno príncipe tinha acompanhado de perto esse broto que não se <b>parecia</b> com qualquer outro. <b>Podia</b> ser uma nova espécie de baobá. Mas o arbusto logo <b>parou</b> de crescer e nele <b>começou</b> a brotar uma flor. O pequeno príncipe, que <b>assistia</b> ao surgimento de um botão enorme, pressentiu que dali <b>nasceria</b> uma aparição miraculosa, mas a flor jamais terminava de se embelezar, abrigada em seu aposento verde. Ela

<p><b>finissait</b> pas de se préparer à être <b>belle</b>, à l'abri de sa chambre <b>verte</b>. Elle choisissait avec soin ses couleurs. Elle s'habillait lentement, elle ajustait un à un ses pétales. Elle ne voulait pas sortir toute fripée comme les coquelicots. Elle ne voulait apparaître que dans le plein rayonnement de sa beauté. Eh ! oui. Elle était très coquette ! Sa toilette mystérieuse avait donc duré des jours et des jours. Et puis voici qu'un matin, justement à l'heure du lever du soleil, elle s'était montrée.</p>	<p><b>escolhia</b> com muito cuidado suas cores. Ela se <b>vestia lentamente</b>, ajeitando uma a uma suas pétalas. Não <b>queria</b> sair toda amarrotada como as papoulas. <b>Queria</b> aparecer no pleno esplendor de sua beleza. Ah, sim! Ela era muito <b>vaidosa</b>! Sua <b>misteriosa</b> toailete havia durado dias e dias. E eis que afinal, certa manhã, <b>justamente</b> ao nascer do sol, ela se fez <b>presente</b>.</p>
--	--

Não é desconhecido pelo público que acompanha as resenhas sobre as traduções de Dom Marcos Barbosa, que este tradutor preferiu traduzir “coquelicot” por “cravos” nas três edições que analisamos ao longo deste trabalho (1979, 2006 e 2015) neste mesmo trecho que destacamos. Como pode ser visto em nossa tradução, preferimos não nos divergir do termo francês “coquelicot” que significa “papoula”.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>« Je n'ai alors rien su comprendre ! <b>J'aurais</b> dû la <b>juger</b> sur les actes et non sur les mots. Elle <b>m'embaumait</b> et <b>m'éclairait</b>. Je <b>n'aurais jamais</b> dû m'enfuir ! <b>J'aurais</b> dû <b>deviner</b> sa tendresse <b>derrière</b> ses pauvres ruses. Les <b>fleurs</b> sont si <b>contradictaires</b> ! Mais <b>j'étais</b> trop jeune pour <b>savoir l'aimer</b>. »</p>	<p>—Não fui capaz de <b>compreender</b> coisa alguma. <b>Deveria</b> tê-la <b>julgado</b> por seus atos e não por suas palavras. Ela me <b>perfumava</b> e me <b>iluminava</b>. Jamais <b>deveria ter fugido</b>. <b>Deveria ter percebido</b> a ternura que <b>existia</b> por trás de suas pobres astúcias. As flores <b>são tão</b> contraditórias! Mas eu era ainda jovem demais para <b>saber</b> amá-la.</p>

No final do capítulo VIII, conseguimos uma concentração maior de sons no texto de chegada, porém de forma mais balanceada. A linha entre reprodução dos sons e o exagero da cacofonia é muito tênue. Ler o texto de chegada em voz alta pode ajudar neste esclarecimento, como também na dosagem das rimas ou aliterações. Neste trecho, repetimos três vezes a palavra “deveria”, sendo que o tipo de construção dela com o verbo “ter” e um verbo posterior na forma do participio, busca tanto manter esse equilíbrio sonoro quanto não trazer desgaste quando lido em voz alta.

No início do capítulo IX, ao passo que encontramos com mais frequência as rimas na prosa Exuperiana, o desafio de transpor os sons do texto na língua de chegada torna-se ainda maior. Vejamos neste quadro o que conseguimos alcançar:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
--	----------------

<p>Je <b>crois</b> qu'il <b>profita</b>, pour son <b>évasion</b>, d'une <b>migration</b> d'oiseaux sauvages. Au matin du <b>départ</b> il mit sa planète bien en ordre. Il <b>ramona soigneusement</b> ses <b>volcans</b> en <b>activité</b>. Il <b>possédait</b> deux <b>volcans</b> en <b>activité</b>. Et <b>c'était</b> bien commode pour <b>faire chauffer</b> le petit <b>déjeuner</b> du matin. Il <b>possédait</b> aussi un <b>volcan éteint</b>. Mais, comme il <b>disait</b> : « On ne <b>sait jamais</b> ! » Il <b>ramona</b> donc <b>également</b> le <b>volcan éteint</b>. S'ils <b>sont bien ramonés</b>, les <b>volcans brûlent doucement</b> et <b>régulièrement</b>, <b>sans éruptions</b>. Les <b>éruptions</b> volcaniques <b>sont comme</b> des feux de cheminée. <b>Évidemment</b> sur notre terre nous <b>sommes</b> beaucoup trop <b>petits</b> pour <b>ramoner</b> nos <b>volcans</b>. C'est pourquoi ils nous causent des tas <b>d'ennuis</b>.</p>	<p>Chego a <b>crer</b> que ele se <b>fez valer</b>, para fugir de uma migração de pássaros selvagens. Na manhã da partida, colocou seu planeta em ordem. Ele <b>limpou cuidadosamente</b> os vulcões em <b>atividade</b>. Ele <b>possuía</b> dois vulcões em <b>atividade</b>. E isso lhe facilitava esquentar o café da manhã. <b>Ele possuía</b> também um vulcão extinto. Mas, como ele <b>dizia</b>: “Nunca se sabe.” Por isso, limpou também o vulcão extinto. Se estão bem limpos, queimam <b>calma e regularmente</b>, sem erupções. As erupções vulcânicas são como as labaredas das lareiras. <b>Evidentemente</b>, em nossa terra, somos pequenos demais para limpar nossos vulcões. É por isso que eles nos causam tantos aborrecimentos.</p>
---	--

A mera comparação visual entre o texto de partida e o de chegada, como este exemplo acima, serve para nos exemplificar o quão árdua pode ser a tentativa em reproduzir sua sonoridade na tradução. Por conta de sua forma e natureza, a tradução de poesia oferecerá mais recursos. Ainda no capítulo IX, no trecho a seguir, preferimos traduzir “supporter” por “aguentar” para enfatizar ainda mais o incômodo da flor com as larvas:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Il faut <b>bien</b> que je supporte <b>deux</b> ou <b>trois</b> chenilles si je <b>veux</b> connaître les papillons. Il <b>paraît</b> que c'est <b>tellement</b> beau. Sinon qui me rendra visite ? Tu <b>seras</b> loin, <b>toi</b>. Quant aux grosses bêtes, je ne <b>crains rien</b>. J'ai mes griffes.</p>	<p>Preciso <b>aguentar</b> duas ou três larvas se eu <b>desejar conhecer</b> as borboletas. Parece que é algo <b>tão</b> belo. <b>Senão</b>, quem virá me visitar? Você estará distante. Quanto aos bichos grandes, não tenho medo deles. Tenho em minhas garras.</p>

Eis outro exemplo do mesmo capítulo IX sobre a sonoridade no texto de partida:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Et <b>elle montrait naïvement</b> ses quatre épines. Puis <b>elle ajouta</b> : — Ne traîne pas comme <b>ça</b> , c'est <b>agaçant</b> . Tu as <b>décidé</b> de partir. <b>Va-t'en</b> . Car <b>elle ne voulait</b> pas qu'il la vît pleurer. <b>C'était une fleur tellement</b> orgueilleuse...	E ela mostrou ingenuamente seus quatro espinhos. Em seguida, <b>disse</b> : — Não fique aí fazendo <b>hora</b> , perdendo tempo, isso me irrita. Você decidiu partir. <b>Vá embora!</b> Ela não queria que ele a <b>visse</b> chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

Destacamos, na abertura do capítulo X, um trecho no qual evitamos utilizar o pronome oblíquo “los” para referirmos-nos aos asteroides, tal como Dom Marcos Barbosa utilizou, para que pudéssemos priorizar a tradução dos verbos “visiter” e chercher”. Foi possível sem qualquer mudança reproduzir a rima de “région” e “occupation”, mesmo que no parágrafo tais palavras encontram-se um pouco distantes. Os dois exemplos podem ser verificados no quadro abaixo:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Il se trouvait dans la <b>région</b> des astéroïdes 325, 326, 327, 328, 329 et 330. Il commença donc par les <b>visiter</b> pour y <b>chercher</b> une <b>occupation</b> et pour s'instruire.	Ele se encontrava na <b>região</b> dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou então a <b>visitar</b> cada um deles e a <b>procurar</b> uma <b>ocupação</b> e para instruir-se.

Um pouco mais adiante, ainda na mesma página do texto de partida, temos o exemplo de outras adequações e soluções, como podemos ver nesta comparação:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
Le petit prince <b>chercha</b> des yeux où s'asseoir, mais la <b>planète était</b> tout <b>encombrée</b> par le magnifique manteau d'hermine. Il <b>resta</b> donc debout, et, comme il <b>était fatigué</b> , il <b>bâilla</b> .	O pequeno príncipe <b>olhou</b> em volta e <b>procurou</b> onde se sentar, mas o planeta <b>estava</b> todo coberto pelo magnífico manto de arminho. Por isso <b>ficou</b> em pé e, como <b>estava</b> cansado, ele <b>bocejou</b> .

No capítulo XI, a dificuldade trazida pelo diálogo entre o príncipe e o vaidoso dificulta ainda mais as adequações no texto de chegada à recepção da sonoridade. Além disso, o diálogo em si, já possui um ritmo e, neste caso, priorizar a sonoridade poderia quebrar esta característica rítmica, como no exemplo, que começa pela fala do vaidoso:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
—Est-ce que tu m'admires vraiment beaucoup ? demanda-t-il au petit prince. —Qu'est-ce que <b>signifie</b> « <b>admirer</b> » ? —« <b>Admirer</b> » <b>signifie</b> « <b>reconnaître</b> que je suis l'homme le plus beau, le <b>mieux habillé</b> , le plus riche et le plus intelligent de la <b>planète</b> ».	—Você me admira muito? – perguntou ele ao pequeno príncipe. —O que <b>significa</b> “ <b>admirar</b> ”? — <b>Admirar significa</b> reconhecer que sou o homem mais bonito, o mais bem-vestido, o mais rico e o mais inteligente do planeta.

Embora bem curto, o capítulo XII traz o diálogo do príncipe com o bêbado, no qual utilizamos o recurso do foco na sonoridade dos verbos:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
—Que fais-tu <b>là</b> ? dit-il au buveur, qu'il <b>trouva</b> installé en silence devant une collection de bouteilles vides et une collection de bouteilles pleines.	—Que está fazendo aqui? – perguntou ele ao bêbado, que se encontrava <b>sentado</b> absolutamente <b>calado</b> diante de uma fileira de garrafas vazias e de uma fileira de garra

Uma questão que é bem presente em nossa comparação das traduções de Dom Marcos Cabral é a atualização da linguagem. Em sua tradução de 1979, ele utilizou a palavra “beberrão” para falar do “buveur”, sendo este termo “atualizado” para “bêbado” nas traduções posteriores.

Ao nosso ver, a expressão “beberrão” traria grande poeticidade, embora pensemos que tal poderia ser confundido pelas crianças com “bebezão” ou totalmente ignorado por elas. A metáfora de um capítulo curto, porém significativo da obra, pode ser uma das de mais difícil interpretação, pois ele bebe para esquecer a vergonha de beber. Ao príncipezinho restaurou demonstrar sua tristeza e pena diante da situação. Neste ponto, percebemos que um adulto conseguiria entender melhor o que as entrelinhas trazem. Interessante notar que no filme de Mark Osborne (2016), enquanto o príncipe dialoga com vários personagens, o contato e o diálogo dele com o bêbado não é desenvolvido, ou seja, sua ilustração é mostrada de relance, com citação indireta, sem que seja feita, como ocorreu com os outros personagens, uma interação com eles em primeiro plano. Não encontramos disponível qualquer crítica ou declaração do diretor sobre como essa cena em questão foi tratada.

No capítulo XIII, a grande dificuldade no diálogo do príncipezinho com o homem de negócios é a alta frequência na utilização de numerais, o que prejudicou bastante a tentativa de reproduzi-los, em virtude de eles reproduzirem um processo de soma e, desta forma, não estarmos aptos nem objetivados a mudar os cálculos, números ou mesmo a ação do personagem. No primeiro trecho a seguir, foi possível preservamos algumas aliterações, porém leves. Na sequência, a fim de reproduzir a sonoridade, trocamos “sérieux” por “centrado”, quando o personagem descreve sua seriedade:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
—Millions de ces petites choses que l'on <b>voit quelquefois</b> dans le ciel.	—Milhões dessas coisinhas que a gente às <b>vezes vê</b> no céu.

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
— Mais non. Des petites choses <b>dorées</b> qui font <b>rêvasser</b> les <b>fainéants</b> . Mais je suis <b>sérieux</b> , moi ! Je n'ai pas le <b>temps</b> de <b>rêvasser</b> .	— Não! Coisinhas douradas que fazem <b>sonhar</b> os <b>desocupados</b> . Mas eu sou um homem <b>centrado</b> . Não tenho tempo para <b>divagar</b> .

O recurso que o próprio Saint-Exupéry utiliza de muitas repetições, ao mesmo tempo, permite que o tradutor se alinhe por elas e tente reproduzir aquele fenômeno no texto-alvo, como também, neste caso, nos enfatiza a importância do som das palavras que se repetem, da cadência das frases. Na parte final, forçamos ainda a sonoridade entre “mim” e “assim” na

língua portuguesa. A seguir encontram-se grifadas tanto as partes com som similar quanto as repetições importantes:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
— Bien sûr. <b>Quand tu trouves un diamant qui n'est à personne, il est à toi. Quand tu trouves une île qui n'est à personne, elle est à toi. Quand tu as une idée le premier, tu la fais breveter : elle est à toi.</b> Et <b>moi</b> je possède les <b>étoiles</b> , puisque <b>jamais personne</b> avant <b>moi n'a songé à les posséder.</b>	—Claro. <b>Quando você</b> acha um diamante que não é de ninguém, <b>ele é seu. Quando você</b> encontra uma ilha, que não pertence a alguém, <b>ela é sua. Quando você</b> tem uma ideia, antes dos outros, você a registra, então <b>ela é sua.</b> Eu possuo estrelas pois ninguém, antes de <b>mim</b> , pensou em possuí-las <b>assim...</b>

No capítulo XIV, destacamos mais um trecho e nossas soluções. Aqui reforçamos a palavras com final em “-ão” (lâmpião, não, população), trocando, inclusive, “une planète sans maison” por “um planeta que não tinha casas”:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
La cinquième planète <b>était</b> très curieuse. <b>C'était</b> la plus petite de toutes. Il y <b>avait</b> là juste <b>assez</b> de place pour <b>loger</b> un <b>réverbère</b> et un allumeur de réverbères. Le <b>petit</b> prince ne <b>parvenait</b> pas à <b>s'expliquer</b> à quoi pouvaient servir, quelque part dans le ciel, sur une planète sans <b>maison</b> , ni <b>population</b> , un <b>réverbère</b> et un allumeur de <b>réverbères</b> . Cependant il se <b>dit</b> en <b>lui-même</b> :	O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. <b>Tinha</b> o tamanho certo para caber um <b>lâmpião</b> e um acendedor de lâmpíões. O pequeno príncipe não <b>conseguia entender</b> qual <b>serventia teria</b> , em alguma parte do céu, num planeta que <b>não tinha</b> casas nem <b>população</b> , um <b>lâmpião</b> e um acendedor de lâmpíões. Entretanto, disse a si mesmo:

Neste trecho, forçamos a tradução escrevendo “quando escurecia” para buscar uma aproximação com “acendia” e “dia”. Ao longo das tentativas deste trabalho, propusemo-nos evitar fazer grandes mudanças na natureza dos termos utilizados na tradução:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
— Je fais là un <b>métier</b> terrible. <b>C'était</b> raisonnable <b>autrefois</b> . <b>J'éteignais</b> le matin et <b>j'allumais</b> le <b>soir</b> . <b>J'avais</b> le <b>reste</b> du jour pour me <b>reposer</b> , et le <b>reste</b> de la <b>nuit</b> pour <b>dormir</b> ...	—Faço um trabalho terrível. Antigamente era razoável. Eu o apagava de manhã e o <b>acendia</b> quando <b>escurecia</b> . Tinha o <b>resto</b> do <b>dia</b> para descansar e o <b>resto</b> da noite para dormir...

Mais um exemplo, através deste trecho, do foco nas formas verbais para atingir a rima:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
—Ta planète est <b>tellement</b> petite que tu en fais le tour en trois <b>enjambées</b> . Tu n'as qu'à <b>marcher</b> <b>assez lentement</b> pour <b>rester</b> toujours au soleil. Quand tu <b>voudras</b> te <b>reposer</b> tu <b>marcheras</b> ... et le jour <b>durera</b> aussi longtemps que tu <b>voudras</b> .	—O seu planeta é tão pequeno que você pode <b>dar</b> a volta nele com três passadas. Basta <b>andar</b> bem <b>devagar</b> , de modo a <b>ficar</b> sempre ao sol. Quando quiser <b>descansar</b> , ande... e o dia vai <b>durar</b> o tempo que você <b>desejar</b> ...

No capítulo XV, destacamos na tradução uma leve aliteração de “v” logo na abertura dele, apesar de nem todas as palavras estarem distantes:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
La sixième planète <b>était</b> une planète dix fois plus vaste. Elle <b>était</b> habitée par un vieux Monsieur qui <b>écrivait</b> d'énormes livres.	O sexto planeta era dez <b>vezes</b> mais <b>vasto</b> . <b>Habitava</b> nele um <b>velho</b> senhor que <b>escrevia</b> <b>livros</b> enormes.

No capítulo XVI, pode-se verificar as tentativas de rima em trechos como este, no qual utilizamos a palavra “dimensions” traduzida para o singular “dimensão”, no sentido de um todo:

Texto de partida – Saint-Exupéry, 2007	Nossa tradução
<p>Pour vous <b>donner</b> une <b>idée</b> des <b>dimensions</b> de la <b>Terre</b> je vous <b>dirai qu'avant l'invention</b> de l'électricité on y <b>devait</b> entretenir, sur l'ensemble des six <b>continents</b>, une véritable <b>armée</b> de quatre <b>cent</b> soixante-deux mille cinq <b>cent</b> onze allumeurs de <b>réverbères</b>.</p>	<p>Para lhes dar uma <b>noção</b> da <b>dimensão</b> da Terra, diria que, antes da <b>invenção</b> da eletricidade, devíamos manter, para o conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampiões.</p>

À medida que o Pequeno Príncipe vai conhecendo e conversando com os personagens nestas visitas a cada planeta, percebemos que o ritmo do diálogo quebra em muito a possibilidade de se fixar a rima sem prejudicar o sentido. Tal como ocorreu no capítulo XI, o mesmo ocorre neste e nos próximos, sendo que por isso sempre destacamos as partes nas quais houve um maior número possível de ocorrências de rima do texto de partida que puderam ser reproduzidas no texto de chegada – ou que pelo menos a tentativa tenha sido bem-sucedida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de dar início às minhas considerações finais, quero adicionar um fato não mencionado nas páginas anteriores: minha paixão pessoal pela obra em questão. Razões para justificá-la eu tenho muitas, dentre elas, o fato de este ter sido o primeiro texto que li em língua francesa, com a ajuda de um dicionário bilíngue (português/francês). Era o esforço de um menino de oito, que se dedicava àquele idioma com o mesmo afinco que se dedicara anteriormente aos estudos autodidáticos da língua inglesa, em virtude de seus pais não terem

condições financeiras de matriculá-lo num curso de idiomas. Aquele menino que achava estranha a confusão de carneiro com bode, pois nas figuras, o que era trazido como bode se parecia muito mais com as cabras que vagavam em sua vizinhança; aquele menino que se encantara com uma raposa que, ao invés de dar uma de esperta e aplicar algum golpe, trazia lições sobre cativar amizades, mesmo que o drama da saudade ousasse bater à sua porta. Aquelas palavras perduraram em sua vida, vieram outras, mais autores – Monteiro Lobato, Machado de Assis, Molière, Cervantes, Shakespeare, Twain – e a figura do príncipezinho sempre permaneceu ativa em sua vida.

Quando me foi dada esta oportunidade de tentar fazer minha própria tradução como objeto de um trabalho de pós-graduação, tive que desvencilhar-me desta paixão, deixá-la em repouso numa gaveta e ser mais científico e menos emocional. Teria que aventurar-me pelas linhas de Saint-Exupéry como um investigador que, com o recurso da leitura em voz alta, tentou, menos não sendo um falante nativo da língua francesa, destacar os trechos com rima e/ou sonoridade forte no texto-fonte, na prerrogativa de buscar reproduzi-los no trabalho. Atuaria como um legista periciando o “corpo”, anotando suas evidências e, posteriormente, partindo à execução de seu “laudo”. A partir daquele tempo, aquele “corpo”, o texto-fonte estaria sob meus cuidados para ser bem cuidado e jamais vilipendiado.

Ao longo deste percurso, houve momentos de muito aprendizado e luta advindos dos desafios encontrados ao longo da jornada. Infelizmente havia muitas pessoas que achavam tanto a tradução de literatura infantojuvenil quanto *Le Petit Prince* temas vazios e simplórios demais para a Academia, destinada, segundo aquelas pessoas, aos estudos dos clássicos, dos romanos, dos gregos, dos alemães, e daqueles franceses cujas obras passam das duzentas de páginas ou com valor histórico considerável. O que dizer de um livro (dito estar) segmentado aos concursos de misses? Um exemplar de literatura barata e batida? E o que trazer de novo enquanto as novas traduções pipocavam aos montes nas livrarias, sob a regência de grandes editoras, cada uma trabalhando a favor da sua própria letra, da sua verdade alongada por aquelas páginas? Cada um defendendo seu “carneiro” ou “ovelha”, chegando ao ponto de usar vários termos diferentes num mesmo parágrafo...

Como se não bastassem as dificuldades e desafios anteriores, o que dizer então do caleidoscópio de teorias da tradução? Comecei este trabalho falando dos desafios do tradutor (estrangeirizar ou domesticar, por exemplo), e, entre outros dilemas, já cheguei ao ponto de encontrar referências sobre minhas convicções sobre tradução em mais de uma teoria ao mesmo tempo, infelizmente. Ao fim, acabo por perceber que utilizar uma teoria é como ser um alquímico na busca pela fórmula que lhe dê o que busca. Um texto domesticado demais passa

(quase) a imagem de uma origem brasileira, a não ser até o momento quando o leitor ver na capa o nome do autor; um texto estrangeirizado leva à uma leitura de negociação com aquela cultura de partida, tal como visitar um país para entender seus falares e costumes.

Neste trabalho a parte teórica, principalmente a Hermenêutica da Tradução, serviu para reforçar minha crença na compreensão e interpretação do texto e suas ideias, em benefício da fidelidade ao sentido. Um exemplo disso, além dos provérbios trazidos por Berman (2007) ou de tradução literal de Rónai (2012b), apresento aqui um tema que eu sempre trouxe à tona que são as expressões idiomáticas com cores: “*voir la vie en rose*” como “*ver a vida cor de rosa*”, ambas no sentido de encarar a vida de forma feliz, otimista ou “*être rouge de honte*” como “*estar vermelho de vergonha*”. Os ensinamentos de Ricoeur (2013) sobre a interpretação, utilização das metáforas, apropriação do sentido, que explica:

Aquilo de que importa apropriar-se é o sentido do próprio texto, concebido de um modo dinâmico como a direção do pensamento aberta pelo texto. Por outras palavras, aquilo de que importa apropriar-se nada mais é do que o poder de desvelar um mundo, que constitui a referência do texto. Desta maneira, estamos o mais longe possível do ideal romântico de coincidir com uma psique alheia. Se se pode dizer que coincidimos com alguma coisa não é com a vida interior do outro ego, mas com o desvelamento de um modo possível de olhar para as coisas, que é genuíno poder referencial do texto. (RICOEUR, 2013, p.129-130, grafia adaptada ao português brasileiro)

Para explicar ou resumir minha teoria para fazer esta tradução de *Le Petit Prince*, posso destacar que o meu público-alvo é o infantil/infanto-juvenil, ao qual tentei reproduzir no texto de chegada em língua portuguesa a sonoridade que pude encontrar na prosa francesa. Não se trata de um *Le Petit Prince* em rimas; é uma maneira que encontrei de fomentar e discutir este tipo de tradução dentro da área de literatura infantojuvenil. Alguns livros, por conta de vários fatores editoriais como formato, cores, idade, tipo de autor, já são feitos para serem lidos em voz alta. Não era o caso deste, ou, pelo menos pelo que encontrei ao longo de minha pesquisa, quando pude perceber um Saint-Exupéry, durante seu exílio forçado nos Estados Unidos, bem mais preocupado em escrever um conto de Natal para agradar seu editor, o qual contaria com imagens, que não constam nos outros livros do autor, assim como um enredo bem mais focado aos valores intrínsecos das relações humanas, do que um autor obcecado por métrica, ritmo e outros fatores estritamente ligados à sonoridade.

Ao longo dos estudos, ao ter contato com colegas, professores, tradutores profissionais, entre outros, pude perceber quem atua na profissão muitas vezes não tem tempo para ficar divagando sobre esta ou aquela teoria e sua aplicabilidade naquele texto ou obra em questão, o que acaba sendo feito através de palestras, textos em páginas da internet, conversas informais,

oficinas de tradução, entre outros. Contudo, não defendo aqui que sejam ignoradas as teorias da tradução. Pelo contrário, creio que há ainda que se trabalhar nelas e, principalmente, na didática de exposição das mesmas. É um universo bem amplo, às vezes contraditório, no qual vejo que o suporte dos professores e teóricos faz a diferença, inclusive quando exemplos práticos são dados. Mesmo que possa parecer perda de tempo, quando alguém o uso de algumas teorias nas salas de aula da graduação, pós-graduação, em oficinas ou palestras, pessoas como eu, recém-chegadas ou não ao curso, terão a oportunidade de vivenciar e conhecer situações que, posteriormente poderão vir a ocorrer diante daquele estudante de tradução.

Gostaria de destacar, ainda, a importância que teve para mim neste estudo a Hermenêutica da Tradução. Vindo da minha formação de professor de idiomas, ao analisar algum texto a fim de traduzi-lo ou então para alguma correção, meu foco era principalmente as palavras, essa busca incessante de manter até a ordem dos fatores, muitas vezes prejudicando o sentido, exceto na tradução técnica, na qual mais tive experiência de trabalho até então. Quando tive a oportunidade de fazer a disciplina de Hermenêutica da Tradução, pude educar o olhar e ver muito além, ter acesso à escrita criativa e à própria criatividade em tradução; pude perceber que é possível tentar reproduzir no texto de chegada muita coisa que esteja no texto de partida – afinal, este é um dos propósitos da tradução – sendo que tal atividade é mais facilitada quando levamos em conta muito mais o sentido. Como na tradução literária temos, em geral, mais tempo do que numa interpretação numa conferência por exemplo, uma das vantagens é poder, com o tempo, trabalhar as palavras e frases, muitas vezes destacando até alguns fatores que não foram ressaltados numa primeira leitura.

*Le Petit Prince* e as outras obras de Saint-Exupéry merecem um estudo à parte, mais voltado à literatura francesa, o qual possa desbravar, entre outros fatores, a relação que o autor possui com cada uma de suas obras. Em *Le Petit Prince*, das várias curiosidades que encontramos, foi o uso excessivo do numeral “seis” ao longo da obra. Logo no capítulo I, ele usa o numeral para dizer sobre sua idade e contar-nos sobre o momento quando viu uma imagem no livro; ele visita seis planetas antes de chegar à Terra e encontrar seis personagens; após ter se encontrado com a raposa, ele enumerou seis ações que ele realizou por sua rosa<sup>27</sup>. Como

---

<sup>27</sup> Vous êtes belles, mais vous êtes vides, leur dit-il encore. On ne peut pas mourir pour vous. Bien sûr, ma rose à moi, un passant ordinaire croirait qu'elle vous ressemble. Mais à elle seule elle est plus importante que vous toutes, puisque c'est elle que j'ai arrosée. Puisque c'est elle que j'ai mise sous globe. Puisque c'est elle que j'ai abritée par le paravent. Puisque c'est elle dont j'ai tué les chenilles (sauf les deux ou trois pour les papillons). Puisque c'est elle que j'ai écoutée se plaindre, ou se vanter, ou même quelquefois se taire. Puisque c'est ma rose. (Saint-Exupéry, 2015, p.91-92, grifos nossos).

neste trabalho a questão foi traduzir e expressar a sonoridade, não entramos no simbolismo deste numeral e dos outros que encontramos na obra, bem como outras particularidades que não influenciariam nesta tradução.

## REFERÊNCIAS

ALVSTAD, C. **Children's literature and translation**. In: GAMBIER, Y.: VAN DOORSLAER, L. (Ed.). Handbook of translation studies. Philadelphia: John Benjamins, 2010. p.22-7

AVOLIO, Jelssa Ciardi e FAURY, Mára Lucia. **Dicionário Escolar Francês-Português e Português-Francês**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 38. ed. rev. ampl.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

**Bíblia Sagrada**. Revista e atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p.

BRITO, Ana Maria et al. **Gramática comparativa Houaiss: quatro línguas românicas: português, espanhol, italiano e francês**. São Paulo: Publifolha, 2013. 1ª reimpr. da 1ª ed.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CERISIER, Alban e LACROIX, Delphine. **A bela história do Pequeno Príncipe**. Tradução de Maria Helena Rouanet; Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Agir, 2013. 1.ed. 224p.

CORRÊA, Mônica Cristina. **Pósfacio**. In: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013. 6.ed.

DEBOWIAK, Przemyslaw. **Os diminutivos no português europeu e no português do Brasil. Um estudo quantitativo**. XI Congresso AIL – Associação Internacional de Lusitanistas. Praia: Universidade de Cabo Verde, 2014. Disponível em: <http://www.unicv.edu.cv/images/ail/63Debowiak.pdf>

Dicionário Larousse Português-Francês e Francês-Português. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008. 2.ed. Versão mini.

GILL, José. **A Profundidade e a Superfície**. Ensaio sobre O Príncipezinho de Saint-Exupéry. Tradução de Constança Metello de Seixas. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003.

HEIDERMANN, Werner. **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC, 2010. V. 1. 344p.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LATHEY, Gillian (ed.). **The Translation of Children's Literature: A Reader**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1946. Tomo II.

MACEDO, Walmirio. **O livro da semântica: estudo dos signos linguísticos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 3.ed.

NIDA, Eugene Albert. **Contexts in Translating**. Amsterdam: John Benjamins B.V., 2001.

NORD, C. **Proper Names in Translations for Children: Alice in Wonderland as a Case in Point**. *Meta* 48, n.1-25 p. 182-96, 2003

OITTINEN, Riitta. **Translating for Children**. New York/London: Garland P., 2000.

O'CONNELL, Eithne. "Translating for Children". In: LATHEY, Gillian (ed.). *The Translation of Children's Literature: A Reader*. UK: Multilingual Matters, 2006. p. 15-24.

RICOEUR, Paul. **Sur la traduction**. Paris: Bayard, 2004. 3e tirage.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação: O discurso e o excesso de significação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2013. Biblioteca de Filosofia Contemporânea, volume 2.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Francês-Português/Português-Francês**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2012b.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Le Petit Prince**. Paris : Éditions Gallimard Jeunesse, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 53.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2015.

SEVERSON, Marilyn S. **Masterpieces of French Literature**. Westport: Greenwood Press, 2004.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação**. Tradução e apresentação de Celso Reni Braida. Petrópolis: Vozes, 1999. 3.ed.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. Athens and London: The University of Chicago Press, 1986.

SUTHERLAND, Z., D.L. Monson and M.H. Arbuthnot. **Children and Books**. Glenview: Scott, Foresman, 1981.

## APÊNDICE A

### Relação das traduções da obra

**“*Le Petit Prince*” para o português brasileiro disponíveis no mercado de Florianópolis -  
SC<sup>28</sup>**

---

<sup>28</sup> Disponíveis nas grandes livrarias no mercado de Florianópolis – SC. Não contam aqui os e-books, livros eletrônicos, que poderiam ser adquiridos pela internet.

<b>Tradutor (a/es) em ordem alfabética</b>	<b>Local e Editora</b>	<b>Ano de Publicação</b>	<b>Observações</b>
André Teles e Rodrigo Lacerda	Rio de Janeiro/ Zahar	2015	
Ari Roitman	Rio de Janeiro / Garamond	2015	
Bruno Anselmi Mantagrano	São Paulo / Giz Editorial	2015	
Carlos Nougué	Rio de Janeiro / Petra	2016	
Denise Bottmann	São Paulo / Novo Século	2015	
Dom Marcos Barbosa	Rio de Janeiro / Agir	1979	20ª edição
	Rio de Janeiro / Agir	2006	48ª edição
	Rio de Janeiro/ HarperCollins Brasil	2015	53ª edição <sup>29</sup>
Ferreira Gullar	Rio de Janeiro / Agir	2015	2ª edição
Frei Betto	São Paulo/ Caminho Suave	2015	2ª edição /A consultada foi a edição de bolso.
Gabriel Perissé	Belo Horizonte / Autêntica	2015	
Guilherme Miranda	São Paulo / Pandorga	2017	
Herculano Villas-Boas	São Paulo/ Martin Claret		
Isolina Bresolin Vianna	São Paulo / Via Leitura	2015	
Ivone C. Benedetti	Porto Alegre / L&PM	2015	
Mônica Cristina Corrêa	São Paulo / Companhia das Letrinhas	2015	
Raimundo Gadelha	São Paulo / Escrituras	2015	
Raphael Luiz de Araújo	São Paulo /Universo dos Livros	2015	
Rodrigo Tadeu Gonçalves	São Paulo / Vozes	2015	

<sup>29</sup> Edição sem as aquarelas de Saint-Exupéry, que foram substituídas por imagens do filme de Mark Osborne (2016), quando nele são apresentadas cenas com referência direta ao livro *Le Petit Prince*.

**APÊNDICE B -  
COMPARAÇÃO DAS TRADUÇÕES PARA OS TERMOS  
“MOUTON” E “BÉLIER”:**

<b>Tradutores</b>	<b>Tradução para o termo “<i>mouton</i>”</b>	<b>Tradução para o termo “<i>bélier</i>”</b>
-------------------	--	--

André Teles e Rodrigo Lacerda; Ari Roitman; Bruno Anselmi Montagrano; Dom Marcos Barbosa; Ferreira Gullar; Gabriel Perissé; Isolina Bresolin Vianna; Raphael Luiz de Araújo	carneiro	bode
Carlos Nougé; Ivone Benedetti; Herculano Villas-Boas; Rodrigo Tadeu Gonçalves	ovelha	carneiro
Denise Bottmann	carneiro	marrão
Mônica Cristina Corrêa	carneiro/ carneirinho	carneiro adulto
Frei Betto	<sup>30</sup> carneirinho/ ovelha/carneiro	bode

**APÊNDICE C -  
DIFERENCIAÇÃO DOS TERMOS “MOUTON”, “BÉLIER”, “BRÉBIS” E “BOUC”  
NA LÍNGUA PORTUGUESA:**

---

<sup>30</sup> Tal como pode ser visto, nesta sequência de utilização da palavra, nas páginas 12 e 13 (“carneirinho” para “mouton”), página 14 (“ovelha” para “mouton”), página 14, última linha (“carneiro” para “mouton”) de sua tradução.

Vocabulo na língua francesa:	Correspondência na língua portuguesa, conforme referências lexicais <sup>31</sup> :	Definição segundo o <i>Portail Lexical</i> da CNRTL <sup>32</sup>
<i>mouton</i>	carneiro	<sup>33</sup> Mamífero ruminante doméstico da família dos Ovinos, no qual o macho possui chifres, de tamanho médio, com dorso... (tradução nossa)
<i>bélier</i>	carneiro	<sup>34</sup> Macho não castrado da ovelha, reservado à reprodução. ” (tradução nossa)
<i>brébis</i>	ovelha	<sup>35</sup> Na [raça ovina] Fêmea adulta. (tradução nossa)
<i>bouc</i>	bode	<sup>36</sup> Mamífero ruminante doméstico da família dos Ovinos, no qual o macho possui chifres, de tamanho médio, com dorso... (tradução nossa)

<sup>31</sup> Aqui no caso utilizamos como referências os dicionários bilíngues Paulo Rónai e Larousse.

<sup>32</sup>*Portail Lexical – Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*. Disponível em <http://www.cnrtl.fr/definition/>

<sup>33</sup> Mammifère ruminant domestique de la famille des Ovinés dont le mâle porte des cornes, de taille moyenne, à l'épaisse toison laineuse, élevé en troupeau pour sa chair, son cuir, sa laine et son lait, dont on tire en outre certains sous-produits : lanoline, graisse.

<sup>34</sup> Mâle non châtré de la brebis, réservé pour la reproduction.

<sup>35</sup> Dans la [race ovine] Femelle adulte.

<sup>36</sup> Mammifère ruminant domestique de la famille des Ovinés dont le mâle porte des cornes, de taille moyenne, à l'épaisse toison laineuse, élevé en troupeau pour sa chair, son cuir, sa laine et son lait, dont on tire en outre certains sous-produits : lanoline, graisse.